

Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 25 de Agosto de 1994 • Preço: 150\$00 (IVA incluído) • N.º 1080 • Director: Carlos Brito

MELHORES SALÁRIOS

Questão central da luta dos trabalhadores

Pág. 6, centrais e 20

A Regionalização e as sete pragas do Egipto

• Artigo de Carlos Luís Figueira
Págs. 8 e 9

O liberalismo selvagem

• Miguel Urbano Rodrigues
Pág. 13

Barreiro quer terminal rodo-ferro-fluvial

Pág. 4

Festa
Avante!

2.3.4
SETEMBRO
ATALAIA • AMORA • SEIXAL

Só falta uma semana para a Festa

Neste Suplemento: Transportes • Organizações • Excursões • Juventude • Teatro • Palcos e espectáculos • Organizações • Desporto

Número especial do «Avante!»

À semelhança do ano passado vai estar à venda durante a Festa uma edição especial do nosso jornal.

A partir de segunda-feira, dia 5 de Setembro, em todo o país, o jornal poderá ser levantado nos locais normais de distribuição para venda nas organizações. Como no ano que passou o envio desta remessa será feita à consignação só sendo pagos os jornais que efectivamente se venderem. Contamos com a colaboração dos responsáveis pela difusão e venda para que esta edição especial seja um êxito político e também um êxito comercial.

Quaisquer pedidos de esclarecimento ou reforço de remessas deverão ser solicitados pelo telefone 815 34 87 ou pelo fax 815 34 95 até ao dia 29/8/94.

Barreiro bate-se pelo terminal Rodo-Ferro-Fluvial

A forma como tem vindo a ser desenvolvido o processo de construção do Terminal Rodo-Ferro-Fluvial do Barreiro, obra de extrema importância para o desenvolvimento do concelho, tem levantado, muito justamente, algumas questões, relativamente às quais a Câmara Municipal do Barreiro decidiu tomar pública posição.

Em comunicado à população, os responsáveis de edilidade começam por recordar que sempre foi atribuída «a maior importância à reestruturação e modernização do Terminal Rodo-Ferro-Fluvial do Barreiro com o objetivo de garantir as condições indispensáveis de eficiência, conforto e segurança às dezenas de milhares de passageiros que o utilizam diariamente».

«O Terminal deverá ainda estar preparado — recorda o comunicado — para poder dar resposta ao desenvolvimento previsto para a cidade do Barreiro e para a região envolvente, servindo também para as deslocações de populações de concelhos vizinhos».

Neste sentido, a CMB sempre se disponibilizou para colaborar empenhadamente na resolução deste problema. Para além da colaboração técnica que foi prestada ao longo de todo o processo quer à DGTT e ao Grupo de Trabalho para o Ordenamento do Terminal do Barreiro (GTOTB) quer directamente às equipas técnicas encarregadas de desenvolver os projectos. A CMB assumiu mesmo a responsabilidade da execução de alguns projectos de obras consideradas essenciais para o bom funcionamento do Terminal.

Foi o caso dos projectos do prolongamento da Av. da Liberdade e da Passagem Desnívelada na Recosta e também de projectos de saneamento locais cujo encargo foi suportado pela CMB.

Demonstrando de forma inequívoca o seu empenhamento em contribuir para desbloquear o processo, a Câmara assinala ainda que propôs à DGTT, em 1992, apresentar uma candidatura municipal a financiamento comunitário para a realização das obras complementares — Passagem Desnívelada e outras — o que foi recusado pela Administração Central.

Durante o período em que o processo foi conduzido pela DGTT e pela Transtejo, a CMB apreciou, produziu e aprovou recomendações, juntamente com outras entidades representadas no GTOTB, projectos de execução muito completos, bem fundamentados e tecnicamente bem elaborados que ficaram na sua totalidade concluídos em 1991 e que teriam permitido executar todas as obras necessárias ao reordenamento do Terminal.

Revisão dos projectos

Entretanto, assinala a Câmara do Barreiro, com a construção da nova ligação ferroviária Pinhal Novo-Almada e a ligação a Lisboa através da Ponte 25 de Abril, que o Governo prevê esta já concluída em 1998, e ainda com a perspectiva da criação de uma linha de comboio ligeiro sobre o traçado da antiga ligação ferroviária ao Seixal, admite-se naturalmente a necessidade de rever os projectos anteriormente aprovados de forma a que possam corresponder às novas características desta interface de transportes.

Esta adaptação consistirá nomeadamente na deslocação do terminal ferroviário para Sul dos terminais fluvial e rodoviário, conduzindo à reformulação da solução de acessos do projecto da gare e à realocação das zonas destinadas a usos complementares, a espaços livres e a áreas de reserva.

Neste contexto, em Janeiro de 1994, a CP apresentou à CMB uma proposta de ocupação dos terrenos que constituem a área do Terminal Rodo-Ferroviário e Fluvial do Barreiro.

Trata-se de um estudo esquemático indevidamente designado por plano de pormenor, que refere dois aspectos. Um referente à construção do Terminal propriamente dito enquanto interface de transportes e outro referente à ocupação das áreas sobranças das instalações do

Terminal e das áreas resultantes da futura desactivação do actual Terminal Ferroviário.

Preocupações da Câmara

Quanto ao primeiro aspecto, construção do Terminal nas novas condições estabelecidas, a CMB comunicou à CP o seu acordo de princípio com a solução esquemática apresentada, recomendando contudo o aprofundamento e fundamentação do estudo.

A CMB manifestou ainda as suas preocupações quanto à resolução eleita pela CP para a fase provisória, com a entrada em funcionamento em 1995 dos terminais fluvial e de autocarros em ligação com o terminal ferroviário existente que estará em funcionamento pelo menos até 1998.

Preocupações essas que se referem essencialmente à comunidade e segurança dos utentes do terminal que utilizam os transportes rodoviários colectivos: dispersão de pontos de embarque e desembarque, atravessamento da linha férrea, circulação pedonal, espaços de espera, instalações de apoio para utentes e operadores, etc.

Relativamente ao segundo aspecto, a CMB indeferiu a ocupação habitacional proposta (cerca de 1000 fogos) porque contrariava as disposições do PDM para aquela área. Os usos complementares admissíveis de acordo com o disposto no PDM são usos do sector terciário: equipamentos e instalações comerciais e de serviços.

Destaca-se a oportunidade de localização de instalações de hotelaria, espaços para escritórios e serviços, eventualmente um centro comercial de qualidades, piscinas, ginásios, serviços



e comércio de apoio à fruição do rio, etc.

Os usos previstos permitem a rentabilização selectiva das áreas sobranças contribuindo para a requalificação das zonas marginais que nas faixas imediatamente confinantes com o rio nos limites Norte e Sul desta área devem preservar-se como espaços livres de passeio público.

Em Julho de 1994, a CP apresentou para apreciação camarária novos elementos, desta feita designados como projectos de execução.

Além de não terem sido atendidas as questões levantadas pela Câmara quando da apreciação do primeiro estudo, os projectos apresentados estão de tal forma incompletos e não fundamentados que dificilmente se pode proceder à sua análise, segundo refere o comunicado.

Mesmo assim, constataram-se graves deficiências de princípio e de pormenor que não permitem a sua aprovação.

Por outro lado, considera a Câmara que os projectos apresentados não constituem também elemento suficiente para

com segurança se poderem lançar as obras e proceder à respectiva fiscalização.

Neste quadro, a CMB deu conhecimento do seu parecer à CP aguardando agora a apresentação de novos projectos de execução relativos ao edifício da gare, acessos e estacionamento incluindo os projectos da infra-

-estruturas de águas e saneamento, de electrificação e de iluminação pública e telecomunicações.

No seu comunicado à população, a CMB reafirma por último que continuará atenta à evolução deste processo e tudo fará para que o Terminal Ferro-Rodo-Fluvial seja uma realidade.

Verdes alertam para o perigo da «Superfénix»

Na passada semana, o Partido Ecologista «Os Verdes» entregou uma «Carta Aberta» na Embaixada de França de Lisboa, protestando contra a decisão do governo francês de reactivar a central nuclear «Superfénix».

Este «sobregedor» nuclear, como explicam os ecológicos numa nota à imprensa, arrancou em 1986 e desde essa data só tem funcionado a 6 ou 7 por cento das suas capacidades. Isto acontece devido aos sucessivos acidentes ocorridos, aos problemas levantados com a segurança e o armazenamento de plutónio e às dificuldades em controlar os incêndios neste tipo de reactores que utilizam sódio no processo de arrefecimento. Por outro lado, a perigosidade reside no facto deste reactor funcionar a partir de plutónio, matéria altamente tóxica e radioactiva que tem mais de 24 mil anos de «vida». A inalação de apenas um miligrama desta matéria provoca um cancro nos pulmões nos dez anos seguintes.

Em caso de acidente nesta central, a amplitude da catástrofe seria superior à ocorrida em Tchernobyl.

«A reafirmação desta opção por parte do governo francês vem aumentar ainda mais os perigos que a política nuclear faz correr à Humanidade e à vida no planeta», conclui a nota dos ecologistas.

Flores com melhores ligações

A transportadora aérea açoriana, Sata-Air Açores, garantiu uma melhoria das ligações para a ilha das Flores no próximo Inverno, através da introdução de mais um voo em avião «atp».

Numa nota distribuída à imprensa, a propósito de um requerimento do deputado comunista Paulo Valadão, a administração da companhia assegura que no período de Inverno a ilha mais ocidental do arquipélago terá voos diários de segunda a sexta-feira.

O deputado do PCP à assembleia regional, recorde-se, considerou que a falta de voos para as Flores no fim-de-semana se reflecte negativamente na actividade turística local.

Direitos humanos em Timor-Leste

Genebra apreciou um projecto de resolução relativo à questão de Timor-Leste.

O projecto de resolução manifesta «profunda preocupação» pelas violações dos direitos humanos em Timor-Leste e exorta a Indonésia a cumprir as resoluções anteriormente aprovadas na ONU.

Os autores do texto propõem que a subcomissão expresse a sua preocupação com os relatos de «contínuas violações dos direitos humanos em Timor-Leste», destacando as detenções e maus-tratos a que são sujeitas pessoas que «exercem pacificamente os seus direitos e liberdades, como a liberdade de opinião e expressão».

O projecto de resolução refere-se ainda a informações relativas à transferência forçada de prisioneiros timorenses da sua zona de resi-

dência para prisões na Indonésia, o que contraria as leis internacionais.

Perante estas informações, a subcomissão deverá, no entender dos subscritores da resolução, exortar as autoridades indonésias a cumprir a Convenção de Genebra relativa à protecção de civis em tempo de guerra, da qual consta a proibição de transferir prisioneiros das suas zonas de residência.

Por outro lado, o projecto de resolução, de cinco pontos, expressa «satisfação» pelas facilidades concedidas no acesso a Timor-Leste e pela visita ao território do relator especial das Nações Unidas para as execuções extrajudiciais, sumárias ou arbitrarias.

Por último, é proposto à subcomissão que decida voltar a analisar a situação em Timor-Leste na sua próxima sessão.

Comunidade «reflecte» futuro das hortifrutícolas Governo nada diz!

Na conferência de imprensa dada a semana passada, a Comissão Política do PCP acusou o Governo de não informar os agricultores sobre o «Documento de Reflexão sobre o futuro do sector das frutas e legumes na União Europeia», tornado público pela Comissão das Comunidades em finais de Julho passado.

«A primeira anotação que a Comissão Política faz, face à gravidade das propostas comunitárias, é denunciar a passividade do Governo do PSD e do seu Ministério da Agricultura.

Passado mais de meio mês, ainda não encontrou disponibilidade para informar os agricultores e os próprios partidos da oposição. A semelhança do acontecido com a «Reforma da PAC» e mais recentemente com a «Reforma da Organização Comum de Mercado (OCM) dos Vinhos» (ainda não concluída), o Governo desvaloriza gravemente o necessário empenhamento dos agricultores portugueses e das suas organizações, e das outras forças políticas, na defesa do interesse nacional. O Governo remete-se, mais uma vez, a uma posição defensiva e sem estratégia face aos graves projectos comunitários, com a agravante de agora se destinarem ao sector com maior peso na economia agrícola nacional (cerca de 35% do Produto Agrícola Bruto vegetal) e onde era anunciado Portugal dispor de vantagens comparativas.

As reflexões e propostas avançadas pela Comissão para a OCM das hortifrutícolas confirmam, mais uma

vez, a dualidade de critérios que presidem às decisões agrícolas comunitárias, conforme estão em causa produções com mais peso no Norte ou no Sul da Europa, e denunciam o real objectivo da estratégia que levou os órgãos comunitários a seccionar a reforma da Política Agrícola Comum por diversos pacotes de produções, em vez da sua consideração integrada e global.

O documento de reflexão toma a agricultura da Comunidade como uma realidade homogénea, tendo como padrão as agriculturas dos países mais desenvolvidos do Centro e Norte da Europa.

Ignora realidades edafoclimáticas, económicas e sociais e não tem em conta as diferentes situações do Mundo Rural, tudo submetendo a uma lógica fundamentalista do mercado, onde a competitividade é tida como critério universal e único do desenvolvimento, diga-se desenvolvimento capitalista, agora já à escala mundial e não apenas no espaço comunitário.

É significativo que num texto da Direcção Geral de Agricultura da CE, que acompanha o Documento de Reflexão, se afirme que «o objectivo do Uruguay Round

não é certamente o de reforçar a preferência comunitária», e mais adiante, que «as conclusões do Uruguay Round são parte integrante da nova situação para o sector das frutas e hortícolas frescos».

Tudo apontava para que a Comunidade delineasse uma reforma que incentivasse uma maior produção, em particular no subsector das frutas, e reforçasse os apoios aos produtores: a Comunidade é forte importadora destas produções, não há défices estruturais significativos, as tendências e a capacidade de crescimento do consumo são reais nalguns países, são culturas de que podem retirar vantagens económicas e sociais as agriculturas e economias de alguns países menos desenvolvidos da Comunidade. Mas é mais uma vez a redução da produção e a diminuição do número de produtores que as reflexões da Comissão estabelecem como meta, agora pela via do mercado, pela completa liberalização das importações de fora da Comunidade e substancial redução das ajudas públicas à retirada de excedentes ocasionais ou sazonais.

É conhecido que o sector das frutas e hortícolas frescos em Portugal, a par da vitivinicultura, apresenta vantagens naturais comparativas relativamente a outros países.

Mas nem este sector escapou do descalabro que atingiu a agricultura após a ade-

ção à CE, como o demonstra o crescimento gigantesco das importações.

Com a reforma que se desenha desta OCM, a situação ir-se-á agravar:

- As Organizações de Produtores serão desincentivadas pela diminuição de um dos seus atributos mais importantes, como é a retirada das produções em situações ocasionais de excedentes;

- a grande maioria dos fruticultores abandonarão a produção devido ao abaixamento do preço de retirada que já em si mesmo é bastante inferior (cerca de 50%) ao preço indicativo;

- as maiores exigências das normas de qualidade irão reforçar a queda da produção, o mesmo se verificando quanto às exigências de adopção de técnicas de protecção integrada (menor consumo de químicos) em nome da defesa do ambiente, ignorando-se, porém, as diferenças de produtividades abissais, que vão desde as 2.1 toneladas/hectare, em Portugal, às 27.4 t/ha na Alemanha, ou às 17.5 t/ha na Itália;

- as importações vão crescer devido, não apenas ao aumento do consumo, mas fundamentalmente à incapacidade de a produção nacional ter escoamento no mercado (tenha-se ainda em conta as reduzidas quotas de mercado das cooperativas e o volume de produção e número de produtores não associados);

- o défice da balança comercial do sector vai cres-

cer devido à retracção da produção e ao potencial de crescimento do consumo existente, como se torna patente pelo indicador de consumo *per capita* de frutas que em Portugal é de 36 kg, enquanto na CE é de 61 kg, na Espanha de 63 kg, 76 kg na Alemanha, 83 kg na Itália;

- o prazo de transição que se propõe (4 anos) é totalmente inadequado às exigências de reestruturação de uma cultura arbórea cuja entrada em produção, após as plantações, ocorre cerca de 6 anos depois;

- o documento não prevê ajudas ao rendimento, antes as considera incompatíveis com o mercado e tecnicamente inaplicáveis devido à ausência de informação estatística!

O PCP, à semelhança do que fez em anteriores processos de reforma da política agrícola comunitária, empenhar-se-á no esclarecimento do País e dos agricultores sobre este novo atentado à agricultura portuguesa e tomará, na Assembleia da República e no Parlamento Europeu, as medidas necessárias à defesa da hortifruticultura nacional. Exige desde já que o Governo assumira uma posição de rejeição frontal e global do Documento de Reflexão da Comissão, cuja concretização compromete o futuro de um dos sectores que apresenta maior capacidade de sobrevivência no quadro da nova PAC».

Faleceu João Rodrigues

Faleceu, no passado domingo, 21 de Agosto, João Rodrigues que contava 83 anos. Desenhador, litógrafo, natural de Vila Real de Santo António, João Rodrigues aderiu ainda muito jovem ao Partido Comunista Português. Desenvolveu grande actividade na preparação do movimento revolucionário de 18 de Janeiro de 1934 no Algarve.

Preso em Fevereiro de 1934 foi sujeito a espancamentos brutais e outras torturas pelo bando da então PVDE, mais tarde PIDE-DGS.

Foi julgado no Tribunal Militar Especial em Abril de 1934, que o condenou a 14 anos de prisão, tendo sido enviado para a Fortaleza de São João Batista, em Angra do Heroísmo. Em Outubro 1936 foi enviado para o Campo de Concentração do Tarrafal na Ilha de São Tiago - Cabo Verde, onde passou 14 anos seguidos.

Em Março de 1951, depois de 17 anos de cadeia seguidos, foi libertado condicionalmente por quatro anos, prorrogados posteriormente por mais três anos de residência fixada em Vila Real de Santo António, sob a vigilância da GNR local. João Rodrigues passou posteriormente à clandestinidade.

Nas difíceis condições de luta nas prisões fascistas pela defesa da dignidade e direitos dos presos, o camarada João Rodrigues enfrentou sempre com firmeza as propensões dos carcereiros fascistas.

Em 1963, tendo-se exilado para França, adere ao Partido Comunista Francês e participa activamente nas lutas contra o encerramento da empresa onde trabalhava.

Durante vários anos, João Rodrigues trabalhou no Comité nacional do PCF para a "Mão-de-Obra Imigrada" e foi dirigente nacional da Associação das Organizações dos Originários de Portugal (AOP).

João Rodrigues manteve sempre laços de amizade e camaradagem com o Partido Comunista Português.

O Sector da Emigração do PCP enviou à família enlutada uma mensagem de condolências, salientando que «João Rodrigues foi um militante de toda a vida e manteve-se na luta mesmo nas condições mais difíceis».

Publicidade enganosa sobre Ponte

As Direcções das Organizações Regionais de Lisboa e de Setúbal (DORL e DORS), numa nota à imprensa, chamam a atenção para a campanha de propaganda sobre a portagem da Ponte 25 de Abril, que o Governo tem em curso, «destinada a manipular a opinião pública».

Ao contrário do que se tem procurado fazer crer, as novas tarifas correspondem na grande maioria das situações a um agravamento dos preços. Assim, um utente com viatura ligeira que proceda a 22 deslocações mensais, isto é, as necessárias para a deslocação casa-trabalho em dias úteis, terá de pagar substancialmente mais do que os 2.200\$00 que pagava até Junho, quer opte pela Via Verde, pelo cartão magnético ou pelos módulos.

Para a DORL e a DORS, esta campanha tem como único objectivo eludir e desviar a atenção das questões essenciais, provando mais uma vez que o Governo continua a «insistir em novos e injustificados aumentos e persistir na recusa em proceder à tão reclamada e legítima abolição da portagem da Ponte 25 de Abril».

Porto de Lisboa tem poderes a mais

A Direcção da Organização Regional de Lisboa do PCP defende que «as áreas, hoje sob a jurisdição da Administração do Porto de Lisboa (APL), a desafectar da actividade portuária, passem para a jurisdição dos municípios».

Os comunistas advogam a revisão dos diplomas legais que atribuem à APL «poderes no domínio do planeamento, expropriados às competências municipais, situação tão aberrante quanto se encontram já aprovados e em vigor Planos Directores Municipais em vários municípios da região».

A nota da DORL reclama que «seja garantido aos órgãos autárquicos intervenção e acompanhamento no processo de definição e distribuição de funções e áreas destinadas à actividade portuária no estuário do Tejo e um papel activo e indispensável na salvaguarda e valorização dos valores ambientais da zona ribeirinha do estuário».

A este conjunto de reivindicações, os comunistas acrescentam a exigência de submeter o Plano de Ordenamento da Zona Ribeirinha, elaborado pela APL, ao «debate e ponderação» da CM de Lisboa e da Junta Metropolitana «de forma a que a sua aprovação e execução seja compatibilizada com os instrumentos de planeamento em execução ou já em vigor nos municípios e na região».

À margem dos municípios

O referido plano de ordenamento, denominado POZOR, foi apresentado pela Adminis-

tração do Porto de Lisboa com o objectivo de «proceder a uma arrumação das actividades portuárias que, a concretizar-se, deixará liberta uma área considerável na zona ribeirinha».

O plano abrange a área entre Algés e o Poço de Bispo, tendo a APL igualmente em perspectiva uma intervenção a jusante na zona de Algés a S. Julião e a montante, na zona de Bobadela a Stª Iria.

Todavia, segundo a nota da DORL, «o POZOR foi no essencial elaborado à margem de qualquer intervenção dos municípios e do próprio Plano Regional de Ordenamento da Área Metropolitana de Lisboa. Desconhece-se ainda se o actual ordenamento das funções portuárias consideradas no POZOR, que abrange apenas uma parte da frente ribeirinha da margem Norte do Tejo, corresponde a uma visão integrada de política portuária nacional e regional e

em que medida está articulado com outras ocupações na área do Estuário do Tejo, designadamente na margem Sul».

Em simultâneo com o «ordenamento de funções portuárias», continua o texto, «a APL propõe-se investir e intervir em funções urbanas nas vastas áreas disponíveis, na base da legislação que lhe atribui jurisdição em matéria de planeamento».

Para o PCP, «não é aceitável que estejam atribuídas à APL competências no domínio do planeamento com evidente relacionamento e repercussões com as diversas funções urbanas - viária, de circulação e tráfego, de equipamentos de apoio, estrutura de espaços livres, etc. - à margem da vocação e usos que o próprio planeamento municipal considera, nem que esta por si possa assumir opções estratégicas que condicionam obviamente a ocupação e vocações de vastas áreas da frente ribeirinha».

DISCRIMINAÇÃO NAS CERVEJAS

Os trabalhadores filiados nos sindicatos representados na Federação dos Sindicatos das Indústrias de Alimentação, Bebidas e Tabaco estão a ser discriminados pela Associação da Indústria Cervejeira Portuguesa e pelas duas empresas que a integram, a Unicer e a Centralcer.

Isto porque a federação não subscreveu o Acordo Colectivo de Trabalho para o sector cervejeiro «por considerar que o seu conteúdo não assegurava, para 1994, a manutenção, em termos reais, das condições retributivas dos trabalhadores do sector cervejeiro em 1993», como explica numa nota à imprensa. Assim, aquelas empresas fazem depender a aplicação dos retroactivos e de um bónus constante do acordo, da assinatura dos trabalhadores de uma declaração de adesão ao referido acordo a título individual.

Os trabalhadores da Centralcer, repudiando a assinatura daquela declaração, decidiram em plenário realizar uma greve de 24 horas na próxima terça-feira e uma greve às horas extraordinárias de 27 de Agosto a 4 de Setembro.

ESTATUTO DO ENFERMEIRO

Foi concluída recentemente a primeira fase das negociações do Regulamento do Exercício dos Profissionais de Enfermagem, com um acordo sobre o texto final da proposta de Decreto-Lei sobre essa matéria entre o Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, o Sindicato dos Enfermeiros da Região Autónoma da Madeira e o Ministério da Saúde. A sua publicação, que se perspectiva para Setembro, está dependente da decisão final do Ministério da Saúde.

Este foi um passo fundamental para os profissionais de enfermagem e também para a população, pois é clarificado neste regulamento a competência e deveres dos enfermeiros e, através dele, garantidos aos utentes os direitos que derivam da prestação de cuidados por eles prestados - salienta o SEP.

Os dois sindicatos vão ainda solicitar ao ministro da Saúde uma reunião sobre a Lei da Gestão Hospitalar e a participação dos enfermeiros na Gestão dos Serviços de Saúde.

SOLISNOR

Foi decidido por expressiva maioria, numa recente Assembleia Geral do pessoal da Solisnor/Setenave, dar o aval aos órgãos representativos dos trabalhadores para assinarem o acordo interno em alternativa ao despedimento colectivo de 1254 pessoas. A Comissão de Trabalhadores e a Comissão Intersindical informaram que a administração garantiu a suspensão do envio de mais cartas de despedimento e disponibilizou-se para uma reanálise das cartas já enviadas.

PAPELARIA FERNANDES QUER DESPEDIR 130

Na passada sexta-feira a administração da Papelaria Fernandes entregou à Comissão de Trabalhadores um processo de despedimento colectivo referente a 130 trabalhadores.

O Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Celulose, Fabricação e Transformação de Papel, Gráfica e Imprensa do Sul e Ilhas pergunta: «De quem é a responsabilidade da situação em que a empresa chegou, quem a dirigiu e administrou nestes últimos anos? Foram os trabalhadores?»

A Direcção do Sindicato, numa nota à imprensa, condena «a política governamental do PSD/Cavaco Silva, por dar às empresas a possibilidade e a facilidade de promoverem despedimentos», e condena a actuação da administração «por encontrar nos trabalhadores o bode expiatório dos males da empresa e da sua gestão».

Em Dezembro de 91, a Papelaria Fernandes tinha ao seu serviço 853 trabalhadores e, em Maio de 94, apenas 496.

PREVIDÊNCIA DOS JORNALISTAS

Está previsto para finais de Setembro o encerramento da Caixa de Previdência dos Jornalistas, que tem apenas como funções o pagamento do abono e a gestão administrativa das despesas de saúde. Mas esta data pode ser adiada, devido às mudanças no Ministério da Saúde que retardaram as operações de transferência de serviços que o encerramento implica.

A direcção da Caixa de Previdência e a Casa da Imprensa solicitaram o adiamento da extinção definitiva, de forma a que haja tempo para se efectuar a reorganização resultante da transferência dos serviços da Caixa para outra entidade. A Casa da Imprensa já manifestou disponibilidade para, depois de apetrechada dos meios necessários, se substituir à Caixa, de forma a evitar os inevitáveis atrasos relacionados com a inclusão dos jornalistas no conjunto de beneficiários da Administração Geral de Saúde.

DIREITOS EM CAUSA NAS TELECOMUNICAÇÕES

O primeiro Acordo de Empresa para a Portugal Telecom, cuja proposta foi recentemente formalizada pela administração da empresa resultante da fusão dos TLP, do TDP e da Telecom, é para o Sintel «uma tentativa desenfreada de retirada de direitos e regalias aos trabalhadores e de diminuição dos salários reais». Todo-Bom, presidente da administração da Portugal Telecom e vice-presidente do PSD, propõe o congelamento dos salários e outras matérias pecuniárias e a anulação dos acordos de empresa das empresas fundidas, apresentando uma espécie de «manual de procedimentos» que reduz substancialmente os deveres da empresa e as garantias dos trabalhadores - afirma o Sindicato Nacional dos Trabalhadores de Telecomunicações.

Sindicatos exigem punição do SIS

Aos protestos contra o inquérito pidesco no têxtil soma-se a convocação de acções de luta noutros sectores

Passada uma semana depois de «O Independente» ter revelado a existência de um relatório secreto do Serviço de Informações de Segurança que visava estruturas sindicais do sector têxtil, o Governo ainda nada tinha dito sobre este caso, tal como sobre outras notícias semelhantes anteriormente vindas a lume. Por isso, a CGTP-IN anunciou dia 18 que ia pedir uma audiência ao ministro Dias Loureiro, para exigir do Governo «explicações cabais» sobre esta matéria, considerada pela central sindical como «extremamente grave e preocupante, não só para os trabalhadores e sindicatos do sector têxtil, como para o próprio regime democrático».

«Estas actividades do SIS, destinadas a exercer vigilância sobre organizações legítimas e constitucionais, confundem interesses do Estado com interesses do Governo e são reveladoras de sentimentos e posturas pidescas, inadmissíveis em democracia», afirma a CGTP na

carta que enviou ao ministro da Administração Interna.

O departamento de informação da central, num comunicado de imprensa, recorda que, segundo «O Independente», o relatório do SIS «partindo de pressupostos incorrectos e seguindo uma lógica claramente herdada da Pide de má memória, conclui que os movimentos de massas reivindicativos realizados pelos trabalhadores do sector têxtil podem constituir uma potencial ameaça para a segurança interna», o que significa que «os sindicatos e outras organizações que lutam pelos direitos dos trabalhadores e defendem a viabilidade das empresas são equiparados pelo SIS e, até prova em contrário, pelo Governo que o tutela, a qualquer organização terrorista».

«Se é como os órgãos de comunicação dizem, o SIS está a passar das marcas e os órgãos de soberania competentes terão que intervir para limitar a sua actividade às competências que

lhe estão legalmente atribuídas», conclui o comunicado da CGTP.

A federação dos têxteis (Fesete/CGTP), directamente visada no relatório do SIS, anunciou dia 17 que ia pedir para ser recebida, com urgência, pela Comissão Permanente da AR e pela comissão parlamentar de Direitos, Liberdades e Garantias, ao mesmo tempo que apelou à Presidência da República, ao presidente da AR e grupos parlamentares, ao Provedor de Justiça e ao Procurador Geral da República para que «dentro das suas esferas de competência, averiguem e clarifiquem estes comportamentos e tomem medidas que impeçam e ponham fim a este tipo de actuação».

«Se o legítimo direito dos trabalhadores e das suas organizações de lutarem e de se manifestarem pelo pagamento dos salários em atraso, pela viabilização das empresas e defesa do emprego, pela garantia de míni-

mos que lhes permitam viver condignamente» é encarado como ameaça à segurança interna, «só falta concluir que os direitos e liberdades consagrados na Constituição são ilegais e que a solução é prender os dirigentes sindicais e as dezenas de milhares de trabalhadores que vêm denunciando a responsabilidade do Governo e dos industriais pela situação em que se encontram as empresas e que diariamente vêm lutando por melhores condições de vida e de trabalho e pela defesa dum sector têxtil forte e competitivo».

Numa posição reafirmada por sindicatos seus associados, a Fesete reafirma a sua disposição de «prosseguir a sua legal actividade sindical, utilizando todas as formas de luta legais e necessárias», e declara que, «independentemente dos resultados das averiguações, o ministro Dias Loureiro, como primeiro responsável pelo Ministério da Administração Interna, deveria ser demitido».

Soflusa reúne hoje depois de 2 dias de greves

Os trabalhadores da Soflusa, que explora a travessia fluvial entre Barreiro e Lisboa, reúnem hoje em plenário, para analisar os resultados da luta de segunda e terça-feira, contra a actualização salarial de 2,5 por cento imposta pela administração, e as perspectivas da sua continuação.

A greve dos trabalhadores da Soflusa obrigou ao cancelamento de oito das 14 ligações fluviais que se deveriam ter realizado segunda-feira de manhã. José Manuel Oliveira, da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Ferroviários Portugueses, disse à Lusa que, dos nove barcos que geralmente fazem a travessia do Tejo, apenas dois funcionaram, além de um putro alugado pela Soflusa à Transtejo. A greve abrangeu os períodos das 5 horas às 8.30 e das 13.30 às 16. Os representantes dos trabalhadores apresentaram queixa à Inspecção Geral de Trabalho contra a Soflusa, por esta ter alugado uma embarcação à Transtejo durante a greve.

Hotelaria do Algarve pára por melhores salários

A Associação dos Industriais de Hotelaria e Similares do Algarve e o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Hoteleira da Região não chegaram segunda-feira a acordo em relação aos aumentos salariais para o ano em curso. O presidente do sindicato, Fernando Amaro, disse à agência Lusa que na reunião efectuada no Ministério do Trabalho não se verificou qualquer alteração em relação aos últimos valores propostos: 3 por cento por parte da associação patronal, 6 por cento por parte do sindicato.

Segundo Fernando Amaro, não ficou acordada qualquer outra reunião negociando mantendo-se, por isso, a convocatória para uma greve no sector a realizar nos dias 28 e 29 do corrente mês. O sindicalista adiantou que a greve poderá afectar cerca de 14 mil trabalhadores, à excepção dos que prestam serviço na Torralta e nas empresas abastecedoras de aeronaves.

«A posição do patronato não faz qualquer sentido, já que o sector está em franca recuperação e os trabalhadores só querem que seja reposto o valor da taxa de inflação», disse Fernando Amaro.

Além dos aumentos salariais, o sindicato afirma ainda não prescindir da negociação das restantes matérias constantes da sua proposta de revisão contratual.

Ocupadas instalações do MESS em Leiria

Trabalhadores da empresa Santos e Cordeiro, de Pombal, em greve, ocuparam sexta-feira, durante cerca de meia hora, as instalações do Ministério do Emprego e Segurança Social em Leiria. A acção visou protestar contra a alegada inoperância da Inspecção-Geral do Trabalho, que a União dos Sindicatos do Distrito de Leiria acusa de ter dado cobertura a uma actuação ilegal da administração da Santos e Cordeiro.

Na empresa, que se dedica a montagens telefónicas, existem salários em atraso, pelo que o Sindicato das Indústrias Eléctricas do Centro solicitou a presença da IGT para fazer a respectiva declaração. Entretanto, refere um comunicado da União, os trabalhadores da Santos e Cordeiro que aderiram à greve - iniciada dia 2 - foram substituídos nos seus postos por funcionários de outras empresas, o que é proibido pela Lei da Greve.

Os dirigentes sindicais deslocaram-se à empresa aquando da visita da IGT, para que esta identificasse os trabalhadores substituídos, mas tal não aconteceu. A IGT «não actuou de imediato, como a situação impunha, dando assim cobertura à actuação ilegal do patronato», lê-se no comunicado, citado pela Lusa. «Pelo menos um dos trabalhadores utilizados na substituição» seria depois identificado pela GNR, que levantou o respectivo auto, o que, na opinião da estrutura sindical, «prova que a IGT só não agiu porque não quis».

EDP volta à baixa contra a cisão

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas realiza na próxima semana, na baixa de Lisboa, uma acção de esclarecimento da opinião pública e dos consumidores para protestar contra a decisão do Governo de proceder à divisão da EDP.

A cisão da empresa, concretizada no dia 18, vai implicar no futuro um aumento das tarifas para a generalidade dos consumidores privados - afirma a FSTIEP numa nota à comunicação social - uma vez que só eventualmente as tarifas para a indústria poderão ser ajustadas em 1 por cento.

De imediato, vão ser analisadas com os trabalhadores as implicações da cisão, continuando a federação a exigir a publicação de um dispositivo legal onde fiquem garantidos os direitos dos trabalhadores da EDP, actualmente consagrados no Acordo de Empresa e no Estatuto Unificado do Pessoal; às empresas agora formadas vai ser exigido que tais direitos sejam garantidos nos instrumentos de regulamentação colectiva de trabalho.

Eleições no México mantêm PRI no Poder

Ernesto Zedillo terá assegurado a vitória nas eleições mexicanas de domingo; contudo, observadores e candidatos falam de irregularidades e fraudes em todo o processo

Os números parciais do escrutínio das eleições presidenciais mexicanas de domingo atribuem a vitória a Ernesto Zedillo, candidato do PRI, Partido Revolucionário Institucional, no poder há 65 anos, e que, a confirmar-se a vitória eleitoral, governará o México até ao fim do século.

Os últimos números divulgados até ao fecho desta edição, quando estavam contados os votos de 45,48 por cento das mesas de voto, conferiam a Zedillo 48,21 por cento dos sufrágios.

Os resultados parciais oficiais atribuem 29,54 por cento dos votos ao líder de centro-direita

do Partido Acção Nacional (PAN), Diego Fernández de Cevallos, e 16,18 por cento ao candidato do Partido da Revolução Democrática (PRD), Cuauhtémoc Cárdenas.

Suspeita de fraude

Entretanto, uma coligação de 380 organizações mexicanas partidárias, que acompanhou as eleições, disse ter havido «sérias irregularidades» em várias urnas, especialmente nas zonas rurais, segundo afirma um telex da Lusa.

«Zedillo venceu as eleições. Contudo, possuímos elementos

para suspeitar de sua vitória», declarou Sergio Aguayo, líder da Aliança Cívica, a maior organização mexicana que fiscalizou o acto eleitoral de domingo.

De acordo com a Aliança, que acompanhou a votação em 731 locais de voto, os funcionários eleitorais autorizaram eleitores a votar mais de uma vez em nove por cento das urnas.

Por seu turno, e contrariamente a Diego Cevallos do Partido Acção Nacional que admitiu, na segunda-feira, a derrota nas eleições, o candidato do Partido da Revolução Democrática (PRD), Cuauhtémoc Cárdenas, insiste em não reconhecer os resultados preliminares das eleições, que dão a vitória a Ernesto Zedillo e defendeu que se «limpe as eleições».

Numa reunião com observadores eleitorais estrangeiros, realizada na sede do seu partido, o candidato do PRD denunciou

que houve «uma fraude maciça» nas eleições de domingo.

«Desconhecemos os resultados das eleições que foram divulgados até este momento. Estamos a tentar averiguar como se efectuou a fraude», afirmou Cuauhtémoc Cárdenas.

Contudo, ainda segundo informações da Lusa, um grupo de observadores da Universidade Emory dos Estados Unidos disse que as violações registadas pelos seus 80 observadores nas eleições mexicanas não são susceptíveis de afectar o resultado final da votação.

Esta opinião parece ser partilhada pela Casa Branca que já considerou que «as eleições no México foram, de uma forma geral, ordenadas e pacíficas, se bem que haja algumas indicações dando conta de irregularidades», afirmou a porta-voz Dee Dee Myers, citado pela Lusa.

Pena de morte nos EUA

Com a aprovação da Lei anticrime proposta por Bill Clinton, os americanos viram alargados de 10 para 60 os tipos de crimes em que arguidos podem ser condenados à morte

A Lei anticrime, que suscitou grandes clivagens entre os dois partidos do poder, acabou por ser aprovada, na segunda-feira, pela Câmara dos Representantes e não deverá ter dificuldades em passar no Senado.

Bill Clinton conseguiu 235 votos a favor, 188 democratas e 46 republicanos, e 195 contra, 64 dos quais de congressistas do partido de Clinton e 131 da oposição republicana.

Com o partido dividido, Clinton bem precisou desta providencial aliança com os republicanos para fazer passar uma lei que vai aprofundar o clima repressivo da sociedade americana. Aliás, o presidente não deixou de agradecer aos «republicanos moderados» por terem permitido o que considerou ser «um grande triunfo para o povo americano».

A principal oposição à lei foi

encabeçada por dois lobbies, um que agrupa os fabricantes de armas e a associação de proprietários de armas da América, o outro os activistas antipena de morte, onde se encontram congressistas democratas negros.

Embora os fabricantes de armas se opusessem em particular à proibição fixada na lei de 19 tipos de armas semiautomáticas, acabaram por ceder aos congressistas democratas, chegando mesmo a apresentar uma proposta que excluía qualquer referência ao alargamento das condenações à pena de morte, que foi rejeitada.

O diploma permite ainda o julgamento de menores com mais de 13 anos em termos idênticos aos utilizados para os adultos, em certos casos de crimes de violência, e condena a prisão perpétua os culpados de pelo menos três crimes violentos.

Para a sua aplicação, a lei prevê uma verba de 30,2 mil milhões de dólares (cerca de 4,7 mil milhões de contos), dos quais, perto de um terço será investido na construção de novas prisões, sendo que nove mil milhões de dólares irão para a contratação de mais cem mil polícias.

Moçambique

Prolongado censo eleitoral

A Comissão Nacional de Eleições (CNE) vai submeter à aprovação da Assembleia da República moçambicana um pedido de prorrogação do recenseamento eleitoral por um período que varia entre 10 e 15 dias, segundo revelou a agência Lusa.

A decisão foi anunciada na passada segunda-feira em Maputo pela CNE através de um comunicado de seis pontos, também assinado por representantes do Governo e de todos os 18 partidos políticos com existência jurídica reconhecida no país.

A CNE afirma que a iniciativa surge na sequência das sucessivas solicitações dos signatários do Acordo Geral de Paz, da Comissão de Supervisão e Controlo e das demais forças políticas existentes no país no sentido de fixar mais um prolongamento do período de recenseamento eleitoral.

Os interessados argumentam que esse período vai «especialmente» permitir o registo eleitoral aos desmobilizados, aos militares das Forças Armadas de Defesa de Moçambique e à população em geral.

O primeiro recenseamento eleitoral do país decorreu oficialmente entre os dias 1 de Junho e 15 de Agosto. Sofreu a sua primeira prorrogação por mais cinco dias, inicialmente para atender «casos especiais», acabando no entanto por beneficiar todos os «atrasados».

O comunicado da CNE reconhece que um novo alargamento do prazo de recenseamento eleitoral vai «afectar o período de campanha» eleitoral.

Informações recolhidas de fontes da CNE, e citadas pela Lusa, indicam que foram registados cerca de seis milhões de



Joaquim Chissano insiste na realização das eleições a 27 e 28 de Outubro

eleitores durante os 50 dias em que decorreu o registo em todo o país.

Inicialmente, a CNE estimava em oito milhões os potenciais eleitores à escala nacional. A estimativa veio a ser reduzida posteriormente para 7,8 milhões.

Apesar de formalmente ter sido concluído no dia 20 o

censo eleitoral, a CNE instruiu os brigadistas do recenseamento em todo o país a permanecerem nos respectivos postos, sem no entanto registarem ninguém até nova ordem.

O representante especial das Nações Unidas em Moçambique, Aldo Ajello, o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, e a maioria dos partidos da oposição têm feito fortes pressões sobre o presidente da CNE, Brazão Mazula, para aceitar um segundo prolongamento do período de recenseamento eleitoral.

O chefe de Estado, Joaquim Chissano, presidente do partido Frelimo, diz não ver nenhum inconveniente no alargamento do período de recenseamento eleitoral, desde que tal não afecte negativamente as datas já anunciadas para as eleições: 27 e 28 de Outubro.

Clinton visita Indonésia

O presidente norte-americano, Bill Clinton, visitará a Indonésia em Novembro, por ocasião da cimeira da Associação de Cooperação Económica dos Países de Ásia e do Pacífico (APEC).

Segundo a Casa Branca, antes de participar na cimeira, que decorre a 14 e 15 de Novembro em Jacarta, Clinton visita Manila a convite do presidente filipino, Fidel Ramos.

Em Jacarta, após a cimeira, o presidente norte-americano manterá contactos com o seu homólogo indonésio, Suharto.

Milhares de cubanos chegam à Flórida

As autoridades norte-americanas recolheram no mar, segunda-feira, 2.548 refugiados cubanos, até agora o número mais elevado registado ao longo de apenas 24 horas, noticia a Lusa citando os serviços da guarda-costeira dos EUA.

O afluxo de cubanos que tentam atingir as costas norte-americanas não está a sofrer qualquer redução, apesar de Bill Clinton ter anunciado, na semana passada, que os refugiados de Cuba já não têm direito a asilo automático nos EUA.

Nos últimos cinco meses, cerca de 125.000 refugiados cubanos partiram em pequenas embarcações improvisadas rumo às costas da Flórida.

Entretanto, o ministro dos Negócios Estrangeiros cubano, Roberto Robaina, afirmou, segunda-feira, no Equador, que Cuba não modificará a sua política de emigração apenas para satisfazer os desejos de Washington.

O chefe da diplomacia cubana, que estava no final de uma visita oficial de quatro dias ao Equador, acrescentou que o seu governo não irá vigiar as costas marítimas dos Estados Unidos. «Isso é da competência dos Estados Unidos, nós temos coisas mais importantes a fazer», afirmou Robaina, garantindo que Fidel Castro continuará a manter firme a decisão de «não opor qualquer tipo de obstáculos» à saída de cubanos da ilha.

Nigéria ameaça grevistas

O governo militar da Nigéria fez um ultimato aos estabelecimentos bancários para que reabram ao público sob pena de lhes retirar as licenças de actividade, refere um comunicado da presidência divulgado pela Lusa.

A maioria dos bancos de Lagos, capital económica da Nigéria, continuou no entanto fechada. Os sindicatos dos trabalhadores do sector petrolífero, também em greve, entraram já na oitava semana de paralisação.

A paragem da actividade da banca afectou praticamente todas as actividades do país. A greve foi decidida pelo sindicato do sector, em 11 de Agosto.

O ministro do Trabalho apelou igualmente aos trabalhadores dos petróleos para retomarem o trabalho, sob promessa de medidas especiais de segurança para protecção daqueles que queiram contrariar as directrizes de greve dos sindicatos.

Samuel Ogbemudia lançou uma séria advertência aos dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores do Petróleo e Gás Natural (NUPENG) e do Sindicato dos Quadros do Sector Petrolífero (PENGASSAN), destituídos pelo governo, para que desistam das intenções de recorrer à violência.

Os dirigentes destes sindicatos haviam ameaçado recentemente «destruir todas as instalações petrolíferas» e outras acções violentas, depois de o governo os ter substituído nos respectivos cargos sindicais por administradores militares.

Os sindicatos do sector petrolífero exigem o abandono do poder pelos militares e a investidura de Moshood Abiola como presidente. Abiola, que terá vencido as eleições presidenciais de 12 de Junho 1993, anuladas pelos militares, encontra-se preso.

Terroristas atacam na Argélia

Um antigo militante do Movimento Ettahaddi (comunista), Salah Badir, foi morto domingo à noite por terroristas armados durante um ataque a uma escola a 50 quilómetros de Argel, revelou na passada segunda-feira a polícia.

Segundo a agência Lusa, a escola de formação profissional, situada em Si-Mustapha, foi incendiada e destruída por um grupo de terroristas islâmicos armados, no cumprimento de ameaças feitas na semana passada contra o funcionamento de estabelecimentos escolares.

Salah Badir, que trabalhava como guarda-nocturno do centro de formação atacado pelos extremistas, ofereceu resistência e opôs-se à destruição do estabelecimento.

Pelo menos 10 escolas foram atacadas e incendiadas na região de Argel durante o fim-de-semana passado por grupos fundamentalistas islâmicos armados, afirma a Lusa citando um o diário argelino «El Watan».

O grupo islâmico armado (GIA) ameaçava destruir as universidades e as escolas que voltassem a abrir as portas no início do próximo ano lectivo e retaliar contra professores e alunos que se apresentassem nos estabelecimentos.

O GIA é o mais radical dos grupos armados fundamentalistas, tendo reivindicado a maior parte das 400 acções terroristas de destruição de estabelecimentos escolares argelinos.

O ilusionista, o joker e o «marketing político»

O ilusionista Cavaco Silva (sem ofensa para a nobre arte da magia), vem fazendo da chamada «rentrée política» do seu PSD e do seu Governo, uma sessão contínua de passes de prestidigitação, truques e outras aldrabices que visam essencialmente desviar as atenções dos desgraçados resultados da sua política.

A criação de «factos políticos», quase sempre (e é o caso) de imaginação duvidosa, em choque com os interesses do nosso povo e de efeito perverso, constitui o «alfa e omega» da «maneira de estar» na política do PSD e seus dirigentes, da mesma forma que a prossecução do seu projecto autoritário de ajuste de contas com o 25 de Abril constitui o cerne da respectiva orientação.

O ilusionismo de Cavaco Silva, ao que consta resultado das ideias do «joker» Dias Loureiro, funda-se em critérios de classe que impõem o afastamento do «fenómeno político» relativamente ao «cidadão comum», alimenta-se da regressão social e dos seus nefastos efeitos sobre a consciência colectiva e cresce num quadro mediático que a tutela dos grupos económicos e a sacrossanta competitividade torna cada dia mais superficial, sempre em busca da «caixa».

O PSD, sob o consulado cavaquista, pelo uso e abuso do «facto político», pelo culto do «marketing político», pela lógica infernal da «política-espectáculo», tem progressivamente afastado a actividade política de referências éticas, tratando-a, por portas e travessas, de «porca» e «maquiavélica».

Por estes caminhos, atascado na corrupção e clientelismo, e enquanto esvazia o conteúdo participativo da nossa democracia, o PSD, num discurso antipartidos de contornos quase corporativos, procura fazer passar a imagem do seu «chefe», autoridade inquestionável do «deixem-nos trabalhar», pairando «acima da política», enquanto os outros «se governam».

É este Cavaco «infalível», fanfarrão, profundamente arrogante e quase obcecado pelo seu «carisma» e poder pessoal, assessorado pelo seu «joker» Loureiro e juntando à sua volta os mais fiéis e a clientela mais dependente, que, dum assentada, pondo em prática a lei do marketing que afirma: «é melhor ser o primeiro (nos media) do que ser o melhor», resolve tripudiar com as regras do seu próprio partido, afrontar valetes, barões, duques e «senas tristes» que lhe possam fazer sombra, «enterrar a regionalização», «abrir o ciclo» da «retoma», e acusar a oposição de todos os males.

É este Cavaco ilusionista, senhor de tantos truques e tropelias, manipulador encartado de estratégias políticas (incluindo não poucas vezes as do próprio PS), que, inebriado de tantos «sucessos», assim se lança numa «fuga para a frente», em mais esta batalha para iludir o povo, para escamotear as tremendas responsabilidades que lhe assistem e ao PSD na destruição do tecido produtivo, na promoção da regressão social, no apoucamento da democracia, na alienação da soberania.

É este «joker» Loureiro, ministro das cargas policiais, de Schengen, da xenofobia e do SIS, patrão de Governos Cívicos, de clientelas e aparelhos, que, seguro de tantos «sucessos», assim se promove a «delfim» ou «dissidente», mas, em todo o caso, a sucessor candidato do pós-cavaquismo, em 95 ou para a próxima, tudo depende do desenlace eleitoral que se segue.

É a estes senhores, ao seu Governo e ao seu PSD que, naturalmente, haverá que dar combate, desmascarar aldrabices e banditismos, isolar no terreno social e vencer no terreno político e eleitoral e, já agora, citar-lhes, a eles, artistas do marketing político, outra das respectivas leis: «Com frequência o sucesso leva à arrogância e a arrogância ao fracasso.»

■ Carlos Gonçalves

A Regionalização

O anúncio do abandono por parte do PSD da criação das Regiões Administrativas fez-se acompanhar, por parte de membros do Governo, dirigentes nacionais e regionais deste partido, de um vendaval de malefícios sobre as mesmas, no sentido de procurarem justificar o injustificável. Que por um lado mentiram sistematicamente aos portugueses quando inscreveram em programa a sua criação e em algumas regiões se arvoraram mesmo em seus mais fiéis defensores, continuando a mentir agora quando, para procurar justificar o seu abandono, recorrem à mais refinada das hipocrisias e ao mais desbragado descaramento através de argumentos, razões e causas que não correspondem nem à realidade do país, nem às atribuições e ao papel que as regiões administrativas são chamadas a desempenhar. Em seu apoio surgiram por parte dos habituais recadeiros do nacional situacionismo uma série de artigos de «comentadores» da política portuguesa, repetindo sem imaginação os argumentos avançados pelo poder instituído.

qualquer invasão nestes tempos mais recentes e perante a inexistência de sismo ou tufão de vulto, a ter em conta o que diz Macário, só encontramos uma justificação para tal fenómeno: o país terá assim ficado durante a já longa era cavaquista sob o efeito conjugado de dois factores, excesso de chuva a Norte e ausência da mesma a Sul... e assim num dos lados encolheu e no outro mirrou!



Numa confusão propositada, Cavaco e os seus pares começam por referir-se genericamente a regiões omitindo clinicamente que o que se trata é de regiões administrativas e não de regiões autónomas como as existentes nos Açores e Madeira.

As diferenças que separam estas duas estruturas, para que a questão fique desde já arrumada, têm a ver, entre outros aspectos, com o facto de às regiões autónomas estarem atribuídos, dentro de certos limites, poderes legislativos e às regiões a criar no continente estarem cometidas funções meramente administrativas. Assim não há lugar nestas para a existência de Governos e Parlamentos, como não são comparáveis os seus custos orçamentais.

O volume de inconvenientes agora descoberto pelo PSD acerca das regiões administrativas é digno de figurar em qualquer manual de terrorismo político: unidade e coesão nacional ameaçada, fragilização do Estado, custos elevadíssimos para o erário público, novas burocracias, bairrismos exacerbados, conflitualidade crescente, formação de novos caciques e até, supremo dos perigos, algumas regiões do país ficarem na dependência de países estrangeiros ou de, por esta via, importarmos costumes que nos são estranhos. Mais «sanguilonentos» são os argumentos utilizados pelos Ministros das polícias e da guerra que avançam mesmo com o perigo do país vir a ser seriamente retalhado.

Mais complexa é a justificação dada pelo inconfundível Macário que num momento de grande suadouro intelectual descobre que hoje o país se tornou mais pequeno! Na ausência de

Processo atribulado

A criação das Regiões Administrativas está inscrita na Constituição desde 1976. Longo e atribulado tem sido o processo para dar corpo a este imperativo constitucional.

Importa assinalar, em primeiro lugar, que ao invés do que diz o PSD e o seu Governo há hoje mais razões para a sua instituição. Razões que se prendem com assimetrias regionais que se têm vindo a acentuar decorrentes do atraso e abandono em que se encontram grandes regiões do interior ou extremamente periféricas, como é o caso do Algarve.

É a ausência de políticas de desenvolvimento económico que de forma integrada aproveitassem e mobilizassem recursos existentes que tem contribuído para a desertificação económica e humana do Alentejo, Beira Interior e Trás-os-Montes, só para citar alguns exemplos. Da mesma forma que são responsáveis pela situação em que se encontra o Algarve, onde ao triunfo da monocultura do turismo correspondeu o definhamento da agricultura das pescas e da indústria transformadora. Este é negativamente o saldo do resultado da política empreendida pelo PSD no plano económico, político e institucional.

Em segundo lugar, não há políticas nem planos eficazes de desenvolvimento regional se na sua elaboração não intervierem as forças, sectores, agentes que vivam, operem, trabalhem nas regiões através de uma participação que para ser eficaz no plano das decisões políticas tem de ter órgãos próprios com poderes

e as sete pragas do Egipto

conferidos institucionalmente, eleitos directamente pelas populações respectivas e a estas prestando contas. Só assim se pode operar não só a mobilização das energias necessárias para encontrar as melhores soluções face ao desenvolvimento de cada região mas também os mecanismos democráticos que permitam a aferição da justeza das decisões tomadas.

Em terceiro lugar, é hoje claro que não podem ser atribuídas aos municípios responsabilidades no desenvolvimento regional já que a sua esfera de intervenção se resume à área do seu concelho. Mas não é menos verdade que os municípios necessitam, em benefício das suas acções de planeamento e desenvolvimento, de um órgão que, liberto das peias do poder central, possa intervir, em complemento da sua actividade, na definição e execução de políticas de planeamento e dinamização económica ao nível da região em que se integram. Necessidade justificada também pelo acerto de decisões a tomar e empreender quanto à definição, quantificação e financiamento de infra-estruturas comuns (abastecimento de água, tratamento de lixos e outros resíduos, vias de comunicação), preservação do ambiente, ou no acesso e aplicação dos fundos comunitários.

Estas funções não podem, como agora demagogicamente o Governo promete, ser atribuídas aos municípios ou às suas associações, ainda para mais quando se sabe que o que tem caracterizado a actuação do governo nesta área tem sido retirar poderes ou descentralizar competências sem os meios financeiros correspondentes. Relembra-se a propósito que as actuais associações de municípios nem quadro de pessoal têm aprovado.

As Regiões Administrativas, pelos poderes que lhes estão conferidos na Lei Quadro (Lei nº 56/91 de 13 de Agosto), cumpriam esse indispensável papel já que, independentemente de acertos que em lei própria carecem ainda de ser resolvidos (sobretudo na definição do que caberia no futuro ao Governo central e o que ficava para as regiões) estas passavam a dispor de poderes descentralizados exercidos através de órgãos próprios (Assembleia e Junta Regional) eleitos directamente, com capacidade para intervir na elaboração dos planos de desenvolvimento regional, no turismo, na educação e saúde, nas obras públicas, no ambiente, na cultura e desporto, na protecção civil, no acesso e distribuição de fundos comunitários, na área da sua intervenção. Regiões Administrativas cujas funções estão claramente definidas como complementares da acção e poderes das autarquias. É exactamente por isso que os eleitos no poder local as têm defendido.

Contrariamente àquilo que

o PSD e o seu Governo propagandeiavam não se trata de retalhar o país e muito menos criar movimentos tendentes a pôr em causa a unidade nacional. Portugal é dos Países da Europa que há mais tempo tem claramente definidas as suas fronteiras. Não temos, e ainda bem, conflitos étnicos ou religiosos porque não existem condições objectivas para terem lugar. Não serão as regiões Administrativas que, por si só, os iriam criar.

Modelo centralista

O Governo não pode esconder o facto de hoje o País já dispor de 5 regiões-plano (Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve) cuja intervenção em matéria de desenvolvimento e planeamento se processa através das poderosas Comissões de Coordenação Regional (CCR 's) braços do poder central instalados nas regiões a quem estão conferidos poderes imensos e sobre os quais não há qualquer controlo democrático. Mais, que devido à política centralista deste Governo cada vez mais interferem e subvertem os poderes que estão conferidos às autarquias remetendo estas para a gestão de restritas áreas do seu território.

A estas estruturas há ainda que somar uma multiplicidade de pequenos e grandes poderes atribuídos a outros tantos braços do poder central instalados nas regiões, representados pelas delegações dos ministérios da Agricultura, Ambiente, Indústria, Educação, Obras Públicas, etc., etc. Os conflitos residem hoje nesta multiplicidade de poderes, realidade que objectivamente contribui para criar factores de estrangulamento ao desenvolvimento regional, de fomento de uma burocracia desnecessária e elementos propiciadores ao alastramento do favoritismo político e da corrupção.

É este modelo de Estado centralista, posto ao serviço de uma política de costas para a realidade do País, responsável pelo agra-



CARLOS LUÍS FIGUEIRA
Membro da Comissão Política

vamento das desigualdades regionais que o PSD não quer alterar.

O exemplo do Algarve, provavelmente a única região do país que não tem qualquer conflito em matéria de definição da sua área, atesta claramente a realidade atrás descrita. Oito anos passados sobre a integração do país na União Europeia e após dispor de importantes verbas de ajudas comunitárias o Algarve no plano económico está mais dependente e vulnerável devido ao excessivo peso da actividade turística tendo-se acentuado todas as assimetrias inter-regionais. O famigerado PROTAL revelou-se como mais um elemento de conflitualidade entre poder central e local em nada tendo contribuído para o desenvolvimento regional.

A instituição das regiões administrativas acabariam com as CCR's, integrando no seu funcionamento todas as estruturas, ou boa parte delas, desconcentradas do poder central e entre outras as próprias Comissões Regionais de Turismo. Eliminaríamos a figura do Governador Civil sendo substituída pela do representante do Governo Central junto da Junta Regional o mesmo sucedendo com as inoperacionais e esvaziadas Assembleias Distritais.

É falso, portanto, que a sua instituição desse corpo a uma nova burocracia e contribuísse para aumentar o já pesado aparelho de Estado. Pelo contrário as futuras regiões ao integrarem recursos humanos e financeiros já existentes nas regiões, contribuiriam não só para combater a burocracia actual como davam um sério contributo para que a reforma da administração pública, promessa tantas vezes anunciada e nunca como outras cumprida, desse um verdadeiro passo em frente, dignificando as funções e o trabalho dos trabalhadores da administração pública.

Ambiguidade do PS

Tal como a Lei Quadro prevê, os órgãos das futuras regiões serão constituídos por uma Assembleia Regional e por uma Junta dimanada da própria Assembleia. Uma parte da Assembleia é eleita directamente pelas populações e uma outra é formada por membros eleitos nas Assembleias Municipais, traço que acentua o factor de complementaridade e cooperação, cujo espírito a Lei consagra, entre as regiões e os municípios.

Também não será pelo exercício de funções que terão, no que respeita a Assembleia, 4 períodos de reuniões anuais e pelo exercício de uma Junta que na maioria do País será composta no máximo por 5 elementos, que aumentará a despesa do erário público. Sobretudo se tivermos em conta os benefícios que as regiões e o país poderiam obter através de uma mais acertada política de desenvolvimento regional, uma maior simplificação no funcionamento da administração pública e um mais eficaz combate à corrupção, ao compadrio e ao favoritismo político.

É evidente que as regiões administrativas só por si não garantiriam a resolução automática dos múltiplos problemas que as diversas regiões e o País no seu todo enfrentam. Mas a posição de recusa que o PSD acaba de assumir dão razões acrescidas para o combate à sua política e ao seu Governo, no fundo a grande questão que se coloca aos portugueses.

Para finalizar, uma advertência que não pode deixar de ser colocada. No longo processo que a criação das regiões administrativas tem tido, o comportamento do PS está longe de estar conforme com as reiteradas promessas eleitorais acerca desta matéria. Para não ir mais longe lembramos o seu comportamento na última revisão da Constituição onde, em virtude dos acordos que subscreveu com o PSD deixou cair a proposta da criação de regiões-piloto, facto que contribuiu para que o Algarve não dispusesse já hoje da sua região. Perante a recusa do PSD e sabendo-se que só com este partido o PS pode levar por diante o projecto de revisão da Constituição e conhecendo-se toda a fragilidade demonstrada perante a direita em negociações anteriores, que resposta tem o PS? Para já, é significativo que em matéria de tão elevada importância o que conhecemos é a ambiguidade do Secretário-Geral deste partido!

Os cronistas da corte

É espantoso como o conjunto de aldrabices e truques característicos da pior politiquice, avançados por Cavaco e seus pares contra as regiões administrativas, tenha servido de supetão aos habituais cronistas da corte para repetirem em coro, sem grandes diferenças, os argumentos avançados pelo poder, dando corpo e ampliando a campanha em curso contra a regionalização.

O hilariante (para não dizer vergonhoso) editorial do Expresso de 6.8 para além de catalogar a medida como um acto lúcido, também considera que Portugal é um país pequeno e, claro, a regionalização traria resultados desastrosos. O editorial do Público confunde prepositadamente regiões administrativas com regiões autónomas. Cáceres Monteiro (Visão, de 4.8.) num acto típico de uma personalidade venal, coloca em discurso indirecto o que não se atreve a dizer frontalmente. O certezas do Miguel Sousa Tavares (Público, de 15.8) para além do anticomunismo habitual e da retoma sobre os perigos que abalariam o país, interroga-se (vejam bem) do porquê dos autarcas estarem unidos em defesa das regiões administrativas, porque não vislumbra o que estas poderão fazer de novo. Santa ignorância no alto de tanta soberba.

Igualmente significativo da falta de escrúpulos desta campanha é também o argumento lançado contra os malefícios dos novos caciques, praga que alastraria, na avançada ideia destes senhores, como mancha de azeite sobre o país. Sem pôr em causa o interesse no combate ao caciquismo e sublinhando os perigos que decorrem para o regime da pretensão do PS quando propõe alterações à Lei eleitoral que conduzam a introduzir inconcebíveis distorções no sistema da proporcionalidade, alimentando e favorecen-

do do clientelismo político, os mesmos senhores, que há poucos dias debitavam rios de prosa em defesa da chamada reforma política do PS enaltecendo os benefícios que nela vislumbavam na aproximação do eleito ao eleitor, manifestam-se agora preocupados com a instituição de órgãos que realmente podem contribuir para essa aproximação. Estamos assim perante o argumento da "pastilha elástica". Estica-se para onde for conveniente!

Aliás, é caso para perguntar se algum destes senhores leu, conhece minimamente que seja, a Lei Quadro das Regiões Administrativas aprovada por unanimidade na Assembleia da República e na qual estão consagrados, mesmo que genericamente, os poderes e os futuros órgãos das regiões.

Arrisco a apostar que a grande maioria não leu, nem considera que tal necessidade seja importante. Da vida, do conhecimento do país real, têm a visão acomodada das conversas e recados que recolhem do poder e que depois envolvem e vendem em pacotes rotulados de grandes acontecimentos políticos temperados, obviamente, pelo conhecimento próprio que obtêm através de visitas de fim-de-semana ao país profundo para se retemperarem do desgaste da grande cidade.

É este um quadro, o desta campanha, que tal como outros traduz o que, na minha opinião, se pode considerar como um dos períodos que de forma maissombria marca a situação em que se encontra a comunicação social em Portugal.



Propostas da CGTP-IN

Para uma política de desenvolvimento e emprego

Criticando severamente o quadro em que foi lançada a discussão sobre o «acordo social a médio prazo» e sublinhando que é necessário dar resposta aos problemas que os

trabalhadores e o País enfrentam no presente, a CGTP-IN fez uso dos direitos de intervenção institucional que com toda a legitimidade e autoridade detém, e apresentou na Comissão Permanente de Concertação Social um desenvolvido documento com propostas concretas para áreas fundamentais.

As propostas foram aprovadas pelos órgãos de direcção da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses e sobre o assunto o Plenário Nacional de Sindicatos aprovou também, a 20 de Julho, uma resolução político-sindical.

No dia 21, vencida na CPCS a grande pressa do patronato e do Governo, que queriam acelerar a discussão sobre o «acordo» durante o período de férias, ficou estabelecido um calendário prevendo a realização, em Agosto, de reuniões bilaterais entre o Governo e os parceiros sociais; a 5 de Setembro voltará a reunir a CPCS, para fazer o balanço das reuniões bilaterais (sobretudo devido à insistência da CGTP, o Governo comprometeu-se a apresentar nesta data, finalmente, um documento com as suas propostas concretas); de seguida, iniciar-se-á uma terceira fase da discussão, com a realização de reuniões envolvendo associações patronais, Governo e centrais sindicais.

Enquanto as reuniões vão e voltam, vêm à memória episódios tristes de outros «acordos» e também as cláusulas assinadas pelo Governo em 1991 e que ainda estão por cumprir; vem à memória que nem Governo nem patronato se mostraram interessados em discutir as «reclamações imediatas» apresentadas pela CGTP em Maio deste ano e cujos temas se entrecruzam com as questões que Cavaco Silva avançou para o «acordo»; vem à memória que o Governo aprovou, sem discussão séria com os parceiros sociais e sem ter em conta as propostas da CGTP, o Plano de Desenvolvimento Regional para o novo Quadro Comunitário de Apoio.

«A posição do Governo é, pois, a de colocar os parceiros sociais perante factos consumados e pedir-lhes agora que se ponham de acordo sobre a forma de executar as políticas que o Governo já decidiu», comenta a central, na introdução ao documento que apresentou na CPCS, considerando que tal posição do executivo laranja «esvazia o conteúdo da participação, tanto mais que algumas organizações, como a CGTP-IN, já se tinham manifestado contrárias às orientações da política económica implícitas no PDR, bem como às formas previstas de aplicar os fundos estruturais».

Lamentando que a iniciativa do Governo deixe de fora do debate as maiores condicionantes da evolução da situação económica e social (a política macroeconómica, que continua a favorecer os critérios financeiros em prejuízo do sector produtivo, e a aplicação dos recursos previstos no QCA e iniciativas comunitárias para o período de 1994-99), a CGTP reafirma que «a primeira condição necessária para fazer sair o País da crise em que está mergulhado no plano económico e social é a de alterar as prioridades e orientações da política económica, financeira e orçamental».

Quer isto dizer, para a *Inter*, que:

- «É necessário um maior crescimento económico, priorizando a criação do emprego e a defesa do emprego existente.»

- «É necessário um aumento dos salários reais que permita dinamizar a procura interna através da melhoria das condições de vida de quem trabalha.»

- «É necessário penalizar as actividades especulativas no âmbito financeiro, procurando para isso assegurar a cooperação com os parceiros comunitários e favorecer o investimento e reinvestimento produtivo.»

- «É necessário dar uma efectiva prioridade à educação, formação e qualificação dos trabalhadores, melhorando as suas competências e preparando-os para os desafios do futuro.»

As propostas da CGTP são explanadas em sete capítulos do documento entregue na Concertação. Nas reuniões bilaterais com ministros e secretários de Estado, entre 8 e 11 de Agosto e ainda

dia 22 e hoje, a CGTP disse o que pensa sobre «eficiência da Administração Pública», «flexibilidade e eficiência do mercado de trabalho», «desenvolvimento dos recursos humanos e promoção do emprego», «incentivos à implementação de estratégias empresariais competitivas», «desenvolvimento do mercado de capitais», Segurança Social, «política de rendimentos» e «iniciativas de desenvolvimento local». Publicamos nestas páginas algumas propostas concretas da CGTP que surgem mais directamente ligadas a estes temas.



Defesa e promoção do emprego

A defesa do emprego passa pela salvaguarda dos postos de trabalho existentes e a promoção do emprego faz-se criando novos postos de trabalho, o que pressupõe a tomada das seguintes medidas:

1. Promoção de uma política de desenvolvimento económico, em particular uma política de investimento que tenha como preocupações essenciais a salvaguarda e a modernização do aparelho produtivo e a defesa e promoção do emprego.

2. Abandono da actual política de incentivos para deixar de produzir em favor das actividades especulativas, imobiliárias e financeiras.

3. Identificação dos sectores e empresas em situação de crise por forma a serem adoptadas medidas de emergência, que impeçam e realizem a recuperação económica e financeira das empresas (em anexo junta-se uma lista que se propõe seja completada com informação fornecida pelo Governo e outros parceiros sociais).

4. Institucionalização de reuniões a nível dos respectivos sectores e empresas, entre as organizações sindicais e patronais (no caso das empresas, as associações patronais seriam substituídas pelas administrações das empresas), com o objectivo de serem debatidas medidas que permitam defender o emprego e promover o aumento da produtividade e da competitividade. Consideram-se, desde já, como prioritárias as situações dos sectores naval, metalomecânica pesada, mineiro e têxtil.

5. Melhorar a aplicação das chamadas medidas de política activa de emprego. Tendo em vista este objectivo, torna-se necessário proceder a uma avaliação completa e rigorosa dos resultados obtidos, até este momento, com as iniciativas em curso.

6. Desenvolver novas iniciativas específicas destinadas à criação de emprego para os trabalhadores desempregados, nomeadamente para os trabalhadores menos qualificados e que, por esse motivo, têm maiores dificuldades em ascender ao mercado de trabalho.

7. Desenvolver programas específicos para criação de emprego, dirigidos às populações do interior, nomeadamente através da adopção de políticas integradas de desenvolvimento que permitam a diversificação das actividades económicas, a defesa dos sectores tradicionais em cada uma das regiões e a promoção da produção agrícola e pecuária.

8. Aplicação do compromisso da redução progressiva do limite máximo legal do horário de trabalho para 40 horas semanais até 1995, sem prejuízo dos horários de duração inferior.

9. Respeito pelas normas legais aplicadas ao trabalho extraordinário.

10. Combate à desregulamentação/flexibilização dos horários de trabalho; as questões relativas à organização e gestão do tempo de trabalho

devem discutir-se em sede de negociação colectiva, a nível dos sectores e/ou empresas.

11. Adopção de uma política social, visando o cumprimento dos direitos sociais e a melhoria da prestação de serviços à população com a consequente criação de emprego.



a festa! /

AMORA-SEIXAL
2, 3 e 4 SETEMBRO

Avante!

Director
Carlos Brito
SUPLEMENTO Nº 5
25 de Agosto de 1994
Não pode ser vendido
separadamente

Só
falta
uma
semana



**Neste
Suplemento:**
**Transportes,
Organizações,
Excursões,
Avanteatro,
os palcos
e os
espectáculos,
Desporto**



**Programa
da Festa
já à venda**

Como chegar à Festa

É fácil ir à Festa e voltar! Para os transportes particulares, vão ser implementadas medidas de condicionamento de trânsito adequadas que garantem fácil escoamento de trânsito, acessibilidade e zonas de estacionamento reforçadas.

Relativamente a transportes públicos, estão assegurados transportes de ida e volta coordenados com o horário da Festa.

A Rodoviária reforçará as carreiras na zona e em particular assegurará a ligação a Cacilhas até às 2 horas (de 15 em 15 minutos).

A Transtejo garantirá transportes fluviais entre Cacilhas e Lisboa (de 20 em 20 minutos), na 6ª feira e sábado até às 2 h 45 m e no domingo até às 2 horas.

A Transtejo, por acordo com a organização da Festa do «Avante!», garante também uma carreira especial de barcos na 6ª, sábado e domingo, Lisboa/Seixal, coordenada com um transporte de vai-vem da Rodoviária Seixal-Atalaia.

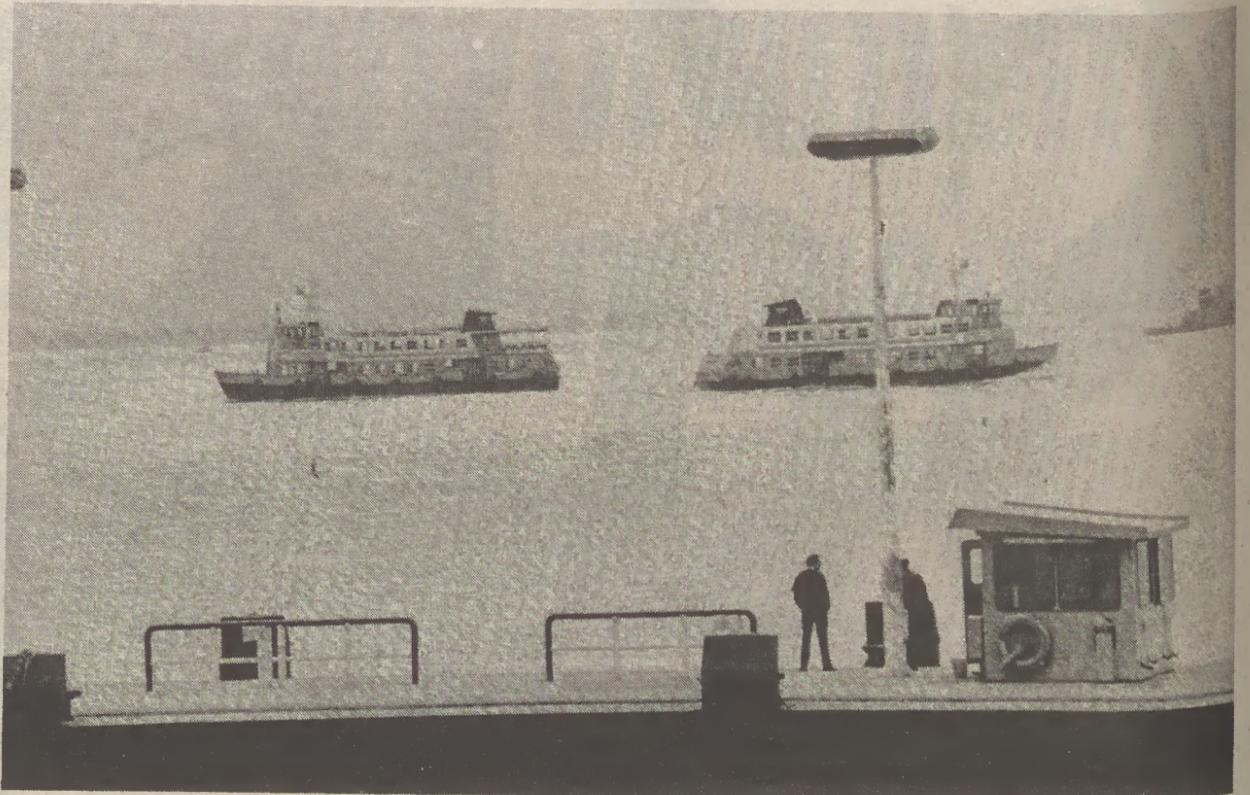
Carreira Especial da Transtejo Terreiro do Paço – Seixal (Preço do bilhete: 190\$00)

6.ª Feira		Partidas do Terreiro do Paço		Regresso do Seixal	
	20.10	23.05		20.10	23.05
	20.45	23.40		20.45	23.40
	21.20	00.15		21.30	00.15
	21.55	00.50		21.55	00.50
	22.30			22.30	01.30

Sábado		Partidas do Terreiro do Paço		Regresso do Seixal	
	08.50	16.25		09.25	17.00
	10.00	17.35		10.00	18.10
	10.35	18.45		10.35	19.20
	11.10	19.55		11.10	20.30
	11.45	21.05		11.45	21.40
	12.20	22.15		12.20	22.15
	12.55	22.50		12.55	22.50
	13.30	23.25		13.30	23.25
	14.05	24.00		14.05	24.00
	14.40	00.40		14.40	00.40
	15.15	01.20		15.15	02.00
	15.50	02.00		16.25	

Domingo		Partidas do Terreiro do Paço		Regresso do Seixal	
	08.50	16.25		09.25	17.00
	10.00	17.35		10.00	18.10
	10.35	18.45		10.35	19.20
	11.10	19.55		11.10	19.55
	11.45	20.30		11.45	20.30
	12.20	21.05		12.20	21.05
	12.55	21.40		12.55	21.40
	13.30	22.15		13.30	22.15
	14.05	22.50		14.05	22.50
	14.40	23.25		14.40	23.25
	15.15	24.00		15.15	24.00
	15.50	00.35		16.25	00.35

Conjugado c/estes horários funcionará um vai-vem da RN: Seixal-Medideira (bilhete a bordo)



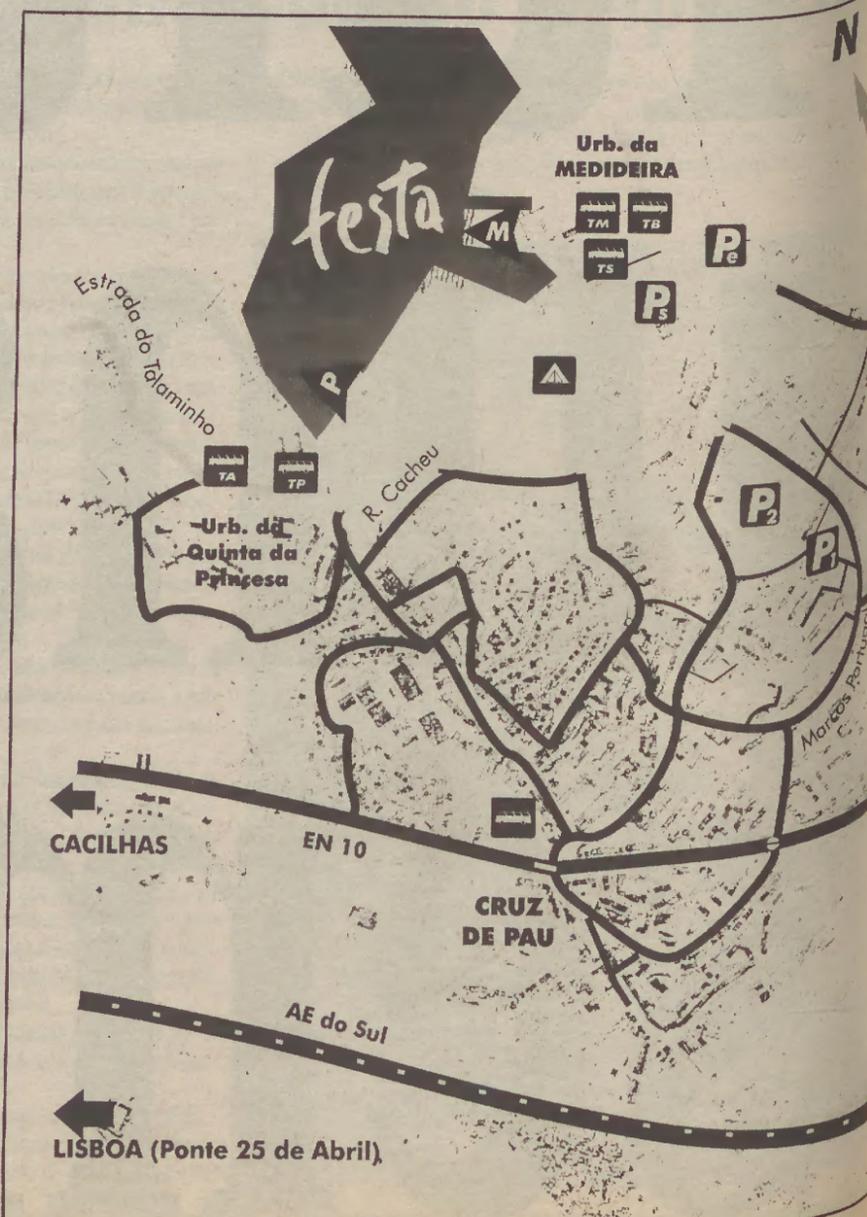
Transportes Fluviais – Transtejo

Idas
- De Lisboa para Cacilhas
- Horários normais, com frequência de 15 a 20 minutos.

Regresso
- De Cacilhas para o Cais do Sodré
- Na 6ª feira e no sábado até às 02.45 h. no domingo até às 02.00 h, com frequência

de 20 minutos das 24.00 h às 02.00 h.

Nota: Estão asseguradas carreiras da RN de Cacilhas para a Quinta da Princesa e Medideira e volta, de acordo com as necessidades. O regresso da Quinta da Princesa e da Medideira conjugado com o horário dos barcos, assegura, nos 3 dias da Festa, transportes até às 02.00 h com a frequência necessária ao escoamento de todos os passageiros (aprox. 15/15 minutos). (No domingo até à 01.00 h).





Transportes Rodoviários

Cacilhas-Quinta da Princesa - (Via Talaminho)

- 6ª feira e sábado, até às 2 horas
No domingo, até às 00.30 horas com a frequência necessária ao escoamento de todos os passageiros (aprox. 15 em 15 minutos).

Cacilhas-Quinta da Medideira

(Junto ao Campo do Amora)

Carreira 113 - Cacilhas-Paio Pires
Carreiras 112 e 114 - Cacilhas-Seixal
Bilhete a bordo: 250\$00
Pré-comprado inteiro M4-148\$00

Amadora-Atalaia - (Quinta da Princesa)

Vai-vem Amadora/Atalaia - com partidas do Parque Central da Amadora

Horários

Dia 2 - Sexta-feira - Amadora, das 17.00 às 22.00 h
Atalaia, das 18.00 à 01.00 h
Dias 3 e 4 - Sábado e Domingo
Amadora, das 0.800 às 22.00 h
Atalaia, das 09.00 à 01.00 h

Preços

Bilhete Ida - 500\$00
Ida e Volta - 700\$00

Nota - As crianças até aos 12 anos não pagam.

Baixa da Banheira-Medideira

Percursos	Bilhete Bordo	Pré-Comprados	
		Inteiro	Meio
Baixa Banheira-Quinta Medideira	420\$	M9=333\$	M4=148\$
Lavradio-Quinta Medideira	390\$	M8=296\$	M4=148\$
Barreiro-Quinta Medideira	380\$	M8=296\$	M4=148\$
Quinta Lomba-Quinta Medideira	350\$	M7=259\$	M4=148\$
Palhais-Quinta Medideira	325\$	M7=259\$	M4=148\$
S.A. Charneca(x)-Quinta Medideira	325\$	M7=259\$	M4=148\$
Coina-Quinta Medideira	290\$	M6=222\$	M3=111\$
Paio Pires(x)-Medideira	215\$	M4=148\$	M2= 74\$
Palmeirinha-Quinta Medideira	215\$	M4=148\$	M2= 74\$
Paio Pires-Quinta Medideira	150\$	M3=111\$	M1= 37\$
Torre C. Água-Quinta Medideira	150\$	M3=111\$	M1= 37\$



Cascais-Atalaia

Dias 3 e 4 de Setembro com partida às 08.30 h e regresso às 24.30 e 01.00 horas.
Inscrições no CT do PCP
Partida: Alto do Pires/Cascais

Horário: Sexta-feira. Ida - 18.00/19.00/20.00/21.00/21.30 h. Regresso - 23.00/00.00/00.30/01.00/01.30/02.00 h.
Sábado e Domingo. Ida - 10.30/11.30/12.30/13.30/15.00/16.00/18.00/19.30/20.00/21.00 h. Regresso - 18.00/19.00/20.00/21.00/22.00/22.30/23.00/23.30/00.00/00.30/01.00/01.30/02.00 h.



Se vem de automóvel para a Festa

1. De Lisboa

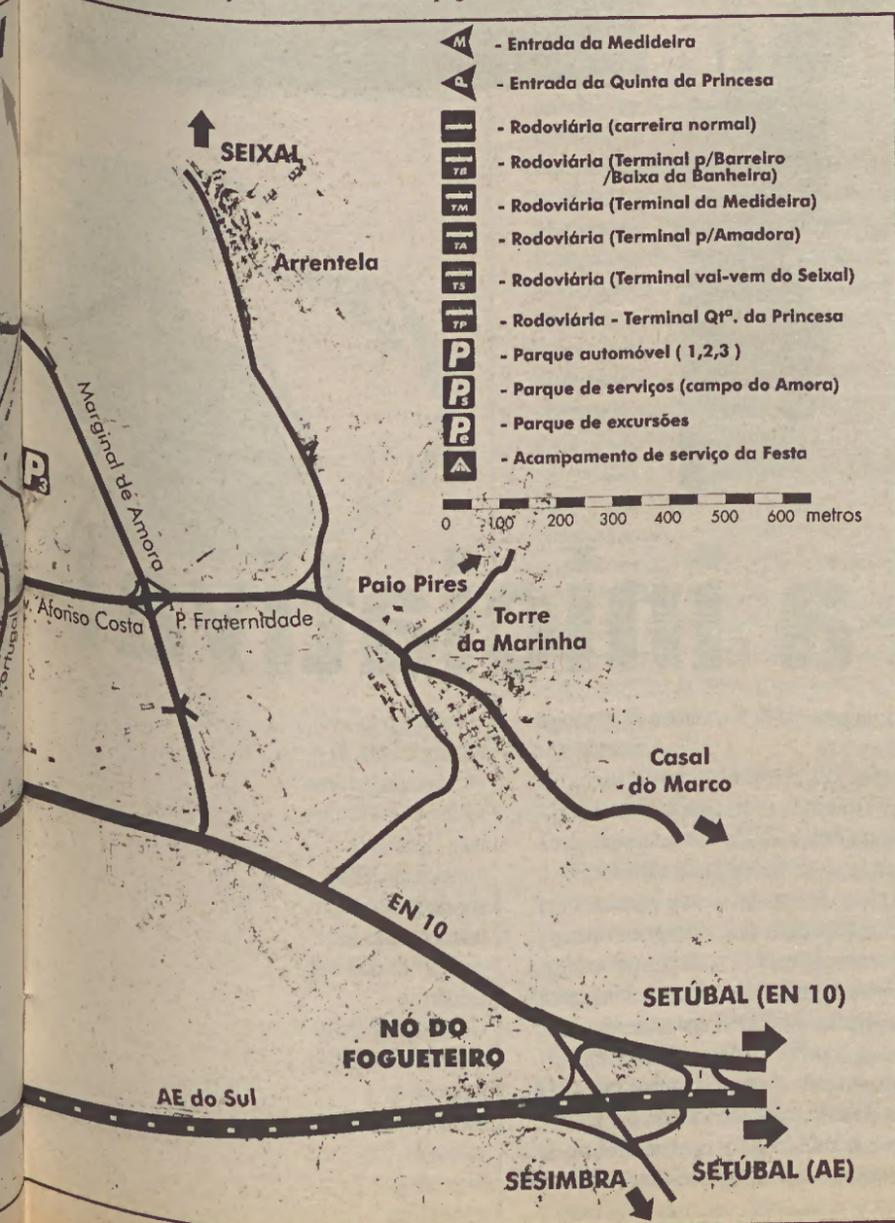
Atravessa a Ponte 25 de Abril, segue pela auto-estrada do Sul, desvia no nó do Fogueteiro. Ou então, segue por Almada, EN 10 pelo Laranjeiro, Corroios, Cruz de Pau, rumo aos parques de estacionamento. Ou, após a Rotunda de Almada, em frente ao Pão de Açúcar, toma a variante à EN10 até Corroios, retomando a EN10 até à Cruz de Pau.

2. Do Norte do País

Tem duas alternativas: ou segue por Lisboa e pela Ponte 25 de Abril, ou ao chegar a Vila Franca de Xira, segue por Porto Alto, Infantado, Alcochete, Montijo, Coina, Paio Pires e Torre da Marinha, ou nó do Fogueteiro.

3. Mas se vem do Sul

Recomendamos a auto-estrada do Sul até ao nó do Fogueteiro e depois siga a sinalização pela Cruz de Pau e Amora. Ou então, vindo também pela AE do Sul, saia via Barreiro e, depois de Coina, siga por Paio Pires e Amora ou pelo Casal do Marco, Torre da Marinha, seguindo as indicações locais.



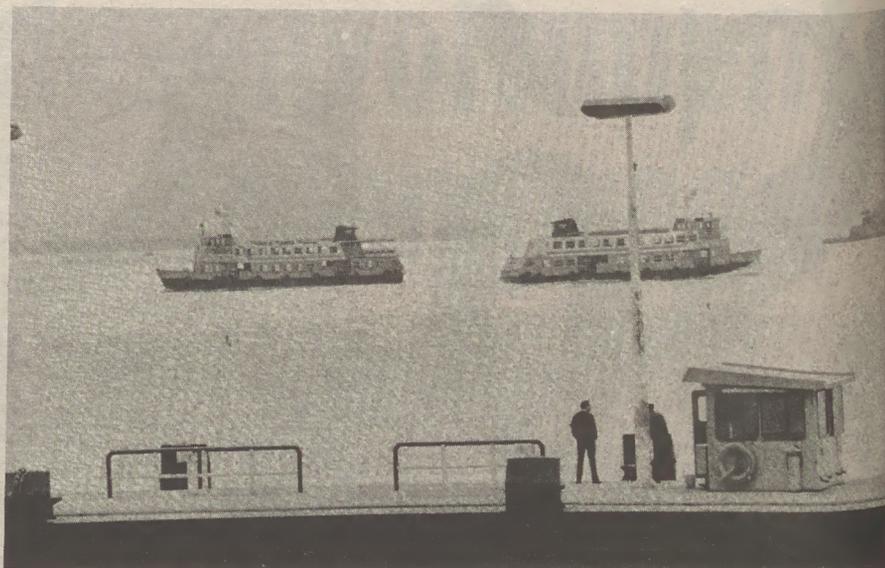
Como chegar à Festa

É fácil ir à Festa e voltar! Para os transportes particulares, vão ser implementadas medidas de condicionamento de trânsito adequadas que garantem fácil escoamento de trânsito, acessibilidade e zonas de estacionamento reforçadas. Relativamente a transportes públicos, estão assegurados transportes de ida e volta coordenados com o horário da Festa.

A Rodoviária reforçará as carreiras na zona e em particular assegurará a ligação a Cacilhas até às 2 horas (de 15 em 15 minutos).

A Transtejo garantirá transportes fluviais entre Cacilhas e Lisboa (de 20 em 20 minutos), na 6ª feira e sábado até às 2 h 45 m e no domingo até às 2 horas.

A Transtejo, por acordo com a organização da Festa do «Avante!», garante também uma carreira especial de barcos na 6ª, sábado e domingo, Lisboa/Seixal, coordenada com um transporte de vai-vem da Rodoviária Seixal-Atalaia.



Transportes Fluviais – Transtejo

Idas
- De Lisboa para Cacilhas – Horários normais, com frequência de 15 a 20 minutos.
- Nota: Estão asseguradas carreiras da RN de Cacilhas para a Quinta da Princesa e Medideira e volta, de acordo com as necessidades. O regresso da Quinta da Princesa e da Medideira conjugado com o horário dos barcos, assegura, nos 3 dias da Festa, transportes até às 02.00 h com a frequência necessária ao escoamento de todos os passageiros (aprox. 15/15 minutos). (No domingo até à 01.00 h).

Regresso
- De Cacilhas para o Cais do Sodré – Na 6ª feira e no sábado até às 02.45 h, no domingo até às 02.00 h, com frequência

de 20 minutos das 24.00 h às 02.00 h.

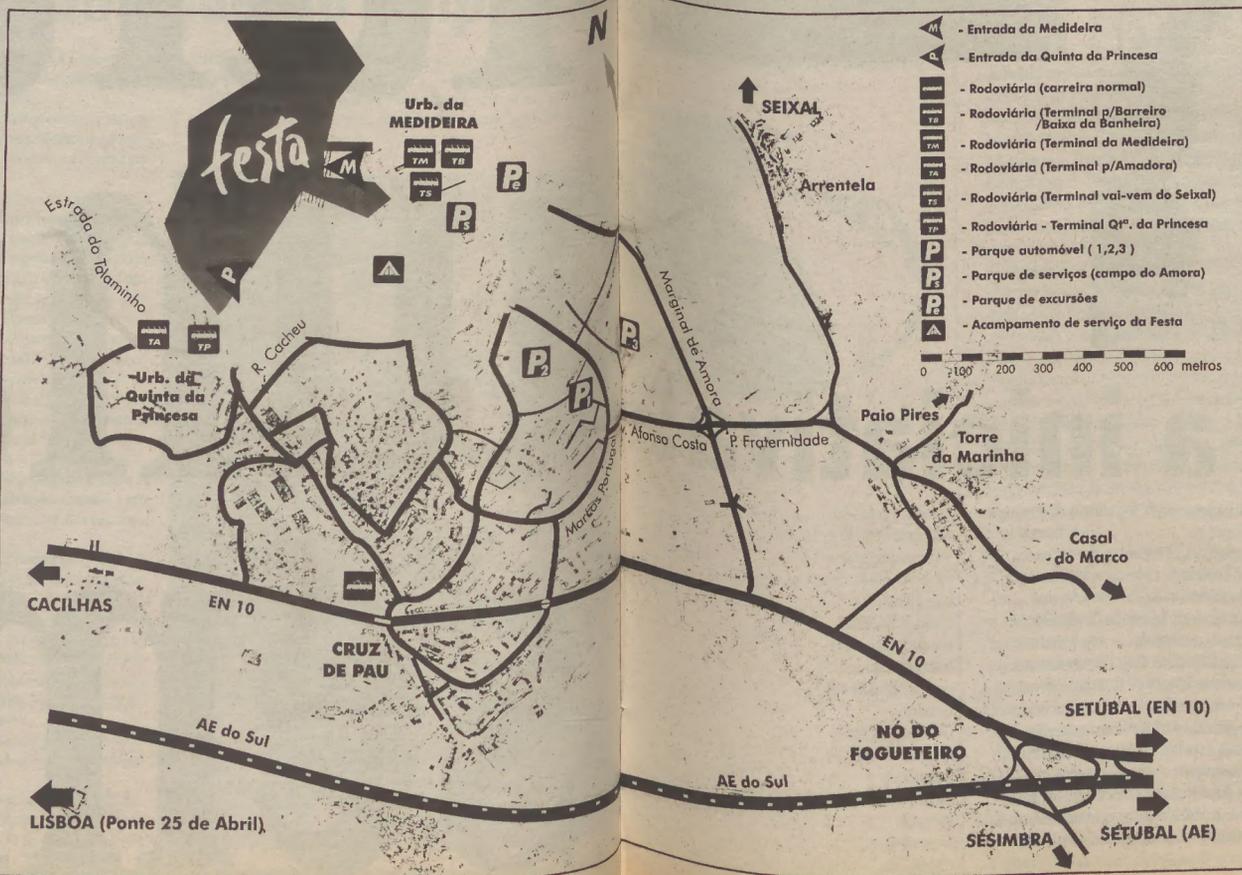
Carreira Especial da Transtejo Terreiro do Paço – Seixal

6.ª Feira		Regresso do Seixal	
Partidas do Terreiro do Paço			
20.10	23.05	20.10	23.05
20.45	23.40	20.45	23.40
21.20	00.15	21.30	00.15
21.55	00.50	21.55	00.50
22.30		22.30	01.30

Sábado		Regresso do Seixal	
Partidas do Terreiro do Paço			
08.50	16.25	09.25	17.00
10.00	17.35	10.00	18.10
10.35	18.45	10.35	19.20
11.10	19.55	11.10	20.30
11.45	21.05	11.45	21.40
12.20	22.15	12.20	22.15
12.55	22.50	12.55	22.50
13.30	23.25	13.30	23.25
14.05	24.00	14.05	24.00
14.40	00.40	14.40	00.40
15.15	01.20	15.15	02.00
15.50	02.00	16.25	

Domingo		Regresso do Seixal	
Partidas do Terreiro do Paço			
08.50	16.25	09.25	17.00
10.00	17.35	10.00	18.10
10.35	18.45	10.35	19.20
11.10	19.55	11.10	20.30
11.45	20.30	11.45	20.30
12.20	21.05	12.20	21.05
12.55	21.40	12.55	21.40
13.30	22.15	13.30	22.15
14.05	22.50	14.05	22.50
14.40	23.25	14.40	23.25
15.15	24.00	15.15	24.00
15.50	00.35	16.25	00.35

Conjugado c/estes horários funcionará um vai-vem da RN: Seixal-Medideira (bilhete a bordo)



Transportes Rodoviários

Cacilhas-Quinta da Princesa – (Via Talamimho)
- 6ª feira e sábado, até às 2 horas
No domingo, até às 00.30 horas com a frequência necessária ao escoamento de todos os passageiros (aprox. 15 em 15 minutos).

Cacilhas-Quinta da Medideira (Junto ao Campo do Amora)
Carreira 113 – Cacilhas-Paio Pires
Carreiras 112 e 114 – Cacilhas-Seixal
Bilhete a bordo: 250\$00
Pré-comprado inteiro M4-148\$00

Amadora-Atalaia – (Quinta da Princesa)
Vai-vem Amadora/Atalaia – com partidas do Parque Central da Amadora

Horários
Dia 2 – Sexta-feira – Amadora, das 17.00 às 22.00 h
Atalaia, das 18.00 à 01.00 h
Dias 3 e 4 – Sábado e Domingo
Amadora, das 0.800 às 22.00 h
Atalaia, das 09.00 à 01.00 h
Preços
Bilhete Ida – 500\$00
Ida e Volta – 700\$00

Nota – As crianças até aos 12 anos não pagam.

Baixa da Banheira-Medideira

Percursos	Bilhete Bordo	Pré-Comprados	
		Inteiro	Meio
Baixa Banheira-Quinta Medideira	420\$	M9=333\$	M4=148\$
Lavrado-Quinta Medideira	390\$	M8=296\$	M4=148\$
Barreiro-Quinta Medideira	380\$	M8=296\$	M4=148\$
Quinta Lomba-Quinta Medideira	350\$	M7=259\$	M4=148\$
Palhais-Quinta Medideira	325\$	M7=259\$	M4=148\$
S.A. Charneca(x)-Quinta Medideira	325\$	M7=259\$	M4=148\$
Coima-Quinta Medideira	290\$	M6=222\$	M3=111\$
Paio Pires(x)-Medideira	215\$	M4=148\$	M2= 74\$
Palmeirinha-Quinta Medideira	215\$	M4=148\$	M2= 74\$
Paio Pires-Quinta Medideira	150\$	M3=111\$	M1= 37\$
Torre C. Água-Quinta Medideira	150\$	M3=111\$	M1= 37\$



Cascais-Atalaia

Dias 3 e 4 de Setembro com partida às 08.30 h e regresso às 24.30 h 01.00 horas.
Inscrições no CT do PCP
Partida: Alto do Pires/Cascais

Horário: Sexta-feira. Ida – 18.00/19.00/20.00/21.00/21.30 h. Regresso – 23.00/00.00/00.30/01.00/01.30/02.00 h. Sábado e Domingo. Ida – 10.30/11.30/12.30/13.30/15.00/16.00/18.00/19.30/20.00/21.00 h. Regresso – 18.00/19.00/20.00/21.00/22.00/22.30/23.00/23.30/00.00/00.30/01.00/01.30/02.00 h.



Se vem de automóvel para a Festa

1. De Lisboa

Atravessa a Ponte 25 de Abril, segue pela auto-estrada do Sul, desvia no nó do Fogueteiro. Ou então, segue por Almada, EN 10 pelo Laranjeiro, Corroios, Cruz de Pau, rumo aos parques de estacionamento. Ou, após a Rotunda de Almada, em frente ao Pão de Açúcar, toma a variante à EN10 até Corroios, retomando a EN10 até à Cruz de Pau.

2. Do Norte do País

Tem duas alternativas: ou segue por Lisboa e pela Ponte 25 de Abril, ou ao chegar a Vila Franca de Xira, segue por Porto Alto, Infantado, Alcochete, Montijo, Coima, Paio Pires e Torre da Marinha, ou nó do Fogueteiro.

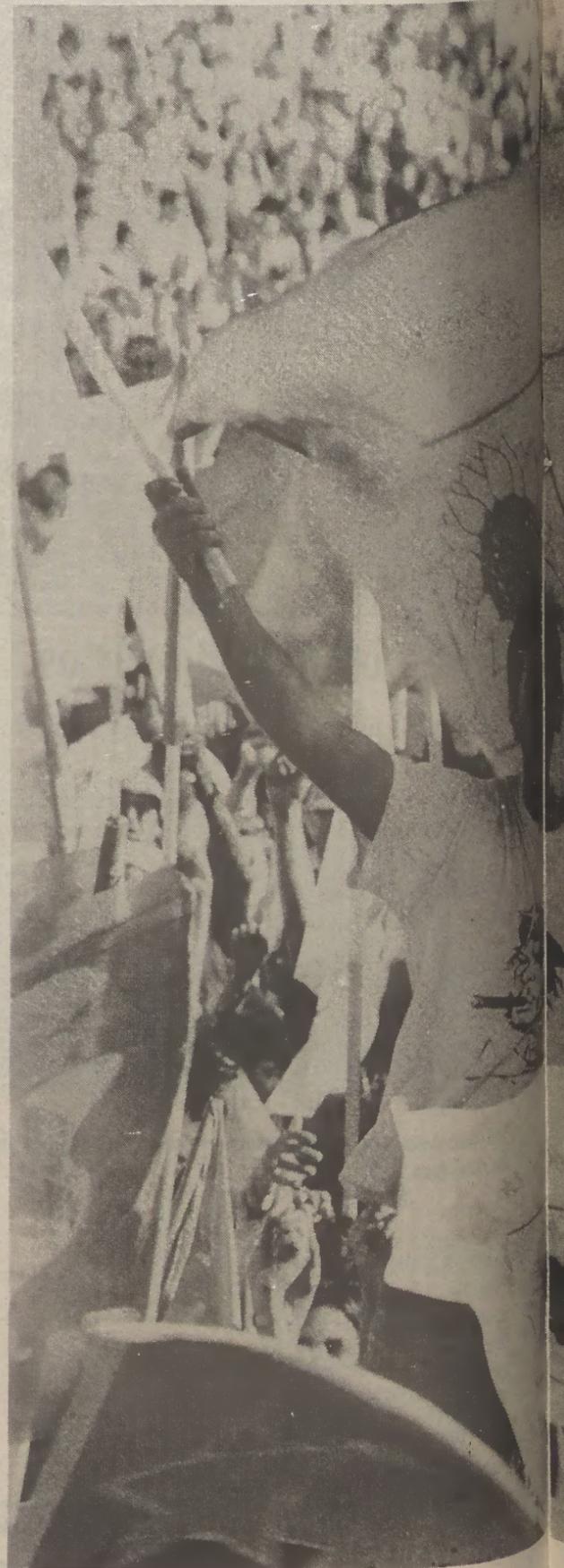
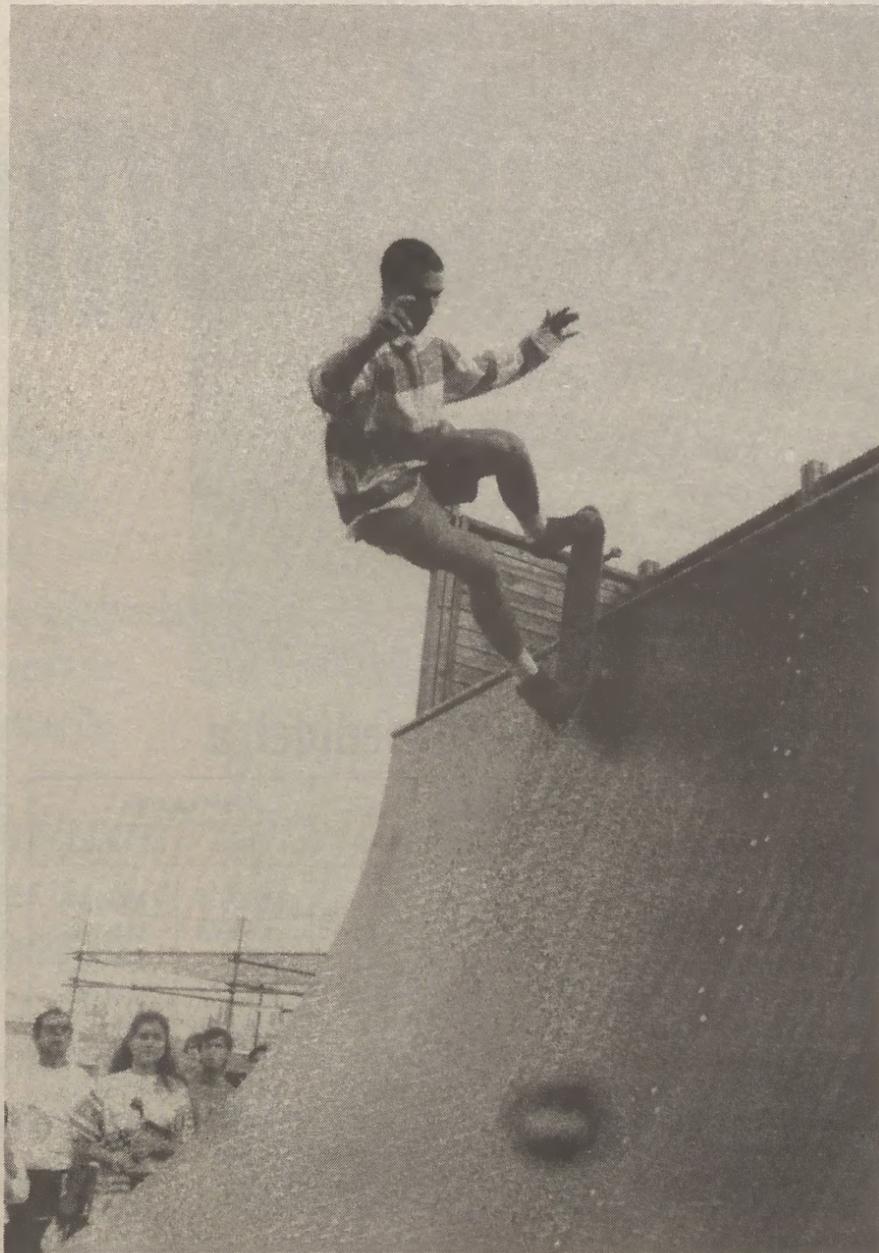
3. Mas se vem do Sul

Recomendamos a auto-estrada do Sul até ao nó do Fogueteiro e depois siga a sinalização pela Cruz de Pau e Amora. Ou então, vindo também pela AE do Sul, saia via Barreiro e, depois de Coima, siga por Paio Pires e Amora ou pelo Casal do Marco, Torre da Marinha, seguindo as indicações locais.

A nossa Festa

Concebido, organizado e montado exclusivamente por jovens, o Espaço da Juventude aposta no espaço de convívio, no debate e na solidariedade.

Aí poderás participar numa campanha pelo emprego denominada «Sem Emprego Nada Feito», lançada pela JCP e que é acompanhada de uma exposição de denúncia deste flagelo que afecta muito particularmente os jovens.



Os jovens comunistas decidiram fazer uma pequena consulta popular em que propõem aos visitantes que votem pelo emprego, tendo preparada para o efeito uma urna gigante, situada no Espaço da Juventude. Ainda aqui os jovens apelam à solidariedade com Cuba e não esquecem a luta do povo de Timor-Leste. A denúncia do racismo surge como tema de uma instalação montada na «Galeria Satélite», enquanto as lutas estudantis que marcaram o último ano são assinaladas numa exposição fotográfica e com a edição de um autocolante com a inscrição «Vale a pena lutar». Igualmente expostos vão estar os trabalhos premiados em edições anteriores do concurso «Tomar a Iniciativa».

O espaço da juventude conta também com uma esplanada, dispondo de um local para estampagem de camisolas, matraquilhos, jogos de feira e outros divertimentos.

Tomar a iniciativa!

O «Tomar a Iniciativa», espaço de criatividade anualmente promovido pela JCP na Festa, lança este ano um concurso de fotografia dedicado ao 25 de Abril e à liberdade.

Denominado «Na Festa de Abril - A Liberdade 20 anos depois», o concurso é aberto a todos os interessados com idade até 30 anos

mediante inscrição que pode ser efectuada até amanhã, dia 26 de Agosto, nas sedes da JCP em Lisboa, Porto e Coimbra, ou na banca do Tomar a Iniciativa, na Cidade da Juventude, das 19 horas de dia 2 de Setembro às 16 horas do dia 4. A inscrição custa 500 escudos, sendo entregue aos

participantes um rolo de 12 exposições a cores e um elemento identificativo. Todas as fotos deverão ser feitas no recinto da Festa e apenas será considerado para efeitos de atribuição de prémios o rolo entregue pela organização. Os concorrentes devem devolver a película na banca do concurso até às 22

horas de domingo, dia 4, ficando a organização responsável pela sua revelação. Os trabalhos seleccionados integrarão uma exposição colectiva que será inaugurada no momento da atribuição dos prémios, em data e local a anunciar pelo nosso jornal, na edição de 12 de Outubro próximo.

O melhor rolo será premiado com 50 mil escudos, as seis melhores fotografias com cinco mil escudos, podendo ser ainda atribuídas menções honrosas no valor de dois mil escudos. Os negativos serão propriedade da JCP, podendo os participantes ter acesso às respectivas ampliações.



O teatro na Festa

O AVANTEATRO, espaço especialmente dedicado ao Teatro na Festa do «Avante!», conta com as participações do Teatro O Bando, CDIAG/Teatro da Malaposta, grupo Intervalo, Cápsula-Teatro de Marionetas, Teatro em Movimento – Companhia de Teatro de Bragança e a Companhia de Dança Contemporânea. Assim, no dia 2 de Setembro, sexta-feira, pelas 22h30, o CDIAG/Teatro da Malaposta leva à cena a peça «Greensleeves» de Joyce Carol Oates, traduzida por Jorge Silva Melo e interpretada por Manuel Wiborg e Rafaela Santos. A propósito desta peça, o actor José Peixoto escreveu: «Um teatro actuante no domínio social fala dos problemas gerais do seu tempo e não de angústias privadas. Uma estrutura de criação artística que se afirma como um serviço público não se confunde com o projecto de um só e tutelar criador. A aceitação de pluralidade de discursos é uma coerência.»

No sábado, dia 3, pelas 11h30, o Teatro em Movimento – Companhia de Teatro de Bragança apresenta «A guerra alimentar» e «História do Guarda Cabrito e do diabo manita» em teatro de robertos. Ambas as peças são da autoria de Leandro Vale e encenação de Helena Vidal. O Teatro em Movimento é ainda o dinamizador da animação de rua da Festa do «Avante!». Ainda no sábado, pelas 17 horas, o Teatro O Bando leva à cena a peça «Afonso Henriques» da autoria de João Brites, a partir de um poema épico de tradição oral e outras crónicas da Idade Média. A música foi recolhida da música tradicional

portuguesa por Nuno Cristo. Estreada em 1982, esta peça recolheu o prémio do «Melhor Espectáculo para a Infância e Juventude».

Esta é também uma forma de o Avanteatro saudar O Bando que, neste ano em que se comemora o 20.º aniversário do 25 de Abril, cumpre também vinte anos de existência. Pelas 22 horas, O Bando regressa ao palco do Avanteatro com a peça «Amanhã». Trata-se de uma adaptação do texto «Antes de Começar», de Almada Negreiros, com encenação e cenografia de João Brites que define esta peça como um espectáculo de «grande relação de afectividade com um país que nós normalmente não assumimos com orgulho». Mas sem folclorismo e sem complexos, uma forma de homenagear uma terra e um povo e também Almada Negreiros.

À meia-noite é a vez do grupo Cápsula que apresenta a peça «Fausto», a partir de Goethe, em teatro de marionetas. Trata-se de uma peça dirigida por Ana Teresa Castelo e Paulo Oliveira com coreografia de Pedro Romeiras. Cápsula define-se como: «um grupo de Teatro dedicado essencialmente à investigação no campo do teatro com marionetas, tem como base fundamental o espectáculo de forte componente visual, de predominância do corpo e da sua relação com os objectos». No domingo, logo pela manhã, o Teatro em Movimento – Companhia de Teatro de Bragança volta à cena com estórias de robertos. Às 14 horas, actua o Intervalo com a peça «O cabaret do conde/marquês».

Às 22 horas, a encerrar a Festa do Avanteatro, a Companhia de Dança Contemporânea apresenta «Dançar Zeca Afonso». Trata-se de uma obra com música de José Afonso, coreografadas por Gagik Ismailian, Sónia Rocha Patrícia Henriques e António Rodrigues que é também responsável pela concepção do espectáculo e que o define como: «dançar Zeca Afonso, para mim, não é dançar Zeca Afonso. Isto é, à memória-motor que é a letra de canções de José Afonso é presente a memória de actos que são atentados contra a dignidade humana. Memória colectiva a não esquecer para que se aprenda a não repetir.»

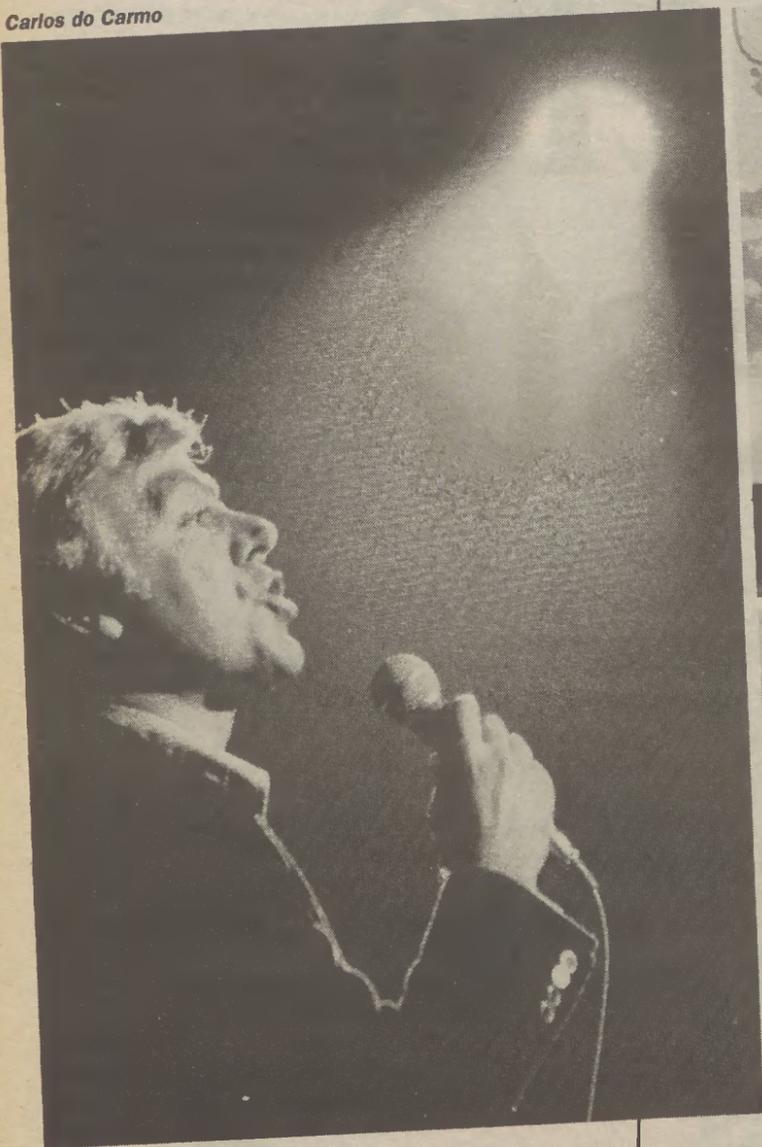


Os palcos da

PALCO 25 ABRIL

Carlos do Carmo
 Maria Alice
 João C. Bom
 UHF
 Meninos D'Avó
 Peste & Sida
 Ala dos Namorados
 Johnny Clegg

Carlos do Carmo



AUDITÓRIO 1.º MAIO

Jorge Rivoti
 Luísa Basto
 General D
 Telectu
 Geová Nascimento
 Lugar da Desordem
 Mísia
 Jorge Palma e Flak

7.ª Legião



Ala dos Namorados

Grupo de Guitarras
 de Antigos Estudantes
 de Coimbra
 Septeto de Tomás
 Pimentel
 Holmes Brothers
 Carlos Martins

PALCO ARRAIAL

Banda da Soc. Filarmónica da Arrentela
 Rancho dos Arrozeiros do Sorraia
 Rancho do CCR de Travanca
 Rancho da Associação de Redondos
 Rancho de Seramena
 Conjunto Niger
 Rancho do Varatojo
 Rancho da Quinta do Conde
 Rancho de Danças e Cantares da Região

Paulo Curado - O Lugar da Desordem



General D

Joel Xavier
 Ritual Tejo
 Band of Hope
 Sétima Legião



Telectu

Festa

PALCO LISBOA

Banda Som de África

Grupo Oásis

Tropa de Choque

Pagem

Adamastor

Fado de Abril

Grupo Típico

«O Girassol»

Grupo

«3 de Abril»

Gordilho

Alberto

Albuquerque

João

Fernando

Luísa Basto

Mané

Nuno Gomes

dos Santos

Samuel

Banda

de Mário

Gramação



Misia



Luísa Basto



Samuel

CAFÉ-CONCERTO

Escolas de Samba Bota no Rego

Trigais

Oásis

Adamastor

Pagem

Mário Fonseca

Rogério Gil

Poetas populares do Alandroal

Cantares da Terra

Grupo da Terra

Quinteto Zé N'Gambi

Grupo Antigos Estudantes

de Coimbra

Dixit

Rosa Cruz

Netas de Bibinha Cabral

Escola de Samba Juventude da Baía

Dany Silva

Tito Paris

Maria Alice

Leonel Almeida

Maria João

Alcides

Paula Duque

Rogé

Sap

Rancho Folclórico
«Os Camponeses Varatojo»



PALCO SETÚBAL

Trio Alentejano

Falcão e Bonaparte

Sónia Mosca

Vanessa

Mané

Blackhaile

Rosa Cruz

Dixit

Banza

Grupo Sinal

Grupo P.F.

Lenga Lenga

Banda Mar

Grupo Coral e Instrumental

da Torre da Marinha

O País na Festa

Ao longo destes suplementos fomos apresentando ao leitor o que as organizações do Partido vão trazer à Atalaia, fazendo com que a Festa proporcione uma verdadeira viagem pelo País. De Norte a Sul e às Ilhas, Portugal vai-se mostrar. Não só no que à política diz respeito, com as exposições de cada uma das organizações, mas também no que toca à cultura, ao artesanato, à gastronomia.

Assim, Viana do Castelo traz o Alto Minho, assim como Braga o vinho verde e uma torre de menagem a identificar-se. As terras de Trás-os-Montes vêm com Bragança e os sabores do Nordeste, e com Vila Real e os vinhos do Alto Douro. O Porto está presente, vestido com as cores do S. João e um pavilhão concebido por artistas da cidade. O mar e a ria identificarão Aveiro. Coimbra lança uma varanda sobre a Festa e ergue uma torre a recordar a Universidade. Viseu convida a gente a entrar na sua «Cava de Viriato» e pode chegar-se lá pelo cheiro dos assados. A Beira Interior, reunindo os distritos da Guarda e Castelo Branco, apresenta os seus produtos característicos da Serra. Leiria, com os seus fornos — o do vidro e o do pão — tem um castelo a assinalá-la. Santarém, com a sopa da pedra tradicional, vem com o seu artesanato variado. Lisboa, que se desdobra sempre em vários espaços e na diversidade dos seus concelhos, mostra oito painéis comemorando Abril. Setúbal, cuja exposição é sobre a Revolução e as suas consequências



neste distrito anfitrião, oferece os sabores vários dos seus concelhos. Partilhando espaço comum, os três distritos do Alentejo dão uma lição de resistência e homenageiam com um monumento a luta do povo alentejano. O Algarve convida a saborear os produtos do mar e os doces da terra. A Madeira, com o seu Arraial madeirense onde se servem os característicos produtos da Região, convida ao encontro entre madeirenses e continentais. O mesmo sucede com os Açores, onde os naturais do arquipélago matarão saudades das ilhas, em convívio com todos os outros visitantes. Mas em matéria de organizações não ficamos por aqui...

Mulheres

Como em anos anteriores, as mulheres comunistas têm um espaço próprio na

Festa, onde estará patente a sua presença e actividade nas diversas áreas da vida nacional e sublinhada a sua participação nas lutas, antes e depois do 25 de Abril — desde a sua determinante participação na resistência como na construção e defesa da democracia. Exposições mostrarão o que foi e continua a ser essa luta, enquanto num pequeno *stand* o visitante interessado poderá encontrar e adquirir exemplares de «Subsídios para a História das Lutas e Movimentos de Mulheres em Portugal sob o regime fascista (1926/1974)», um trabalho realizado pela Organização das Mulheres Comunistas, com a colaboração do GES do PCP e o apoio das ONGs do Conselho Consultivo da CIDM. A solidariedade com Cuba terá também lugar especial neste espaço.

Reformados

Uma exposição sobre a organização e movimentação dos reformados depois do 25 de Abril constitui a iniciativa central deste pavilhão que, como em anos anteriores, tem lugar na Festa. As autarquias CDU e os reformados será outro dos temas. E vão haver debates — com Duarte Gomes e Severiano Falcão sobre as autarquias CDU e os reformados; com Jaime Félix e Felicidade Montoito sobre a luta destes. Haverá ainda, no sábado à tarde, um recital de poesia com a participação de Teresa Gafeira.

Deficientes

Desta vez, a decoração do pavilhão da organização dos Deficientes esteve a

cargo de alunos do Colégio Ocupacional Luís Rodrigues, de Sintra. O mel e o moscatel de Setúbal são, entretanto, e como já vem sendo tradição, outras das atracções deste pavilhão.

Emigração

Ponto de encontro de muitos emigrantes comunistas e outros, que aproveitam as férias que restam para conviver e apreciar a Festa, o Pavilhão da Emigração junta portugueses que vivem e trabalham fora do seu país. Aí encontraremos uma exposição denominada «A Liberdade», aí se podem adquirir, como vem sendo hábito, os «lenços palestinianos» ou outras lembranças de terras distantes.



Pioneiros

O espaço dos Pioneiros, que todas as crianças procuram na Festa, é um espaço de liberdade e de divertimento, de convívio e de brincadeira.

Com o escorrega, o parque infantil, o lugar do desenho e das pinturas, da leitura e dos jogos.

Um lugar feito à medida das crianças e para elas.

Onde se podem refrescar com os sumos.

E lanchar um hambúrguer.

Um lugar de amigos que se fazem pela primeira vez ou que se revêem de outras iniciativas e de outras brincadeiras.

Ainda em Albufeira não se adivinhava as horas de sofrimento e paciência que iriam ser gastas por tanta gente a aturar os vendedores de *time-sharing*, já todo o bom português tinha posto o pé, pelo menos uma vez, numa excursão a qualquer sítio. Já nos tempos dos *iuppies*, das OPAs, do sucesso e dos subsídios, as excursões mantêm-se como a forma que muitos encontram para chegar até onde as suas bolsas, por outro meio, não permitiriam. Desde a primeira Festa do «Avante!», é em excursões que milhares de pessoas se deslocam, de todo o País, para participarem no maior acontecimento cultural e político que em Portugal se realiza. Pecando, certamente, por defeito - pelo que aconselhamos o contacto com as organizações locais do PCP aos leitores interessados em obter informações mais detalhadas sobre qualquer excursão ou mesmo em inscrever-se -, podemos anunciar que mais de meia centena de excursões

- Felgueiras
- Foros do Arrão
- Gondomar
- Grândola
- Guimarães
- Ílhavo
- Lagos
- Maia
- Marinha Grande
- Mértola
- Moita
- Montargil
- Montemor-o-Novo
- Nisa
- Odemira
- Ourique
- Ovar
- Paços de Ferreira
- Palmela
- Penafiel
- Peniche
- Pernes/Amiais de Baixo
- Ponte de Sôr
- Portalegre
- Portel
- Portimão
- Porto
- S. Paio de Oleiros/Feira
- S. V. Paúl/Pombalinho
- Samouco/Alcochete



«... viva a nossa Excursão!»

apontam como meta a Quinta da Atalaia no primeiro fim-de-semana de Setembro. Estão marcadas partidas de:

- Alandroal
- Aljustrel
- Almeirim
- Alpiarça
- Amadora (vai-vem)
- Amarante
- Arraiolos
- Avis
- Barcelos
- Barreiro
- Beja
- Benfica do Ribatejo
- Bombarral
- Borba
- Braga
- Caldas da Rainha
- Cascais
- Castro Verde
- Chamusca
- Couço
- Crato
- Elvas
- Esposende
- Estremoz

- Santarém/Almofter
- Santiago do Cacém
- Santo Tirso
- Setúbal
- Silves
- Torres Novas/Alcanena
- Vale de Figueira/Alcanhões
- Valongo
- Viana do Alentejo
- Viana do Castelo
- Vidigueira
- Vieira de Leiria
- Vila Franca de Xira
- Vila Nova de Gaia
- Vila Verde de Ficalho.



A Corrida da Festa sai para a estrada no próximo domingo, dia 4 de Setembro, pelas 9.30 horas. Mais de um milhar de atletas vão comparecer na partida, junto das bombas de gasolina, para tentar vencer um percurso de 13 quilómetros que passa pela baía do Seixal e termina junto do Campo da Amora.

Prova com características essencialmente populares, a Corrida da Festa é, no entanto, desde há muito adoptada por alguns dos melhores atletas federados para iniciarem a sua época desportiva.

Para além dos muitos nomes conhecidos que colaboram na sua organização, cujos depoimentos temos vindo a publicar, destacam-se este ano, mais uma vez, as participações, na prova, das atletas de alta competição **Albertina Dias** e **Rosa Oliveira**. Para todos os que desejem ainda participar nesta grande prova de atletismo, lembramos que as inscrições podem ser feitas até amanhã, dia 26 de Agosto, para: **Corrida da Festa do «Avante!», Av. António Serpa, 26, 2º Esq. 1000 Lisboa - tel. 7932 09 73 ou pelo fax 796 98 97.**

1100 atletas mais de 100 equipas

Corrida da Festa é já um

Eles apoiam a corrida

Prof. António Campos

Presidente da Associação de Atletismo de Lisboa

«Numa altura em que as corridas populares se vêm transformando cada vez mais num meio de vida para alguns, dado os valores avultados dos prémios que se encontram em disputa, a Corrida da Festa do «Avante!» tem sabido manter a essência dos valores que presidiram ao nascimento e crescimento da «Corrida para Todos» como meio de salvaguarda da saúde e da condição física dos seus praticantes, confirmando-se como verdadeiro acontecimento nacional onde todos os verdadeiros amantes da corrida gostam de estar presentes. Todavia, apesar destas características, há muitas figuras do profissionalismo nacional que desde

a primeira hora se têm associado à «Festa» ajudando a prestigiar e a projectar esta iniciativa».

Eulália Mendes
Vice-presidente da Associação de Atletismo de Lisboa
Integra o Plano de Desenvolvimento de Atletismo da Cidade de Lisboa

«Dou os meus parabéns à Organização da Corrida da Festa do «Avante!» por esta conseguir ter um lote de atletas de grande categoria, não utilizando a parte monetária (o que é hoje frequente), isto é, não envereda pela parte do profissionalismo. A vossa prova veio provar, a 10 após ano, que a modalidade do atletismo pode vingar como amadora (que já foi), embora eu concorde que os tempos são outros,

e para se obterem resultados, os atletas terão de ter meios técnicos, meios humanos e meios materiais à altura necessária. Hoje, são uns poucos a usufruir da via monetarista, pois parte deles vêm-se obrigados a participar em muitas provas de estrada, para terem uma retaguarda financeira para o futuro. A vossa é uma prova que contraria os prémios avultadíssimos que muitos organizadores praticam, desvirtuando a prática saudável do desporto. Para mim uma verdadeira prova de atletismo não necessita de grandes prémios monetários.

Cipriano Lucas
Atleta fundador e técnico adjunto do Maratona Clube de Portugal
Ex-Atleta do SLB e do Belenenses
Colaborador



Albertina Dias

do Diário de Notícias

«Participar, ano após ano, na Corrida da Festa é para mim um factor de enorme prazer e simultaneamente uma oportunidade única para desfrutar o convívio de muitas centenas de amigos, adeptos das corridas de estrada, que todos os anos se juntam na Festa do «Avante!».

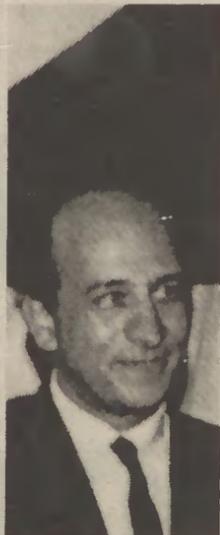
«Com um trajecto agradável pela baía do Seixal, a Corrida da Festa é,

desde a primeira edição, um exemplo significativo do verdadeiro espírito do desporto para todos, onde podem evoluir atletas de elite junto aos simples corredores de pelotão».

Benardino Pereira
Técnico de Atletismo do Maratona Clube da Maia

«Cá estou mais uma vez apoiando a Corrida da Festa com a minha presença,

minhas épocas, não podia deixar de estar presente, mais uma vez, prometendo vir cá estar para a próxima. Parabéns à Organização da Corrida, pois tem sido impecável, principalmente nos abastecimentos,



Prof. António Campos



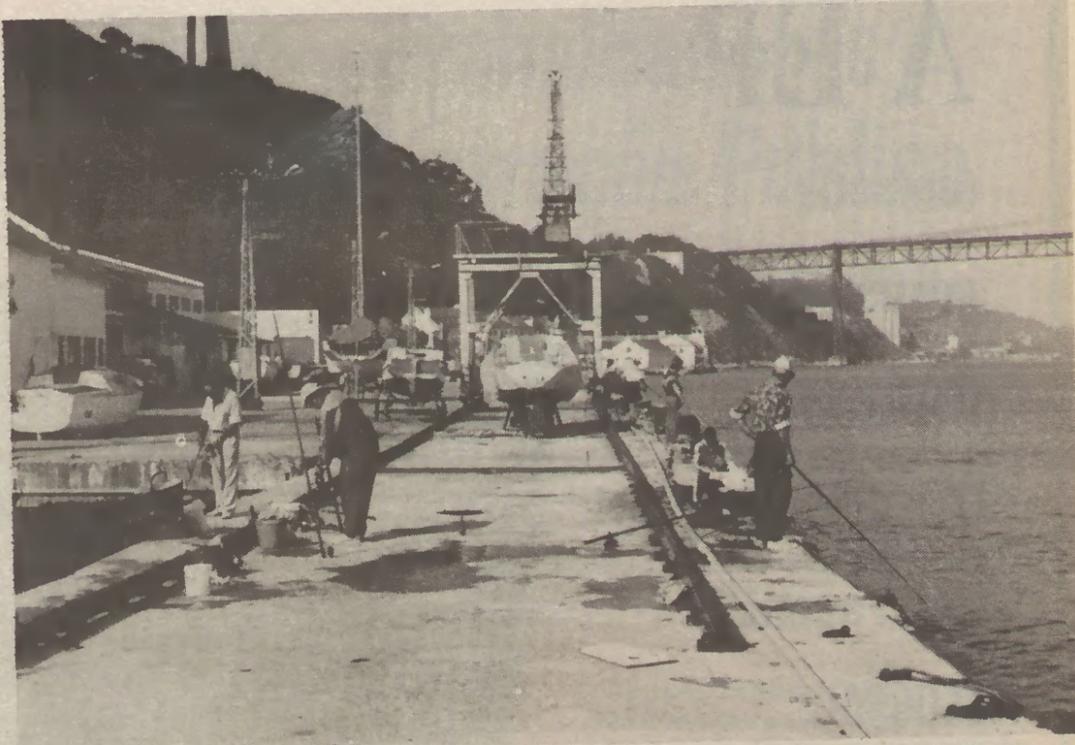
Eulália Mendes

desejando à Organização que esta manifestação desportiva se prolongue por muito tempo, pois ela já faz parte do calendário de provas para muitos amantes da modalidade».

Albertina Dias
Campeã mundial de corta-mato

«Depois de ter vindo às últimas edições da Corrida da Festa e praticamente ter começado aqui as

factor importante neste tipo de corridas».



No âmbito da animação desportiva de promoção da Festa do «Avante!», teve lugar, no passado dia 14, um concurso de pesca que juntou 69 pescadores e 20 equipas. A iniciativa decorreu entre o Olho-de-Boi e o Ginjal, em Cacilhas, tendo os participantes conseguido 60 quilos de pescado, entre os quais 49 quilos de salmonetes. Por equipas, a classificação ficou assim ordenada: 1.ª Equipa, Pescadores da Truta (Barreiro); 2.ª, Filhos de Neptuno (Barreiro); 3.ª, S. R. M. Trafaria (Trafaria).

êxito!



Bernardino Pereira

Futebol Beja apura finalista

A equipa Mac Spadden venceu a última jornada do Torneio de Futebol da festa do «Avante!» de Beja, realizada no passado dia 10 de Agosto, no Polidesportivo da cidade. Também recentemente, teve lugar em A-do-Corvo um Torneio de Futebol da Festa do «Avante!» que contou com a presença de seis equipas de freguesias e lugares do concelho de Castro Verde, de que saiu vencedora a formação de A-de-Neves/Graça, que irá participar na fase final marcada para a Festa do «Avante!».

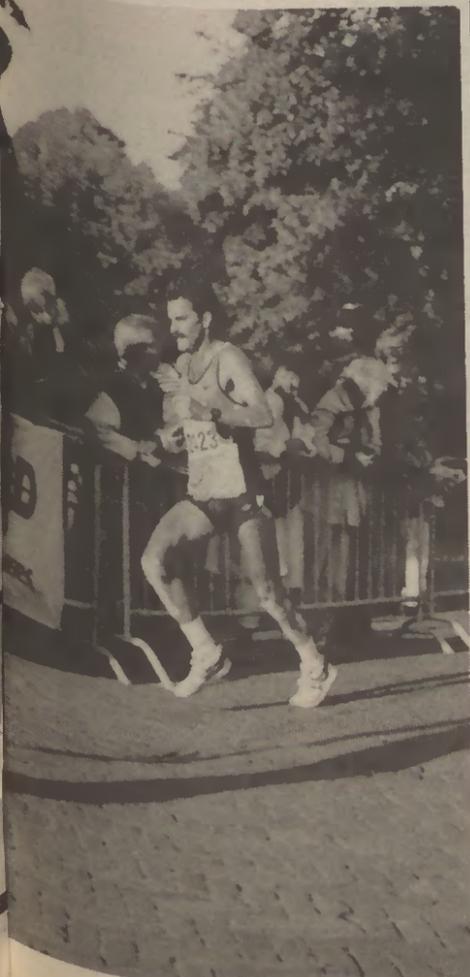
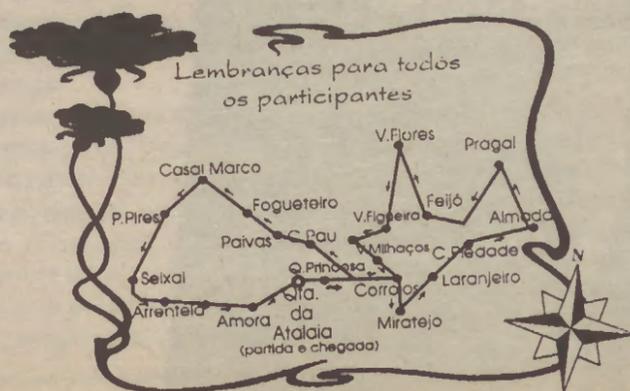


Cicloturismo

Este domingo às 8 horas

Os amantes do cicloturismo têm oportunidade de participar no próximo domingo numa prova organizada pela Comissão de Desporto da Festa do «Avante!», com o apoio técnico do SRUP - Núcleo de Cicloturismo das Torcatas e da Federação Portuguesa da modalidade. A concentração dos participantes está marcada para as 8 horas, junto às bombas de gasolina do Bairro da Medideira, na Amora (junto à entrada da Festa). As inscrições podem ser feitas até meia hora antes da partida, que será dada às 9 horas naquele local, ou pelos telefones 275 27 77-275 39 39.

O percurso tem uma extensão de 50 quilómetros entre Seixal - Almada - Seixal, com partida e chegada no mesmo local, e todos os participantes receberão, no final, uma lembrança.



Cipriano Lucas

A EP

(entrada permanente)
para os três dias da Festa
custa apenas 1600\$00
e pode ser adquirida desde já em todas as sedes do PCP e da JCP

Programa para três dias



Já está à venda a revista-programa da Festa do «Avante!», instrumento fundamental para quem quer aproveitar ao máximo todos os momentos das 35 horas e meia de música, convívio, desporto, solidariedade, cultura e debate que preenchem os dias 2, 3 e 4 de Setembro na Quinta da Atalaia, naquela que vai ser «a Festa dos 20 anos de Abril», como salienta o Editorial.

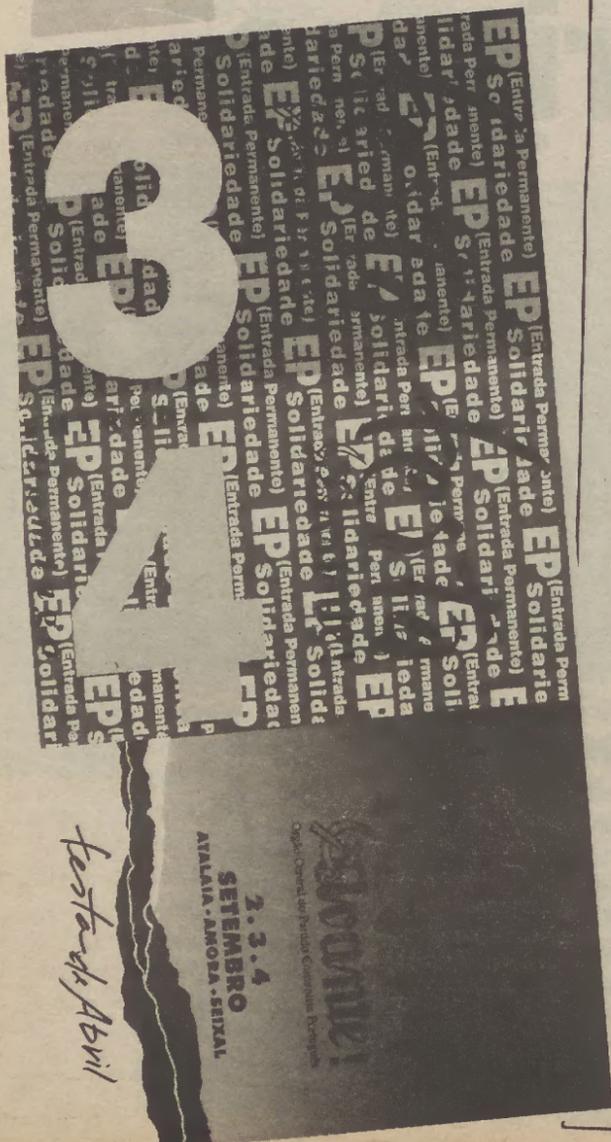
A revista-programa inclui mapas detalhados dos acessos e estacionamentos, horários dos transportes públicos e tudo o mais que mostra como é fácil ir à Festa. Contém ainda o programa dos espectáculos nos diversos palcos, a par de informação pormenorizada sobre as iniciativas que vão ter lugar no pavilhão central, nos stands das organizações, no espaço internacional, na Juventude.

Por 380 escudos, os visitantes da Festa podem já adquirir a revista e fazer o seu próprio programa para três intensos dias.

ENTRADA

2

Festa Avante!



A Medalha da Festa



A assinalar a XVIII Festa do Avante, será editada uma medalha, em bronze pintado, da autoria do escultor José Aurélio, que ofereceu o respectivo projecto.

A medalha, realizada a convite da Direcção da Festa do Avante, tem uma edição limitada de 500 exemplares numerados e assinados pelo autor, e pode ser adquirida na Festa pelo preço de 2500\$00. Estará à venda, durante a Festa, nas bancas do

Espaço Central e do Espaço dedicado à Organização e Imprensa do Partido, entre outras.

Quem preferir, pode, no entanto, adquirir desde já a Medalha da Festa do Avante/94, por 2250\$00, no CT da Soeiro Pereira Gomes, no CT da António Serpa e mesmo na Atalaia. Os pedidos de reserva podem ser feitos para o Gabinete da Festa do Avante, no CT da António Serpa.



Aumentar os salários é justo e correcto

O aumento dos salários, além de ser um factor de justiça social, tem efeitos benéficos na economia pelo crescimento da procura interna. Por outro lado, contrariamente ao que se afirma, a progressão da produtividade é mais elevada nos países em que o custo salarial aumenta mais intensamente, o que sugere que os aumentos de salários não engendram efeitos nefastos na competitividade das economias.

Nesta área, consideram-se prioritárias as seguintes medidas:

1. Garantir o exercício pleno do direito de contratação colectiva, a todos os níveis, e desbloquear os processos em curso, devendo o Governo intervir em conformidade com as suas responsabilidades na promoção da negociação colectiva e, no caso da Administração Pública, negociar, de facto, e de boa-fé.
2. Garantir a revisão dos salários em todos os sectores e empresas em que se tenha verificado perda do poder de compra em 1994, procedendo-se a actualizações imediatas ou considerar as perdas verificadas nos próximos processos negociais.
3. Fixar um aumento intercalar de 5000\$00 no salário mínimo nacional, assegurando a sua aplicação na Administração Pública.
4. Aumentar as pensões de reforma inferiores ao salário mínimo nacional em 3000\$00.
5. Combater eficazmente as situações de salários em atraso.
6. Institucionalizar a garantia de um rendimento mínimo nos termos da recomendação comunitária sobre a matéria.
7. Actualizar de imediato as prestações familiares ainda não

revistas, com efeitos retroactivos a 1 de Janeiro de 1994.

8. Alterar a legislação relativa ao subsídio de desemprego e às pensões de reforma por velhice e invalidez, revogando os aspectos mais gravosos recentemente introduzidos.

9. Promover um sistema fiscal verdadeiramente único e progressivo que assegure a justa repartição da riqueza e dos rendimentos para diminuir as desigualdades sociais.

10. Reduzir os benefícios e isenções fiscais nos rendimentos do capital e combater firmemente a evasão fiscal.

11. Tributar, de facto, rendimentos não provenientes do trabalho e consequente actualização e alargamento da base de incidência do imposto neste tipo de rendimentos.

12. Assegurar a participação dos trabalhadores na comissão formada pelo governo para avaliar a situação fiscal.

13. Promover uma política de distribuição do rendimento que favoreça o crescimento sustentado da procura interna, a acumulação para o investimento produtivo e penalize a acumulação parasitária.

No que concerne à política salarial para 1995, a CGTP-IN reclama a melhoria do poder de compra dos salários, tendo em conta 3 componentes básicas:

- inflação;
- produtividade;
- aproximação à média europeia.

Ouvir os trabalhadores da Administração Pública

O Governo divulgou recentemente um relatório «Renovar a Administração, um desafio, uma aposta», que nada propõe os trabalhadores com vista a solucionar as preocupantes questões laborais que os afectam.

Todavia, tais matérias são de inegável importância para os cidadãos em geral e para os próprios trabalhadores da Administração Pública interessados que estão numa efectiva reforma que aumente a eficiência e qualidade dos serviços prestados.

A discussão de tais matérias, antes de serem presentes em sede de Concertação Social deverão ser debatidas, previamente, com as estruturas sindicais da Administração Pública, o que passa pela rápida abertura de negociações e pela concretização das muitas propostas de diálogo por elas avançadas junto dos Ministérios competentes.

Assim, a CGTP-IN considera necessárias para a Administração Pública as seguintes medidas:

1. Abertura imediata de negociações com as estruturas sindicais da Administração Pública.

2. Salvaguardar o poder de compra dos trabalhadores da Administração Pública assegurando a revisão intercalar de salários, a recolocação do salário mínimo deste sector, em valor não inferior ao salário mínimo nacional e integrando no vencimento o adicional de 2% aprovado em 1992.

3. Rever e valorizar as carreiras profissionais, ligadas à formação contínua, dando cumprimento ao acordado desde 1989.

4. Rever salários e pensões para 1995 (a partir de 1 de Janeiro de 1995), garantindo a recuperação do poder de compra e tendo em conta a inflação previsível para 1995, a participação nos ganhos de produtividade e a aproximação gradual aos níveis salariais praticados nas restantes Administrações Públicas da União Europeia.

5. Assegurar a participação e empenhamento dos trabalhadores numa reforma efectiva da Administração Pública que aumente a sua eficiência e a qualidade dos serviços prestados aos cidadãos.

6. Consagrar na lei o direito de participação sindical, aos níveis dos diferentes Ministérios e Autarquias, em todos os processos de extinção ou reestruturação orgânica de serviços.

7. Suspender, de imediato, a aplicação do DL 247/92 (disponíveis), e anular os processos actualmente em curso.

8. Acabar com a contratação a termo, desburocratizar as normas de ingresso e regularizar as situações de emprego precário, garantindo a admissão na função pública dos trabalhadores que estejam a satisfazer necessidades permanentes dos serviços. Prorrogação de todos os contratos a termo até à conclusão deste processo.

9. Abandonar a utilização ilegal e abusiva de desempregados subsidiados para ocuparem postos de trabalho com carácter de necessidade permanente.

10. Reforçar os mecanismos de participação e negociação colectiva através da criação de um conselho superior da Administração Pública — órgão superior de participação dos sindicatos na discussão de todas as matérias relativas ao regime e âmbito da Administração Pública.

Desenvolver o Interior

Para desenvolver o Interior do País e combater a desertificação, tendo em vista corrigir as assimetrias regionais existentes e promover a fixação das populações através do desenvolvimento local e regional, considera-se necessário tomar as seguintes medidas:

1. Apoios financeiros específicos à sobrevivência e desenvolvimento das empresas instaladas, em função das condições de interioridade.

2. Promover o desenvolvimento rural com a resolução dos problemas da agricultura e o fomento de actividades que fixem as populações ao mundo rural, sobretudo os jovens, assegurando condições de vida dignas.

3. Assegurar a manutenção de uma reserva estratégica de produção agrícola, através da salvaguarda de uma quota de cobertura das nossas importações por produções nacionais.

4. Apostar na modernização agrícola, através da formação profissional dos activos rurais, em especial das camadas mais jovens, não desprezando os conhecimentos acumulados de várias gerações e simultaneamente garantir o crescimento do emprego com o desenvolvimento e diversificação de actividades no mundo rural.

5. Favorecer a descentralização de poderes e correspondentes meios financeiros para as autarquias locais — em vez da aposta em megaprojectos — como forma de estas poderem, de facto, atrair investimentos para a criação de empresas ajustadas às necessidades locais de criação de emprego e absorção de desempregados.

6. Melhorar os diversos serviços públicos vocacionados para as questões do mundo rural, assegurando uma melhor integração de políticas e de meios num esforço comum para aumentar a capacidade das populações do interior do país.

7. Promover e apoiar, através dos fundos comunitários consagrados ao desenvolvimento local, a criação de pequenas indústrias geradoras de emprego, assentes numa dinâmica económica local e regional, aproveitando as sinergias criadas entre os vários operadores económicos, sociais e autarquias locais, interessados e motivados em promover o desenvolvimento local.

8. Favorecer o pleno uso da terra, nas regiões da agricultura extensiva, considerando que o mesmo constitui factor determinante para o desenvolvimento económico e social, atenuando os prejuízos da desertificação e da interioridade, bem como da diminuição dos índices de desemprego.

9. Regionalizar com a consequente criação das regiões administrativas como componente essencial para uma verdadeira política de desenvolvimento integrado (económico, social e cultural), com a participação conhecedora e empenhada das populações, autarquias, forças sociais e políticas.

■ Manoel de Lencastre

A Batalha de Leninegrado

O prisioneiro de guerra alemão, Lowno Rudolf, do 240.^o regimento de Artilharia (170.^a divisão), quando apresentado a testemunhar durante o julgamento dos criminosos de guerra, em Nuremberga, declarou: «Os bombardeamentos de Leninegrado nas manhãs de 8 e 9 de Setembro de 1941, nos dias 11 e 12, nas tardes de 5 e 6 e nas noites de 8 e 10, tinham por objectivo a matança dos seus habitantes, a destruição de fábricas e de todos os edifícios importantes e o aniquilamento do espírito do povo da cidade.»⁽¹⁾

Mas, na hora mais negra de toda a sua história, a capital da Revolução de Outubro, a cidade de onde Lénine dirigiu os dez dias que transformaram o mundo, resistiu e triunfou. Os novecentos dias e noites de bloqueio, o tempo amargo de privações, desespero e morte, seriam, também, um período de intensa glória que agora, estupidamente, se pretende não ter existido. Mas a História está feita. Leninegrado, cidade mártir, cidade heróica, designam-na, hoje, por outro nome para agradar ao imperialismo. Todavia, será sempre Leninegrado, porque os grandes momentos históricos da Revolução e os novecentos dias e noites de resistência superior a tudo o que o mundo vira até então, se fundiram para sempre com a existência e com a história da cidade e do seu povo.

Fábrica «Kirov» — uma fortaleza

Quando Jukov chegou, a situação militar mostrava dramáticos aspectos. A captura da grande cidade e do seu aeroporto eram de considerável importância para os nazis. E estes, para além de óbvias vantagens políticas, económicas e morais, procuravam realizar a ligação com as tropas finlandesas para poderem, simultaneamente, deslocar importantes unidades motorizadas para a zona de Moscovo. Durante os meses de Julho e Agosto de 1941, o «Grupo de Exércitos Norte» (von Leeb) tinha ocupado substanciais territórios e, quando Schlüsselburgo caiu, a 8 de Setembro, a situação da Veneza do Norte tornou-se verdadeiramente precária. Em massa, unidades «panzer» surgiam à volta de Uritsk, dos montes Pulkovo e de Slutsk. Os bombardeamentos de toda a zona, pela «Luftwaffe» tornavam-se infernais, bárbaros, sem mercê, e parecia claro que o assalto final contra Leninegrado teria lugar a qualquer momento.

Do lado soviético, as comunicações com o resto do país apenas eram possíveis através do lago Ladoga ou por meios aéreos com densa cobertura de aparelhos de caça. Mas o perigo dos «Messerschmitts» estava constantemente à vista. A situação piorava hora a hora. Por quantos dias mais conseguiria a grande capital sobreviver? Jukov, agora nomeado comandante da Frente de Leninegrado, vive em reuniões de trabalho febril no «Smolny»⁽²⁾ com Andrei Idanov⁽³⁾, o almirante Isakov⁽⁴⁾ e outros altos dirigentes, procurando soluções e medidas que defendam a cidade. Mas os hitlerianos, em ataques ferozes contra o 42.^o exército soviético, ultrapassam Uritsk e as cidades de Puchkin e Kolpino.

O referido exército lançara em combate tudo o que possuía — já não tinha reservas. O 55.^o (Lazarev) recuava constantemente. Em Kolpino, entretanto, resistia-se ainda nas imediações da fábrica «Izorski», e os comunistas organizavam-se em batalhões de trabalhadores voluntários. A «Izorski» defendeu-se até ao último homem. Mas nuvens negras, densas e baixas, corriam e fixavam-se sobre toda a zona de Leninegrado, e na alma dos resistentes e defensores da cidade, no sentir dos comunistas, morava uma extrema angústia. A 11, os ataques alemães intensificam-se. O comando nazi ordena que o avanço das suas tropas se efectue a coberto do escudo de legiões de mulheres, crianças e velhos, gente dos campos e das aldeias que os nazis tinham capturado. Isto torna difícil a acção da artilharia soviética.

O povo da grande cidade, entretanto, preparava-se para o cumprimento do seu dever. Cada um no seu posto, todos trabalhavam na mais essencial das tarefas: o fornecimento, às tropas, de equipamentos, munições, armamentos. O Conselho Militar da Frente de Leninegrado compreendia, além de Jukov, Idanov e Kuznetsov, o secretário regional do Partido Comunista, Chtikov, o presidente do Comité Executivo regional, Soloviov, e o presi-

dentado do Comité Executivo da cidade, Popkov. Mas a fábrica «Kirov», onde se construíam os tanques «KV», tomara-se num dos principais centros de defesa de Leninegrado. Muitos dos seus operários haviam sido incorporados em exércitos de voluntários e os seus lugares eram ocupados por jovens, por mulheres, por velhos cidadãos. A grande maioria do pessoal da «Kirov» vivia na fábrica, praticamente. Eram raros os que saíam daquilo que passara a ser a fortaleza «Kirov». Chapas de ferro, protegiam as janelas das instalações fabris. Sacos de areia amontoavam-se por toda a vasta área das mesmas. Os bombardeamentos aéreos eram incessantes e o pessoal médico não tinha descanso. Mas a produção não cessava. A «Kirov», mais do que uma fortaleza, era um estandarte de resistência, um farol que iluminava os caminhos da vitória.

Quem estava pronto a morrer primeiro?

Quase monotonamente, contudo, as bombas nazis torturavam e rasgavam as ruas de Leninegrado, as fábricas, as escolas e universidades, os hospitais, as estações ferroviárias. Nesse fantasmagórico 11 de Setembro de 1941, o destino de Leninegrado estava totalmente em jogo. Duderhof já fora ocupada. Krasnoie Selo havia sido abandonada. E a luta, em Kolpino, tornara-se particularmente furiosa dando lugar a que o comando do 42.^o exército fosse, finalmente, alterado. Nas primeiras linhas, em Novosilino, os comunistas tombavam heroicamente. Havia formado 400 grupos de combate com efectivos de 14 000 homens e lutavam principalmente nas zonas de Pskov, Golov, Narva e Luga. Outros 12 000, seguindo instruções do C. C. do Partido, ocupavam lugares de activistas políticos entre as tropas para inspirá-las na luta, sempre que necessário, mas para mostrarem, também, quem estava pronto a morrer primeiro.

Contudo, o avanço dos nazis sobre a cidade de Leninegrado prosseguia, o que permitia a Halder⁽⁵⁾, escrever: «A ofensiva dos 41.^o e 38.^o corpos de tropas motorizadas está a desenvolver-se satisfatoriamente. Grande sucesso. Desde há uma semana que se desenrolam violentas batalhas. O "Grupo de Exércitos Norte" está a registar grandes êxitos na sua ofensiva contra Leninegrado. O inimigo enfraquece, face às tropas de Reinhardt»⁽⁶⁾. Mas, impaciente, o «führer» chama von Leeb a Berlim para ordenar-lhe a imediata captura da cidade do Neva. Deseja, evidentemente, desviar unidades do 4.^o Grupo Panzer⁽⁷⁾ para o sector de Moscovo do «Grupo de Exércitos Centro».

Lutava-se, noite e dia, à volta de Schlüsselburgo e de Oranienbaum e o 42.^o exército soviético, agora sob o comando do general Fediminski (chefe do Estado-Maior, general Khozin) continuava a receber golpes furiosos, em Pulkovo. Severas medidas de controlo de tropas, assim como a constituição de seis brigadas com marinheiros de Kronstadt e a colocação de toda a artilharia naval disponível em grupos de bombardeamentos de longo alcance, não produziam resultados.

Com efeito, na manhã de 13 de Setembro, diversas divisões hitlerianas, incluindo algumas «panzer», lançavam-se para a ocupação de Uritsk. Capturaram, com rapidez, Konstantinovka, Sosnovka e Finskoie Koirovo. Uritsk, portanto, estava-lhes à mercê. Em Berlim, Halder rejubila. E escreve: «Grandes êxitos em Leninegrado. A entrada das nossas tropas no perímetro fortificado interno da cidade, pode considerar-se completa».

A 54.^a divisão não responde

Não era bem assim. Mas a situação tornava-se desesperada. Resolve-se lançar na batalha as derradeiras unidades de reserva, a última divisão, a 10.^a de atiradores. A 14, pela manhã, e após um poderoso ataque de preparação, da artilharia, essa mesma 10.^a

divisão, apoiada por unidades estacionadas proximamente, e pela aviação, atacou desesperadamente as formações nazis frontais contra as quais desferiu golpes terríveis dando lugar à restauração das linhas de defesa originais. Sosnivka e Koirovo foram reconquistadas. Mas, vindas das estradas do Sul de Leninegrado, as tropas de von Leeb evitavam florestas e densas áreas populacionais e avançavam em campo aberto. Para que Leninegrado conseguisse efectivamente resistir e evitasse o bloqueio férreo que a torturava já, era necessário chamar a 54.^a divisão que não fazia parte do sistema de defesa da cidade.

Este exército, porém, ocupando posições em Lipka-Rabochi Posiolok N.^o 8-Rabochi Posiolok N.^o 7 — Posiolok Estonki — Tortolovo — Michkino — Poerechie — Mikalevo — persistia na tomada de acções defensivas e parecia recusar-se a operações de combate frontal. Quem era o comandante do 54.^o exército? Kulik, o mesmo marechal Kulik que já conhecemos desde o princípio da guerra como um estranho soldado permanentemente em fuga. E assim, enquanto o povo da capital da Revolução de Outubro jazia sobre condições ferozes, sofria a fome, o frio, a morte, mas resistia sempre enquanto as fábricas Kirov, Izorski, Russki (motores diesel), Bolchevique, a de empacotamento de carnes, a central eléctrica Dubrovskaia, os estaleiros do Almirantado, a 1.^a de Maio e muitas outras instalações industriais eram vítimas de bárbaros ataques aéreos mas trabalhavam sempre, quase todas, o marechal Kulik, à frente do seu 54.^o exército, simplesmente pretendia nada ter a ver com tudo aquilo.

Leninegrado eterna

A 17 de Setembro, luta-se praticamente, às portas da cidade. Seis divisões inimigas, a coberto de bombardeamentos da «Luftwaffe», tentam penetrar as linhas defensivas soviéticas. Estas, resistem, tenazmente, em cada metro de terreno. E a artilharia da esquadra do Báltico, com a da Frente de Leninegrado, transformam-se em sistemas inamovíveis de acção incessante. Se a defesa de Leninegrado se mantinha, naqueles dias negros de Setembro, isso apenas podia compreender-se porque os habitantes e as tropas defensoras da cidade que se opunham à entrada nela das hordas nazis furiosas, agindo em conjunto, haviam ultrapassado a conjuntura normal das coisas. Os homens e as mulheres da cidade e da Frente de Leninegrado, já não pertenciam a este mundo. Viviam, combatiam, sofriam, é certo, mas desconheciam a morte. Tinham, na verdade, conquistado a eternidade.

Hitler, aos gritos, exige a posse da simbólica cidade. O marechal de campo von Leeb, não lha pode entregar. Na linha entre Ligovo, Kiskino, Verkneie Koirovo, Pulkovo, Moskovskaia Slavianka, Kolpino, é onde a batalha se decide. A 19, Leninegrado sofreu 18 horas de bombardeamentos. A «Luftwaffe» emprega nessas acções nada menos de 276 bombardeiros. Mas, então, o Verão começava a entrar no ocaso. O Inverno estava mais próximo e os alemães não estavam preparados para ele. Começam, portanto, a consolidar posições, e os defensores da cidade invencível compreendem que os nazis parecia haverem desistido, por enquanto, da conquista da tão ambicionada capital. O bloqueio, que duraria até Janeiro de 1943, fortalecer-se-ia. Mas o tempo e a situação, como estamos vendo, trabalhavam a favor da União Soviética. Stalin demite Kulik.

O código de valores morais dos comunistas, infinitamente superior ao dos hitlerianos, impunha-se gradualmente. As 642 000 pessoas que morreram à fome durante o bloqueio e as 21 000 que pereceram sobre os bombardeamentos, para não mencionarmos os muitos milhares que tombaram em combate, provam a grandeza desse código. Com o seu heróico sacrifício, fizeram de Leninegrado uma cidade eterna. Leninegrado, de facto, existe. Existirá para sempre!

(1) «Julgamento dos Criminosos de Guerra Alemã», em 7 volumes (Vol. 1, pág. 594, em russo) Yuridialeskaia Literatura, Publishers, Moscovo, 1957.

(2) Local de onde Lenin dirigiu a Revolução de 1917.

(3) Secretário do Comité Central do Partido Comunista de Leninegrado.

(4) Da esquadra do Báltico.

(5) Chefe do Estado-Maior das forças terrestres germânicas.

(6) Comandante do 41.^o corpo de tropas motorizadas nazis.

(7) Do comando do general Heppner.

■ Miguel Urbano Rodrigues

O liberalismo selvagem

— a ameaça e o desafio

A Humanidade entrou no século XX com uma esperança imensa. Sentia próxima a concretização de esperanças milenárias. Vai sair dele angustiada e desiludida.

Em 1991, o presidente do Estado mais poderoso do planeta proclamou o início de uma era de bem-estar e felicidade no contexto de uma nova ordem internacional, de paz generalizada e eterna.

A promessa era politiqueria. Numa atmosfera de desordem, violência, miséria e arbítrio crescentes, os EUA impõem à humanidade a sua vontade discricionária. E também um modelo de vida e uma partilha do mundo: de um lado, os países industrializados; do outro, os países não desenvolvidos. A população dos primeiros (onde a distribuição da riqueza se apresenta, aliás, fortemente hierarquizada) constitui apenas um sexto do total, mas consome 83% da riqueza produzida.

As regras do modelo e a lógica do seu funcionamento conduzem a desníveis cada vez maiores entre ambos os blocos e no interior de cada um deles.

Derrotar esse sistema monstruoso é para a humanidade o grande desafio no limiar do século XXI.

A ideologia do liberalismo selvagem não aceita condicionamentos éticos. A sua dinâmica do vale tudo torna este liberalismo irracional mais agressivo e perigoso do que o liberalismo dos tempos de Stuart Mill, que serviu de referência para a teorização de Marx sobre o capitalismo.

O sistema de exploração do homem evoluiu tanto que a circulação, a concentração e a acumulação do capital deixaram, no fundamental, de estar ligados à produção de bens. A especulação financeira passou a ser o motor da engrenagem. Presentemente, os chamados derivados, que resultam dos fluxos financeiros, ou seja, do jogo do dinheiro gerado pela promessa de lucros, representam anualmente o dobro do PIB dos EUA (1). A produção, indispensável ao desenvolvimento sadio, tornou-se acessória e desinteressante aos olhos dos cavaleiros da aventura financeira. Os estrategos do Grupo dos 7, servidores fiéis da religião do mercado, aprova.

Nos EUA, motor e pólo do sistema, a indústria desempenha um papel cada vez mais secundário no planeamento do futuro como fonte produtora de riqueza.

John Kenneth Galbraith, no seu livro «História da Euforia Financeira», descreve com lucidez o funcionamento dos mecanismos do liberalismo selvagem, erigido primeiro em moda e hoje quase em religião do moderno capitalismo, sem controlo.

Na era dos especuladores, três quartos dos lucros da banca resultaram em 1992 dos derivados. A tendência manteve-se no ano seguinte. A engenharia financeira substituiu, na dinâmica perversa da acumulação o binómio trabalho-produção.

O último relatório da OCDE contém todas as receitas para que os Cavacos do planeta, executores pouco imaginativos do modelo, agravem a situação dos assalariados e dos desempregados nos 25 países da Organização.

Existem hoje manuais sofisticados sobre as técnicas da flexibilização, a panaceia supostamente miraculosa inventada pelo patronato para «revolucionar» o mercado do trabalho... Uma propaganda insidiosa tenta persuadir os assalariados ingénuos de que uma política de despedimentos favorece a médio prazo a criação de postos de trabalho, incentivando a prosperidade global.

O FMI, impaciente, pede já a supressão do subsídio do desemprego e do salário mínimo (nos países onde existem).

A legitimidade do Estado é posta em causa pelas mutações decorrentes da ofensiva do liberalismo irracional. A internacionalização forçada da economia torna mais vulneráveis as economias nacionais e limita a esfera de liberdade das administrações submetidas a normas supranacionais.

Os processos que conduziram nos EUA ao fim da recessão (mas não da crise) estão a ser imitados na Europa comunitária: aumento da produtividade resultante da introdução de novas tecnologias que permitem a supressão de postos de traba-

lho e, claro, de salários. Social-democratas, democratas cristãos, liberais de múltiplos matizes somente diferem na linguagem e em questões de pormenor. Todos recomendam em uníssono o mesmo tratamento de choque: aumento do exército de desempregados, baixa de salários, incentivo aos contratos a prazo, despedimentos, redução dos encargos sociais, privatização da Previdência.

A população da Europa Ocidental quase não aumentou no último quarto de século. O conjunto dos países da União Europeia tem condições para proporcionar trabalho e bem-estar a toda a sua população activa e aos idosos. A lógica do sistema choca-se, porém, com a lógica das leis gerais da economia.

O que vemos?

Somente no espaço da UE o total de desempregados atingirá a casa dos 20 milhões no próximo ano. Na Espanha, um em cada quatro trabalhadores já está no desemprego...

O concerto de lamentações dos grandes empresários faz parte do jogo. Mentem conscientemente. Estão hoje mais ricos do que antes. Entre 1982 e 1992, as 200 maiores transnacionais aumentaram os seus lucros em muitos milhares de milhões de dólares. Houve muitas falências e crises, sobretudo na banca. Mas no conjunto, a parcela desses gigantes no PIB mundial cresceu de 24,2% para 26,8%. (2)

Entretanto, prossegue o alarido patronal em prol da desregulamentação e da privatização, não obstante os resultados dessa política serem, em dezenas de países, devastadores.

Em Portugal, a campanha assume aspectos que ferem a inteligência. Dia após dia, contemplamos na televisão o desfile dos cruzados do ultraliberalismo. De Cavaco ao senhorito Ferraz, da CIP, passando pelo pelotão ministerial, eles entoam hinos aos benefícios miraculosos das privatizações, fazem a apologia do Estado mínimo e do mercado selvagem, tal como o concebem. Sob os sorrisos cúmplices dos apresentadores de serviço, comportam-se não como figuras públicas mas como gente irresponsável, modernos bárbaros que repetem fórmulas importadas cujos milagres são desmentidos, aliás, por factos e estatísticas.

Desmantelar o que resta da legislação laboral, herança da Revolução de Abril, é para eles objectivo prioritário e permanente, quase uma obsessão. Ficaram todos encantados com as catilinárias lançadas em Corfu pelo Grupo dos 7 contra o mal chamado Estado-Providência. A responsabilidade do Estado na Previdência Social aparece-lhes como coisa de outras eras que terá de ser revista drasticamente. Saúde, Educação, Pensões para quem trabalhou durante décadas surgem-lhes como questões que exigem distanciamento do Estado. Este deveria gradualmente transferir as suas responsabilidades materiais nessas áreas para o sector privado. O exemplo da obra social realizada por Pinochet (assessorado pelos Chicago Boys) é citado elogiosamente; já inspira imitadores.

Os tenores da privatização sem fronteiras mentem despudoradamente. Têm consciência de que enganam os trabalhadores

E Portugal?

Qual o papel, por pequeno que seja, de Portugal no esforço colectivo para a saída do túnel em que nos encontramos?

A pergunta ocorre a cada um de nós. Não me atrevo a fazer previsões. Mas é positivo que o povo português, ao longo deste difícil ano, tenha demonstrado, através da contestação cada vez mais firme a uma política irresponsável, que recusa o modelo de sociedade que lhe querem impor. Neste desfigurado país de Abril, estão a ser aplicadas as perigosas receitas do liberalismo selvagem. O discurso oficial é medonho pelo conteúdo e pela estupidez. Suportamos

há um ano um Primeiro-Ministro que fala com a empostação de César, mas tem a envergadura de um satrapa de Dario.

Governar, dizia ele, há dias, no Pontal, requer visão do futuro. Enunciou um truismo do qual não sabe extrair as ilações.

Que visão pode ter do futuro um homem que não consegue entender o presente do seu país e o sentir do seu povo? Que amanhã pode conceber um governante que, perante o espectáculo e o movimento da vida e as angustiadas indagações da humanidade, traduz a sua confusão em arengas arrogantes e numa pequena e cruel política?

quando lhes acenam com as maravilhas da flexibilidade e a criação de novos empregos. Repetem fórmulas do taylorismo, sem nunca terem lido a obra de Frederick Taylor. Cultivam alegremente a hipocrisia.

Um americano, Juliet Schor, professor da Universidade de Harvard, publicou um ensaio que incomodou os economistas do establishment. Revelou que o operário médio nos EUA trabalhava em 1987 mais 163 horas do que em 1969. «Segundo

os meus cálculos — escreveu — para recuperarem o nível de vida de 1973, eles (os operários) teriam de trabalhar mais 245 horas, ou seja, seis semanas suplementares, em cada ano». (3)

Uma publicidade agressiva recomenda diariamente na televisão produtos cuja aquisição contribuirá para tornar a vida mais agradável. Pouca gente se apercebe de que essa apologia do consumo irracional contribui para empurrar a humanidade rumo a um desastre de proporções inimagináveis.

*
* *

Os slogans sobre a mundialização da economia difundidos pelo bombardeamento mediático sugerem que caminhamos para uma sociedade planetária cada vez mais homogénea. Será necessário apenas um pouco de paciência — garantem — para que as assimetrias no desenvolvimento sejam eliminadas. Essa propaganda deforma a realidade. As desigualdades nunca foram tão grandes e acentuam-se em ritmo assustador.

O último acordo do GATT, saudado como uma vitória do progresso e da democratização do comércio internacional, veio na prática reforçar a ditadura dos poderosos sobre os fracos e, em primeiro lugar, impor exigências dos EUA.

O império norte-americano, com a cumplicidade (não obstante as contradições existentes) dos governos e das grandes empresas da União Europeia está a colocar a humanidade na beira de um abismo insondável.

O capitalismo descontrolado enquanto tanta levar às últimas consequências as políticas do liberalismo selvagem gera mecanismos que ampliam a exploração do Sul pelo Norte.

Desde o início dos anos 80 que o Sul, apesar da sua miséria, passou a ser exportador líquido de capitais para o Norte. Dá mais do que recebe. O resultado é o empobrecimento galopante dos mais pobres. Mais de 1400 milhões de pessoas (quase um quarto da população mundial) vivem hoje com menos de um dólar por dia, ou seja, menos de quatro contos mensais.

Alguns governos que choram lágrimas de crocodilo pela tragédia do Ruanda são os principais responsáveis pela fome, pela doença, pelos conflitos sangrentos que devastam muitos países do Terceiro Mundo.

Os horrores do Ruanda não devem ser isolados do contexto que os tornou possíveis. A fome na Etiópia e Moçambique, a intervenção na Somália, as guerras larvares em muitos países africanos (a posição da ONU no caso angolano é um exemplo de hipocrisia e má-fé), o bloqueio a Cuba são acontecimentos inseparáveis de uma política de hegemonia e egoísmo.

Somos, hoje, na Terra, 5,3 mil milhões. Seremos mais de 7 mil milhões no ano 2000, segundo previsões de crescimento reduzido. Na União Europeia e nos EUA são destruídos ou armazenados todos os anos milhões de toneladas de alimentos enquanto mundo afora morrem de fome milhões de pessoas.

Temos cada vez menos água doce, um terço per capita da quantidade disponível há um quarto de século (4). Ao visitar o Ruanda, João Paulo II condenou o uso do preservativo apesar de o país ter a maior taxa de natalidade do mundo: quase nove filhos por mãe.

Os temores ganham contornos de pesadelo. Mas continuamos a correr para o precipício. Estamos poderosos, continuam a fabricar canhões e mísseis para venda aos países mais pobres e atrasados e acumulam estoques de cereais, carne e gorduras. Espalham com displicência as sementes de novas Ruandas e Somálias. Em casa, geram recessões com as suas políticas aventureiras e cruéis e, para saírem delas e tornarem mais hediondo o modelo da sociedade liberal moderna, promovem o desemprego e esforçam-se por desmantelar o sistema de relações sociais que começou a ser estruturado no final do século XIX.

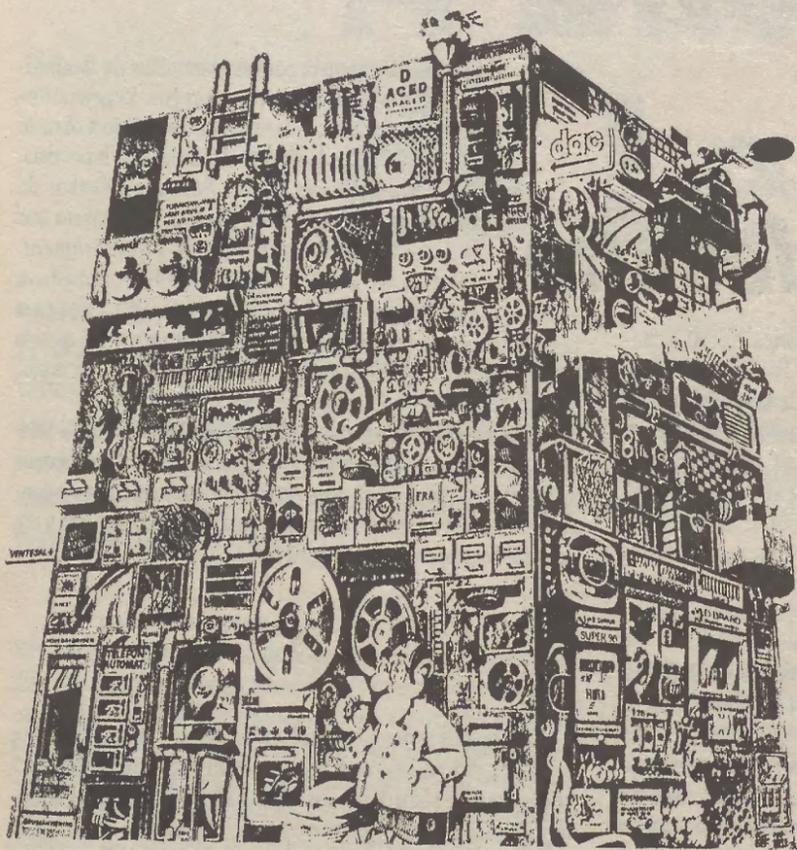
O panorama é sombrio. Mas acredito que a humanidade conseguirá vencer o grande desafio (soma de muitos desafios) que nasce para ela da estratégia do liberalismo irracional. A História não chegou ao fim e a era das revoluções não acabou.

(1) Ibrahim Warde, in «Le Monde Diplomatique», Julho de 94, Paris.

(2) Frederic Clairmont e J. Cavanagh, in «Le Monde Diplomatique», Março de 94, Paris.

(3) Juliet Schor, «The Overworked American: The Unexpected Decline of Leisure Time», Basic Books, New York, 1991.

PONTOS CARDEAIS



PONTOS NATURAIS

Viagem dentro da gaveta

O muito que já vivi no mundo que o mundo tem é tanto e tal o que vi que não o viu mais ninguém. Se alguém não me acompanhar aprenda o antigo saber: na arte de ver o olhar não basta olhar para ver.

Vi um porco ter juízo
vi um pobre ser contente
vi a lágrima ser riso
vi estar o gelo no quente.
Vi voando um carapau no lombo de uma minhoca
vi um pássaro bisnau sem asas sair da toca.
Vi morrer de falta de ar astro pescado no céu e vi o lobo chorar das ovelhas que comeu.
Inda que pareça mal olhar-se com tanto apuro eu já vi um Capital dizer que não quer o juro!
Vi um mar feito de vinho para a tristeza afogar e a saudade feita espinho a desgraça consolar.
Vi na pedra um pensamento falar de mim e de ti e vi um pote de vento guardar os bens que perdi.
Um comboio fora vi das linhas com que se cose e até vi a Bellamy jantar à mesa com a Rose.
Palhaços já vi em pranto já vi cravos dar urtigas

e um santo fazer intrigas e um intriguista ser santo. Já vi o Telejornal dizer coisas verdadeiras. Vi um chagal ter maneiras pra não passar por chagal. Versos sem pés nem cabeça e raparigas já velhas. Por estranho que pareça vi votar em lobo, ovelhas. Eu já vi um locutor falar bem o Português vi outro que faxafor, a falar mal o Inglês. Já vi um ó-ó de urubu nas mãos da teletiti vi um end of part tow depois de um end of part three. Do céu a porta no trinco vi sem cuidado nenhum e até vi um 25 metido num 31. Na arte de bem fingir negócios de capoeira vi até um judas rir pendurado na figueira.

Para bem se compreender o que se diz a jogar não basta olhar para ver é preciso ver o olhar. Se eu vivi o que vi, vi passando-me a vida ao lado. Já nem sei se o que vivi foi vivido ou foi sonhado.

Mário Castrim

Opções

A gente já se vem habituando, desde há anos, a ver o sucesso e até a dignidade serem ligados ao dinheiro. Quanto mais dinheiro, mais dignidade, maior sucesso, diz Cavaco e disseram outros antes dele, e repetem muitos por ele. É assim que, quando se trata de aumentar os proventos dos políticos não se está a fazer mais do que conceder-lhes maior dignidade e, quanto aos trabalhadores, estes não precisariam de dignidade para nada nem de sucesso para coisas nenhuma. Agora, ficamos a saber ainda que o dinheiro dá liberdade.

Trata-se de uma afirmação verdadeira. No entanto, a forma como por vezes é dita, deixa-nos o sabor daqueloutra, também verdadeira mas não menos sinistramente cínica, inscrita nos campos de concentração onde os nazis despejavam, para trabalhar e morrer, os milhões de comunistas e de judeus. "O trabalho dá a liberdade", diziam eles. Mas trata-se apenas do sabor do cinismo e não queremos comparar a horrível ironia nazi com a despreocupada tolice que a "sociedade do sucesso" permite e estimula. Aqui há dias, numa entrevista, uma conhecida apresentadora de sucesso, afirmava que hoje tinha mais liberdade de opção: se hesitasse entre três pares de sapatos, comprava-os todos. Imagine-se a liberdade que tinha a mulher do ditador Marcos, para com os seus milhares de pares de sapatos!

Preferências

Chega-se, entretanto e com rapidez, à conclusão - que o "país do sucesso" também permite - de que a liberdade de escolha não é uma questão de dinheiro para comprá-la. Quem tem as suas preferências mantém-nas. *Preferem*, embora sonhe? Esta vem a propósito de um "estudo" veiculado por um matutino, onde se afirma que os portugueses *preferem* ficar em casa em vez de irem ao estrangeiro de férias. Contrariamente à maioria dos outros europeus, os portugueses são muito caseiros. Se um

francês gosta de dar umas voltas, nem que seja no interior da Comunidade, não será certamente porque tem mais dinheiro para isso, nomeadamente para vir a Portugal. Se a gente vê pelas estradas do país muitos carros espanhóis, é porque os nossos vizinhos são tão diferentes de nós que gostam de visitas. Que os ingleses que enchameiam o Algarve e são em grande parte trabalhadores para quem essas férias são baratas, não o fazem



por ter dinheiro que chegue, mas porque, ao contrário dos portugueses, gostam de viajar. Os portugueses, embora cheios de dinheiro, preferem ficar em casa...

É pagar, senão...

Primeiro, foram os descontos. Com um cartãozinho, mais umas senhas, mais umas vezes a acumular passagens e já está, o utente poupa que se farta. E tem direito à paisagem maravilhosa do Tejo, com promessas de muitas vias, muitos caminhos-de-ferro, muitas pontes. Depois da propaganda das facilidades, vem a propaganda, esta muito mais séria, porque é fácil desconfiar das benesses, de repressão sobre os recalcitrantes. Até nos mostraram o esquema, com os guardas de choque disseminados entre os carros, prontos à paulada, como estiveram prontos ao tiro. Também houve a tentação de mostrar o êxito que tem sido a venda dos novos títulos de portagem. Mas a reportagem desmente as intenções. Muita gente só lá foi perguntar como vai ser, quanto vai pagar. E, mesmo os que não estão dispostos a meter-se em "confusões", mostraram bem o repúdio que o pagamento da portagem lhes merece.

FRASES da SEMANA

"(No primeiro Verão pós-25 de Abril) preocupava-me o que poderia suceder em Portugal, face a algum desvario que reinava, e pensava que, possivelmente, em 1975 não haveria férias. Mas, felizmente, as coisas evoluíram de forma muito positiva."

(Alfredo César Torres - Inquérito sobre «Férias» - «Público», 19.08.94)

"(Pinto Balsemão) É o único fundador do PPD que ainda se mantém no partido. Já foi o líder. E já foi Primeiro-Ministro. Rico. Muito rico."

(Os «barões do PSD», segundo o «Semanário», 20.08.94)

"(Ángelo Correia) Senhor de uma inteligência finíssima. Um pouco filósofo, quando quer. Muito dedicado aos seus negócios."

(idem)

"(Alberto João Jardim) É dono de uma ilha no meio do Atlântico. Na Madeira quem manda é ele. Quando vem a Lisboa é um ciclone."

(idem)

"(Marcelo Rebelo de Sousa) Um prodígio de inteligência. Detesta Cavaco."

(idem)

"(Pedro Santana Lopes) Muitos dos militantes lisboetas ainda hoje suspiram por ele. Liberal. Inteligente. Excelente político."

(idem)

"(Mota Amaral) Senhor das ilhas, tem um estilo completamente diferente do de Alberto João. (...) Não se sabe quase nada sobre a sua vida privada."

(idem)

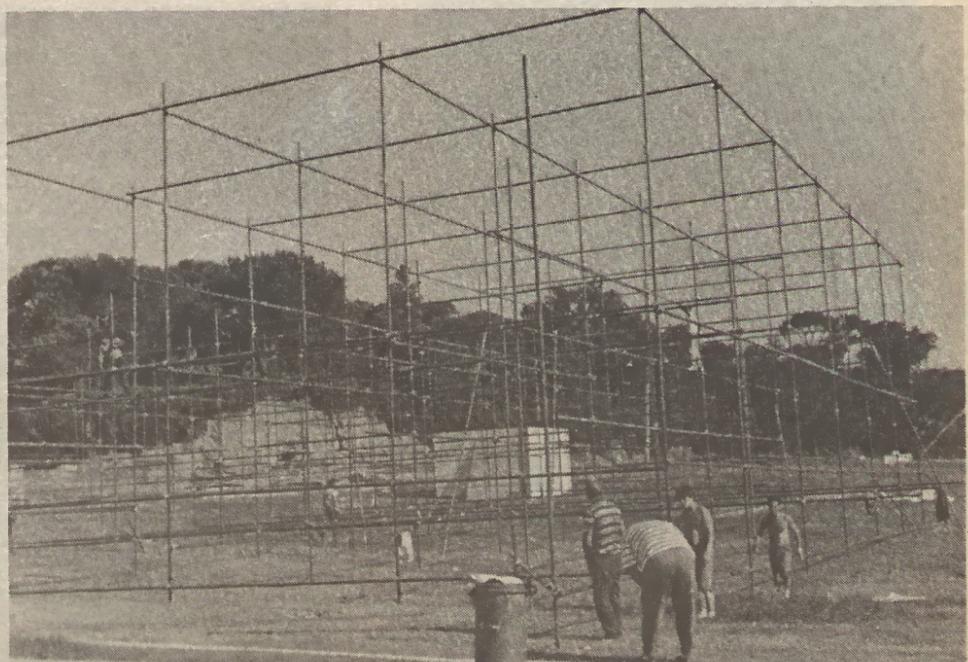
"O PSD tem energia para ser alternativa a si próprio."

(Nunes Liberato, citado em «Expresso», 20.08.94)

"P.S. - Nas próximas três semanas não se publicará esta coluna."

(José António Saraiva, «Política à Portuguesa» - «Expresso», 20.08.94)

Último fim-de-semana



de trabalho *Festa* *Avante!*

na Festa



participa!

PALAVRAS CRUZADAS

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1														
2														
3														
4														
5														
6														
7														
8														
9														
10														
11														
12														
13														

HORIZONTAIS: 1 — Cobardias. 2 — Homens sem cabeça nem pés; conquistar, alimentei-me. 3 — Regra obrigatória; a nossa casa; óxido de cálcio. 4 — Indolente; cidade alentejana. 5 — Ruminante e cornífero útil ao homem quer morto, quer vivo; anel de cadeia. 6 — Fêmea do bode; favorável; deita cheio. 7 — Dinheiro italiano; casa nobre na província; cidade do lémeno. 8 — Moldura; pomposo; corrente de água natural. 9 — Termina; faça gestos. 10 — Qualquer; boi selvagem. 11 — Lavram; dança brasileira; o mesmo. 12 — Afligi; de tal maneira; avarente. 13 — Aplanava; viveiro de aves.

VERTICAIS: 1 — Falcão ou gavião de menos dum ano; ajuntamentos de famílias com um único chefe na Alta Escócia; pedra de altar. 2 — Alumen; ir para fora; grande lago salgado do Turquestão. 3 — Meia dúzia; pão de milho; acolá. 4 — Pref. neg.; trabalho; cimos. 5 — A frente do navio; tio da América; andava. 6 — Astatino (s.q.); Níquel (s.q.); régulos. 7 — Apellido do mareante genovês que descobriu algumas ilhas do arquipélago de Cabo Verde; pela; fruto da azeitona. 8 — Ministro da religião maometana; roldana; patroa. 9 — Fluxo e refluxo das águas; imã (fam.); jibóia. 10 — Dirigir-se; repara; fila de bestas de carga. 11 — Pescoço e ombros; ente; grito de dor; 12 — Antes de Cristo (abrev.); globo gigante para a extração da lotaria; a que se vai casar. 13 — Dique para reparações de navios; sacco de couro para líquidos; ofertar. 14 — Nome de mulher; nação; golpeei. 15 — Tulha para forragens verdes e cereais; tanto pode ser de Salvação, como de Perdição segundo Camilo; governo (fig.).

SOLUÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

HORIZONTAIS: 1 — Pompa; pôr; pombo. 2 — Área; mar; sarara. 3 — Cair; ETA; Ana; ás. 4 — Adora; ura; edemi. 5 — Tá; ar; sim; gomis. 6 — As; oca; virar. 7 — AD; aba pares. 8 — Ocas; idas; sis; cá. 9 — Vagas; açã; sob. 10 — Abano; Sol; orada. 11 — Ra.; amo; Rur; agir. 12 — Arados; ena; taça. 13 — Magos; USA; fazem.

VERTICAIS: 1 — Pacato; ovaram. 2 — Orada; acabara. 3 — Meio; adaga; ag. 4 — Paras; sanado. 5 — Ar; somos. 6 — Me; Obi; os. 7 — Patuscadas. 8 — Oraria; açores; 9 — Am.; aluna. — 10; Sã; vã; rã. 11 — Panegírico, 12 — Oradores; rata. 13 — Má; emas; sagaz. 14 — Bramir; códice. 15 — Oásis; gabaram.

XADREZ

CDLXXIV - 25 DE AGOSTO DE 1994

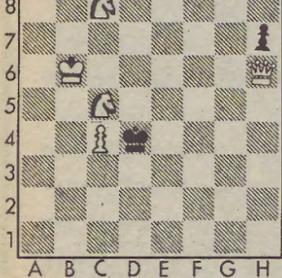
PROPOSIÇÃO Nº 1994X061

Por: JOSEF POSPISIL

Brüner Thema-Turnier, 1897

Pr. [2]: Ph7-Rd4

Br. [5]: Pç4-Cs.ç5, ç8-Dh6-Rb6



Mate em 3 lances

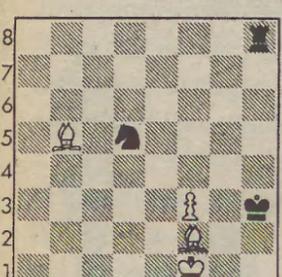
PROPOSIÇÃO Nº 1994X062

Por: F. J. PROKOP

Ceské slovo, 1924

Pr. [3]: Cd5 - Th8 - Rh3

Br. [4]: Pf3 - Bs.b5, f2 - Rf1



Branças jogam e ganham

SOLUÇÕES DO Nº CDLXXIV

N.º 1994X061 [J.P.]: 1. Cç7!, Rç4; 2. Cç6, Rç3; 3. Dç1++
1. Rç5; 2. Cd5, Rd5, Rf5; 3. Dh5++
1. Rç3; 2. Dç1+, Rd4; 3. Cç6++
N.º 1994X062 [F.J.P.]: 1. Rg1, Tg8+; 2. Rh1, Cç3; 3. Bd7+, Cg4; 4. Rg1, Tg7; 5. Bf5, Tg5; 6. f.g4, Tg4+; 7. Rf1 e ganham.

A. de M. M.

DAMAS

CDLXXIV - 25 DE AGOSTO DE 1994

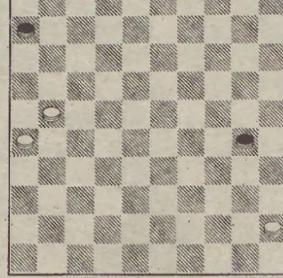
PROPOSIÇÃO Nº 1994D061

Por: ISIDORE WEISS

Fonte: 1001 Miniaturen, Londres, 1938

Pr. [2]: 6-30

Br. [3]: 21-26-45



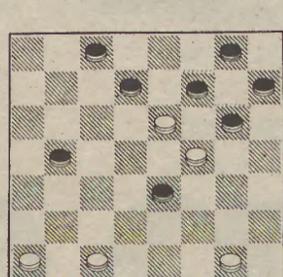
Branças jogam e ganham

PROPOSIÇÃO Nº 1994D062

GOLPE Nº 83

Por: JORGE GOMES FERNANDES

1. 10-14, 23-19; 2. 14-23, 28-19; 3. 5-10, 32-28; 4. 1-5, 28-23; 5. 10-13, 19-14; 6. 11-18, 21-14; 7. 13-18, 22-13; 8. 9-18, 24-20; 9. 12-15, 20-11; 10. 6-15, 26-21; 11. 15-19, 23-20; 12. 19-22, 30-26 DIAGRAMA

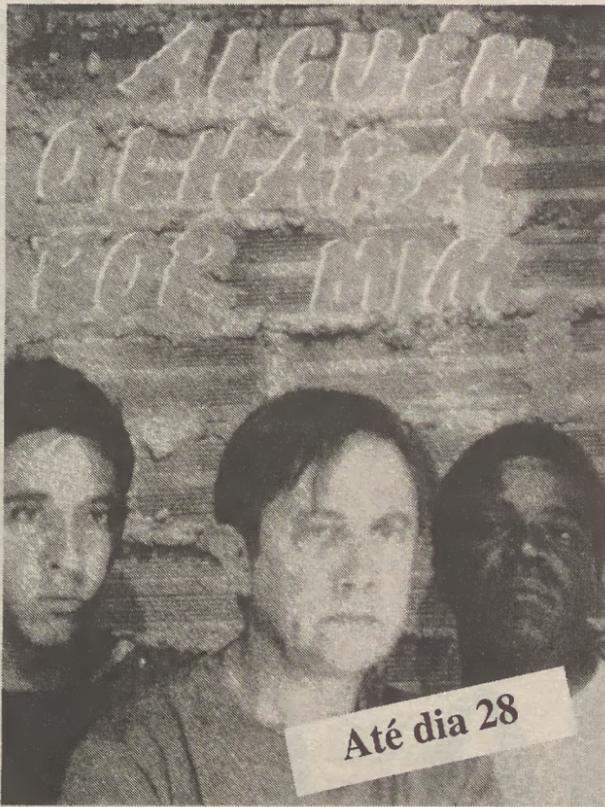


Branças jogam e ganham

SOLUÇÕES DO Nº CDLXXIV

N.º 1994D061 [I.W.]: 1. 21-17!, (30-34); 2. 45-40!, (34-45); 3. 26-21; SE: 3. (45-50=D); 4. 21-16+ SE: 3. (6-11); 4. 17X6, (45-50=D); 5. 21-17+
N.º 1994D062 [J.G.F.]: 13. 8-12, 26-19; 14. 12-15, 19-12; 15. 7-30=D+ SE: 14. 20-11; 15. 5-10, 14-5; 16. 7-30=D, 21-14; 17. 2-9 e 18. 30-23+ [Fonte: Vamos Decifrar n.º 227, 20.XII.1952]

A. de M. M.



TEATRO

FACULDADE DE LETRAS

Lisboa, Alameda da Universidade. Tel. 7970969. De 4ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00: OLE-ANNA, de David Mamet, encenação de João Lourenço (até 28 de Agosto)

TEATRO ABERTO

Lisboa, Pç. de Espanha. Tel. 7970969. 6ª e sáb. às 21.30, dom. às 16.00. ALGUÉM OLHARÁ POR MIM, de Frank McGuinness, encenação de João Lourenço (até 28 de Agosto)

TEATRO MIRITA CASIMIRO

Monte Estoril, Lg. do Cruzeiro. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às

17.00. O DIÁRIO DE ANNE FRANK, de Frances Goodrich e Albert Hacquet, encenação de Carlos Avilez

TEATRO DO SÉCULO

Lisboa, R. do Século, 41. Tel. 3429992. De 5ª a dom. às 22.00. RESÍDUOS, de Samuel Beckett, adaptação e encenação de José Meireles (até 4 de Setembro)

TEATRO POLITEAMA

Lisboa, R. das Portas de S. Antão. Tel. 3431200. De 3ª a 6ª às 22.00, sáb. e dom. às 16.00 e 22.00. MALDITA COCAÍNA, texto e encenação de Filipe La Féria

INICIATIVAS

Jornada de Trabalho do Concelho da Amadora na Festa do Avante!

Sábado e domingo (dias 27 e 28)

Transporte assegurado Partida do CT da Amadora

Reformados de S. Domingos de Rana

PLENÁRIO

sobre a situação política e a Festa do Avante!

Hoje, quinta-feira, às 15 h. no CT de Tires

FILMES

QUINTA, 25

Queremos a Liberdade
«A Nous la Liberté» (Fr./1931). Real: René Clair. Int.: Raymond Cordy, Henri Marchand, Germaine Aussy, Rolla Franca. P/B, 82 min. Ver Destaque. (13.50, TV 2)

Crónica dos Pobres Amantes
«Cronache di Poveri Amanti» (It./1953). Real: Carlo Lizzani. Int.: Marcello Mastroianni, Anna Maria Ferrero, Cosetta Ceco, Antonella Lualdi. P/B, 111 min. Ver Destaque. (14.20, SIC)

Eu só Perguntell
«I Only Asked!» (Gr.Br./1958). Real: Montgomery Tully. Int.: Bernard Bresslaw, Alfie Bass, Michael Medwin, Geoffrey Sumner. Cor, 79 min. Comédia. (00.15, Canal 1)

SEXTA, 26

Prisioneiros do Terror
«Ministry of Fear» (EUA/1944). Real: Fritz Lang. Int.: Ray Milland, Majorie Reynolds, Carl Esmond, Dan Durvey. P/B, 83 min. Ver Destaque. (13.50, TV 2)

O Milagre de Milão
«Miracolo a Milano» (It./1950). Real: Vittorio de Sica. Int.: Emma Gramatica, Francesco Golisano, Paolo Stoppa. P/B, 90 min. Ver Destaque. (14.20, SIC)

Só Falta o Assassino
«Once Upon a Crime» (EUA/1992). Real: Eugene Levy. Int.: John Candy, James Belushi, Cybill Shepherd, Sean Young, Omella Muti, Giancarlo Giannini. Cor, 90 min. Comédia. (00.00, Canal 1)

O Dia Seguinte
«The Day After» (EUA/1983). Real: Nicholas Meyer. Int.: Jason Robards, JoBeth Williams, Steve Guttenberg, Amy Madigan. Cor, 120 min. Ver Destaque. (00.05, SIC)

Escândalos na Riviera
«On The Riviera» (EUA/1951). Real: Walter Lang. Int.: Danny Kaye, Gene Tierney, Corinne Calvet, Marcel Dalio, Jean Murat. Cor, 89 min. Comédia Musical. (00.30, Quatro)

SÁBADO, 27

O Mundo nos seus Braços
«The World in His Arms» (EUA/1952). Real: Raoul Walsh. Int.: Gregory Peck, Ann Blyth, Anthony Quinn, John McIntire. Cor, 100 min. Aventuras. (12.00, TV 2)

O Corsário Lafitte
«The Buccaneer» (EUA/1958). Real: Anthony Quinn. Int.: Yul Brynner, Charlton Heston, Claire Bloom, Charles Boyer. Cor, 117 min. Histórico. (15.00, SIC)

Olha Quem Ladra
«Bingo» (EUA/1991). Real: Matthew Robbins. Int.: Cindy Williams, David Rasche, Robert J. Steinmiller, Jr., Kurt Fuller. Cor, 87 min. Aventuras / Infantil. (17.15, Quatro)

O Implacável
«L'Alpagueur» (Fr./1976). Real: Philippe Labro. Int.: Jean-Paul Belmondo, Bruno Cremer, Jean Néroni, Patrick Fierry. Cor, 100 min. Policial. (20.30, Canal 1)

O Ano do Sol Tranquilo
«Rok Spokojnego Slonca» (Pol./EUA/RFA/1984). Real: Krzysztof Zanussi. Int.: Maja Komorowska, Scott Wilson, Hanna Skarżanka. Cor, 104 min. Ver Destaque. (23.45, TV 2)

Lola
«Lola» (RFA/1982). Real: R. W. Fassbinder. Int.: Barbara Sukowa, Armin Mueller-Stahl, Mario Adorf, Mathias Fuchs. Cor, 110 min. Ver Destaque. (00.30, SIC)

Misery, O Capítulo Final
«Misery» (EUA/1990). Real: Rob Reiner. Int.: James Caan, Kathy Bates, Frances Sternhagen, Richard Farnsworth, Lauren Bacall. Cor, 106 min. Ver Destaque. (00.45, Quatro)

Quem é Harry Crumb?
«Who's Harry Crumb?» (EUA/1989). Real: Paul Flaherty. Int.: John Candy, Jeffrey Jones, Annie Potts, Tim Thomerson. Cor, 86 min. Comédia. (01.45, Canal 1)

DOMINGO, 28

Estão Todos Bem
«Stanno Tutti Bene» (It./1991). Real: Giuseppe Tornatore. Int.: Marcello Mastroianni, Michèle Morgan. Cor, 120 min. Ver Destaque. (14.30, SIC)

Pista Quente, Pés Frios
«Hot Lead and Cold Feet» (EUA/1978). Real: Robert Butler. Int.: Jim Dale, Karen Valentine, Dom Monaghan, Jack Elam. Cor, 86 min. Comédia. (15.25, Canal 1)

Um Desconhecido em Casa
«L'Inconnu dans la Maison» (Fr./1992). Real: Georges Lautner. Int.: Jean-Paul Belmondo, Renée Faure, François Pérot, Hubert Deschamps. Cor, 100 min. Ver Destaque. (20.30, TV 2)

O Bombardeiro
«Bomber» (1982). Real: Michele Lupo. Int.: Bud Spencer, Jerry Calà, Mike Miller. Cor, 100 min. Acção. (21.50, SIC)

E Deus Criou a Mulher
«And God Created Woman» (EUA/1987). Real: Roger Vadim. Int.: Rebecca De Mornay, Vincent Spano, Frank Langella. Cor, 94 min. Drama. (00.20, Canal 1)

No Reino do Silêncio e da Escuridão
«Land des Schweigens und der Dunkelheit» (RFA/1971). Real: Werner Herzog. Int.: Fini Straubinger, Else Fährer, Ursula Riedner. Cor, 85 min. Documentário. (00.50, TV 2)

SEGUNDA, 29

Júlio César
«Julius Caesar» (EUA/1953). Real: Joseph Mankiewicz. Int.: Marlon Brando, James Mason, John Gielgud, Louis Calhern, Edmond O'Brian, Greer Garson, Deborah Kerr. Cor, 117 min. Ver Destaque. (14.00, TV 2)

Barfly, Amor Original
«Barfly» (EUA/1987). Real: Barbet Schroeder. Int.: Mickey Rourke, Faye Dunaway, Alice Krige, Jack Nance, J. C. Quinn. Cor, 97 min. Ver Destaque. (14.20, SIC)

Negócio de Família
«Family Business» (EUA/1989). Real: Sidney Lumet. Int.: Sean Connery, Dustin Hoffman, Mathew Broderick. Cor, 111 min. Ver Destaque. (22.15, SIC)

A Boneca da Morte
«Death Doll» (EUA/1984). Real: William Mims. Int.: Andrea Walters, William Dance, Jennifer Davis. Cor, 81 min. «Thriller». (00.20, Canal 1)

TERÇA, 30

A Collina Maldita
«The Hill» (Gr.Br./1965). Real: Sidney Lumet. Int.: Sean Connery, Harry Andrews, Ian Bannen, Alfred Lynch, Ossie Davis. P/B, 119 min. Ver Destaque. (14.05, TV 2)

O Crime não Compensa
«Railroaded» (EUA/1947). Real: Anthony Mann. Int.: John Ireland, Sheila Ryan, Hugh Beaumont, Ed Kelly. P/B, 68 min. Ver Destaque. (14.20, SIC)

E Deus Criou a Mulher
«Et Dieu... Créa la Femme» (Fr./1956). Real: Roger Vadim. Int.: Brigitte Bardot, Curd Jurgens, Jean-Louis Trintignant, Christian Marquand. Cor, 91 min. Drama. (22.30, TV 2)

OK Patrão!
«OK Patron!» (Fr./1973). Real: Claude Vital. Int.: Jacques Dutronc, Mireille Darc, Axelle Abbade, Michel Constantin. Cor, 81 min. Comédia Policial. (01.15, Canal 1)

QUARTA, 31

A Mulher de Kentucky
«Kentucky Woman» (EUA/1983). Real: Walter Doniger. Int.: Cheryl Ladd, Ned Beatty, Peter Weller. Cor, 100 min. Telefilme. (13.50, TV 2)

Police
(título português não fornecido) (Fr./1984). Real: Maurice Pialat. Int.: Gérard Depardieu, Sophie Marceau, Richard Anconina. Cor, 113 min. Ver Destaque. (14.20, SIC)

O Falcão Ataca de Novo
«Judson Hawk» (EUA/1991). Real: Michael Dryhurst. Int.: Bruce Willis, Danny Aiello, Andie MacDowell, James Coburn. Cor, 95 min. Comédia de Acção. (21.30, Quatro)

Rookie, Um Profissional em Perigo
«The Rookie» (EUA/1990). Real: Clint Eastwood. Int.: Clint Eastwood, Charlie Sheen, Raul Julia, Sônia Braga. Cor, 108 min. Comédia Policial. (22.10, Canal 1)

Calor da Selva
«Jungle Heat» (EUA/1988). Real: J.D. Athens. Int.: Shannon Tweed, Adrienne Barbeau, Bill Maher, Karen Mistral. Cor, 86 min. Comédia de Aventuras. (00.30, Canal 1)

Nota: a Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

PROGRAMAÇÃO

Sábado, 27

CANAL 1

08.00 Programa Infantil/Juvenil
12.00 Luta Livre Americana
13.00 Notícias
13.10 Made in Portugal
13.40 Heróis do Ar
15.10 Emoções Fortes
15.35 Conspiração em Londres
(ver «Filmes na TV»)
17.15 Onda de Verão
18.50 Beverly Hills 90210
19.45 Totototo
20.00 Jornal de Sábado
20.45 Futebol
22.40 Na Paz dos Anjos
23.55 Parabéns
01.45 Quem é Harry Crumb?
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

11.00 A Arca
11.55 O Mundo nos Seus Braços
(ver «Filmes na TV»)
13.40 Tauromaquia
14.10 Musical: «Carl Parkins & Friends»
15.00 Acto de Coragem
16.00 TV2 Desporto
20.30 O Implacável
(ver «Filmes na TV»)
22.10 De Lisboa, Com Amor
22.15 Desenhos Animados
22.25 No Cumprimento do Dever
23.15 Nos Bastidores...
23.45 O Ano do Sol Tranquilo
(ver «Filmes na TV»)
01.30 Woops

SIC

11.30 Programa Infantil/Juvenil
13.20 Portugal Radical
13.30 Gladiadores Americanos
15.00 O Corsário Lafitte
(ver «Filmes na TV»)
16.40 Passageiro Imprevisto
17.00 Curvas Perigosas
18.00 Lei e Ordem
19.00 Minas e Armadilhas
20.00 Jornal da Noite
20.40 Mulheres de Areia
21.40 Os Trapalhões
22.40 A Brincar, a Brincar
23.10 Último Jornal
00.30 Lola
(ver «Filmes na TV»)

Domingo, 28

CANAL 1

08.00 Programa Infantil / Juvenil
12.00 Blossom
12.30 Sem Limites
13.00 Notícias
13.10 Eu Tenho Dois Amores
13.40 Missão Impossível
14.35 Top +
15.25 Pista Quente, Pés Frios
(ver «Filmes na TV»)
17.00 Onda de Verão
19.00 Casa Cheia
19.45 Joker
20.00 Jornal de Domingo
20.45 Futebol
22.45 Na Paz dos Anjos
23.45 Sozinhos em Casa
00.20 E Deus Criou a Mulher
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

09.00 Caminhos
10.00 Novos Horizontes
10.30 70 x 7
11.00 Missa
11.55 Ordens Militares e Religiosas em Portugal
12.25 Regiões
13.10 Lisboa 94
13.45 TV2 Desporto
20.30 Um Desconhecido em Casa
(ver «Filmes na TV»)
22.05 Woops
22.30 TV2 Desporto
23.45 Artes e Letras - «O Reverso dos Cenários» (2ª parte)
00.50 No Reino do Silêncio e da Escuridão
(ver «Filmes na TV»)

SIC

11.00 Verão Radical
11.30 Programa Infantil/Juvenil
13.15 Portugal Radical
13.30 Vida Selvagem
14.30 Estão Todos Bem
(ver «Filmes na TV»)
16.40 Tudo pelas Notícias
17.40 Obras em Casa
18.10 Bom Domingo
20.00 Jornal da Noite
20.40 Os Trapalhões
21.10 Labirinto
21.50 O Bombardeiro
(ver «Filmes na TV»)

Segunda, 29

CANAL 1

08.00 Garfield
08.30 As Gêmeas de Sta. Clara
09.00 A Ilha do Tesouro
09.25 Rua Sésamo
10.00 Pollianna
10.25 Os Raposinhos
10.50 Campo de Férias
11.20 Pé Grande e os Amigos
11.45 Culinária
12.00 Perigosas Peruas
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Os Andrades
14.10 Viajante no Tempo
14.50 Cupido Electrónico
15.20 Duarte e Ca.
15.50 Nem o Pai Morre...
16.25 Claxon
17.00 Caderno Diário
17.10 Acção em Miami
18.05 Culinária
18.20 Ana Raio e Zé Trovão
19.10 Com a Verdade M' Enganas
20.00 Telejornal
20.35 Fera Ferida
21.40 Pátio da Fama
22.40 Contos Assombrosos
23.30 Calor Tropical
00.30 24 Horas
00.50 A Boneca da Morte
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

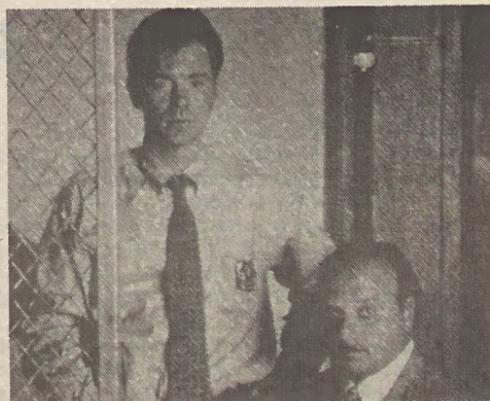
12.00 Infantil
13.00 Os Caminhos da Arte
14.00 Júlio César
(ver «Filmes na TV»)
16.00 Aprender com a Vida
16.50 Sobreviver
17.10 Infantil
18.10 Os Vingadores
18.55 Um, Dó, Li, Tá
19.55 Sarilhos com Elas
20.30 Polo a Polo
21.30 TV2 Jornal
22.00 RTP/Financial Times
22.10 Remate
22.30 Teatro: «Báton»
23.35 Um Homem e uma Mulher
00.30 Frederick Forsyth

SIC

11.35 Grimm
12.00 Tropicallente
13.00 Notícias
13.20 Os Donos da Bola
13.50 Praça Pública
14.20 Barfly - Amor Marginal
(ver «Filmes na TV»)
16.00 Falas Tu ou Falo Eu
17.00 Notícias
17.20 Mulher Proibida
18.20 Sonho Meu
19.25 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.40 Mulheres de Areia
21.40 Ora Bolas, Marina
22.15 Negócio de Família
(ver «Filmes na TV»)
00.25 Último Jornal
00.45 Os 40 Anos da Playboy

QUATRO

10.00 Lumen
11.00 Animação
11.40 Já Tocou
12.05 O Justiciero
13.30 Cassandra
14.30 Um Anjo na Terra
15.25 Encontro
16.00 As Aventuras do Cavalo Preto
16.25 Flintstones
17.20 Morena Clara
18.20 Caprichos
18.50 Estrela
19.30 Informação Quatro
20.10 Flintstones
20.35 Marés Vivas
21.35 Luzes da Ribalta
23.05 Farmácia de Serviço
23.35 Informação
24.00 Fora de Jogo
00.15 Aventuroiros



«A Balada de Nova Iorque»

Terça, 30

CANAL 1

08.00 Garfield
08.30 As Gêmeas de Sta. Clara
09.00 A Ilha do Tesouro
09.25 Rua Sésamo
10.00 Pollianna
10.25 Os Raposinhos
10.50 Campo de Férias
11.20 Pé Grande e os Amigos
11.50 Culinária
12.00 Perigosas Peruas
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Os Andrades
14.10 Viajante no Tempo
14.50 Cupido Electrónico
15.20 Duarte e Ca.
15.50 Nem o Pai Morre...
16.25 Claxon
17.00 Caderno Diário
17.10 Acção em Miami
18.05 Culinária
18.20 Ana Raio e Zé Trovão
19.10 Com a Verdade M' Enganas
20.00 Telejornal
20.35 Fera Ferida
21.30 Nico d' Obra
22.55 Você Decide
23.55 A Lei das Ruas
00.55 24 Horas
01.15 Ok, Patrão
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

12.00 Infantil
13.00 Para Além do Ano 2000
14.05 A Colina Maldita
(ver «Filmes na TV»)
16.00 Aprender com a Vida
16.45 Aviões Militares
17.05 Infantil
18.00 Os Vingadores
18.50 Um, Dó, Li, Tá
19.50 A Vida de Joe
20.20 Rotações
21.30 TV2 Jornal
22.00 RTP/Financial Times
22.10 Remate
22.30 E Deus Criou a Mulher
(ver «Filmes na TV»)
24.00 As Heróinas de Colette
00.55 Frederick Forsyth

SIC

11.35 Grimm
12.00 Tropicallente
13.00 Notícias
13.20 Os Donos da Bola
13.50 Praça Pública
14.20 O Crime Não Compensa
(ver «Filmes na TV»)
16.00 Falas Tu ou Falo Eu
17.00 Notícias
17.20 Mulher Proibida
18.20 Sonho Meu
19.25 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.40 Mulheres de Areia
21.40 Cenas de Um Casamento
22.20 20 Anos, 20 Nomes
23.55 Último Jornal
00.15 Sim, Sr. Ministro
00.45 Os 40 Anos da Playboy



«Woops»

QUATRO

10.30 Lumen 2000
11.00 Animação
11.40 Já Tocou
12.05 O Justiciero
13.05 Visto Isto
13.30 Cassandra
14.30 Um Anjo na Terra
15.30 Animação
16.00 As Aventuras do Cavalo Preto
16.30 Flintstones
16.55 Alf
17.20 Morena Clara
18.20 Caprichos
18.50 Estrela
19.30 Informação Quatro
20.05 Parker Lewis
20.30 Futebol: Atlético de Madrid-Ajax
22.25 Queridos Inimigos
00.30 Informação
00.55 Fora de Jogo
01.10 Anúncios do Outro Mundo

Quarta, 1

CANAL 1

08.00 Garfield
08.30 As Gêmeas de Sta. Clara
09.00 A Ilha do Tesouro
09.25 Rua Sésamo
10.00 Pollianna
10.25 Os Raposinhos
10.50 Campo de Férias
11.20 Pé Grande e os Amigos
11.40 Culinária
12.00 Perigosas Peruas
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Os Andrades
14.10 Viajante no Tempo
14.50 Cupido Electrónico
15.20 Duarte e Ca.
15.50 Nem o Pai Morre...
16.25 Claxon
17.00 Caderno Diário
17.10 Acção em Miami
18.00 Culinária
18.20 Ana Raio e Zé Trovão
19.10 Com a Verdade M' Enganas
20.00 Telejornal
20.35 Fera Ferida
21.25 Vamos Jogar no Totobola
21.40 S6 Riso
22.10 Rookie, um Profissional em Perigo
(ver «Filmes na TV»)
00.10 Informação
00.30 Calor da Selva
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

12.00 Infantil
12.55 Beethoven - Concertos para Piano (3º progr.)
13.50 A Mulher de Kentucky
(ver «Filmes na TV»)
15.40 Aprender com a Vida
16.40 O Barroco nos Caminhos do Ouro
17.00 Infantil
17.50 Os Vingadores
18.45 Um, Dó, Li, Tá
19.45 Sarilhos com Elas
20.20 Documentário
21.15 Desenhos Animados
21.30 TV2 Jornal
22.00 RTP/Financial Times
22.10 Remate
22.20 Grande Noite
23.25 Montparnasse Revisitado
00.30 Frederick Forsyth

SIC

11.35 Grimm
12.00 Tropicallente
13.00 Notícias
13.20 Os Donos da Bola
13.50 Praça Pública
14.20 Police
(ver «Filmes na TV»)
16.00 Falas Tu ou Falo Eu
17.00 Notícias
17.20 Mulher Proibida
18.20 Sonho Meu
19.25 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.40 Mulheres de Areia
21.40 Cenas de Um Casamento
22.20 20 Anos, 20 Nomes
23.55 Último Jornal
00.15 Sim, Sr. Ministro
00.45 Os 40 Anos da Playboy



«Woops»

QUATRO

10.00 Lumen 2000
11.00 Animação
12.00 Já Tocou
12.30 O Justiciero
13.05 Visto Isto
13.30 Cassandra
14.30 Um Anjo na Terra
15.20 Animação
16.00 As Aventuras do Cavalo Preto
16.30 Flintstones
16.55 Alf
17.20 Morena Clara
18.20 Caprichos
18.50 Estrela
19.30 Informação Quatro
20.10 Flintstones
20.30 Marés Vivas
21.35 O Falcão Ataca de Novo
(ver «Filmes na TV»)
23.30 Ficheiros Secretos
00.30 Informação
00.55 Fora de Jogo
01.10 Telemotor



«De Polo a Polo»

Quinta, 25

CANAL 1

08.00 Garfield
08.30 As Gêmeas de Sta. Clara
09.00 A Ilha do Tesouro
09.25 Rua Sésamo
10.00 Pollianna
10.25 Os Raposinhos
10.50 Campo de Férias
11.20 Pé Grande e os Amigos
11.40 Culinária
11.55 Dora e Diário
12.05 Perigosas Peruas
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Os Andrades
14.10 Viajante no Tempo
15.00 Memórias
15.55 Disfarces
16.50 Acção em Miami
17.55 Culinária
18.15 Ana Raio e Zé Trovão
18.55 Lotaria Nacional
19.10 Com a Verdade m' Enganas
20.00 Telejornal
20.40 Fera Ferida
21.30 Isto... Só Vídeo
22.00 O Tal Canal
23.15 Os Inocentes
23.55 24 Horas
00.15 Eu Só Perguntel!
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

12.00 Infantil
13.00 Os Caminhos da Arte
13.50 Queremos a Liberdade
(ver «Filmes na TV»)
15.15 Aprender com a Vida
16.10 Aviões Militares
16.40 Infantil
17.55 Os Vingadores
18.45 Um, Dó, Li, Tá
18.45 A Vida de Joe
20.15 Portugal e o Mar - 8 Séculos de História
21.15 Desenhos Animados
21.30 TV2 Jornal
22.00 RTP/Financial Times
22.10 Remate
22.20 Theodor Chindler
23.30 O Grande Irã
24.00 A Cor do Sexo
00.50 Frederick Forsyth

SIC

11.35 Grimm
12.00 Tropicallente
13.00 Notícias
13.20 Os Donos da Bola
13.50 Praça Pública
14.20 Crónica dos Pobres Amantes
(ver «Filmes na TV»)
16.00 Falas Tu ou Falo Eu
17.00 Notícias
17.20 Mulher Proibida
18.20 Sonho Meu
19.25 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.40 Mulheres de Areia
21.40 Minas e Armadilhas
22.50 Casos de Polícia
00.05 Último Jornal
00.25 Pavarotti em Modena

QUATRO

10.00 Lumen 2000
11.00 Animação
11.40 Já Tocou
12.05 O Justiciero
13.05 Visto Isto
13.30 Cassandra
14.30 Um Anjo na Terra
15.30 Caixa de Perguntas
16.00 As Aventuras do Cavalo Preto
16.30 Flintstones
17.05 Alf
17.30 Morena Clara
18.30 Estrela
19.00 Caprichos
19.30 Informação Quatro
20.05 Parker Lewis
20.30 Marés Vivas
21.35 Nos Bastidores do Poder
23.35 Farmácia de Serviço
00.05 Informação
00.30 Fora de Jogo
00.45 Modelo e Detective

Sexta, 26

CANAL 1

08.05 Garfield
08.30 As Gêmeas de Sta. Clara
09.00 A Ilha do Tesouro
09.25 Rua Sésamo
09.50 Solo
10.15 Os Raposinhos
10.40 Campo de Férias
11.20 Pé Grande e os Amigos
11.40 Culinária
11.55 Dora e Diário
12.05 Perigosas Peruas
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Os Andrades
14.10 Viajante no Tempo
15.05 Memórias
16.05 Disfarces
17.10 Acção em Miami
18.00 Culinária
18.15 Ana Raio e Zé Trovão
19.10 Com a Verdade m' Enganas
20.00 Telejornal
20.35 Fera Ferida
21.30 Jogos Sem Fronteiras
23.05 Cheers
23.40 24 Horas
24.00 Só Falta o Assassino
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

12.00 Infantil
13.00 Os Caminhos da Arte
13.50 Prisioneiros do Terror
(ver «Filmes na TV»)
15.15 Aprender com a Vida
16.10 Segredos do Mundo
16.40 Infantil
17.55 Os Vingadores
18.45 Um, Dó, Li, Tá
19.45 Mulheres no Jazz
20.20 Hitler
21.15 Desenhos Animados
21.30 TV2 Jornal
22.10 Remate
22.35 Corrida de Touros
00.05 Musical - «Ney Matogrosso»
01.10 Frederick Forsyth

SIC

11.35 Grimm
12.00 Tropicallente
13.00 Notícias
13.20 Os Donos da Bola
14.20 O Milagre de Milão
(ver «Filmes na TV»)
16.00 Falas Tu ou Falo Eu
17.00 Notícias
17.20 Mulher Proibida
18.20 Sonho Meu
19.30 O Juiz Decide
20.00 Jornal da Noite
20.40 Mulheres de Areia
21.40 Mini Chuva de Estrelas
22.45 Último Jornal
23.05 Playboy
00.05 O Dia Seguinte
(ver «Filmes na TV»)

QUATRO

10.00 Lumen
11.00 Animação
12.00 Já Tocou
12.05 O Justiciero
13.05 Visto Isto
13.30 Cassandra
14.30 Um Anjo na Terra
15.25 Encontro
15.30 As Aventuras do Cavalo Preto
16.00 Animação
16.30 Flintstones
17.05 Alf
17.30 Morena Clara
18.30 Estrela
19.00 Caprichos
19.30 Informação Quatro
20.05 Flintstones
20.30 Marés Vivas
21.30 Nos Bastidores do Poder
23.30 Farmácia de Serviço
24.00 Informação
00.25 Fora de Jogo
00.40 Escândalos na Riviera
(ver «Filmes na TV»)



«Hitler», uma série documental em 3 partes, a partir de sexta-feira na TV2

QUATRO

08.00 Animação
10.30 Lassie
11.00 Vamos ao Circo
12.00 Caça ao Canudo
13.00 Contra-Ataque
14.00 Top 25
14.35 Estrela
17.15 Olha Quem Ladra
(ver «Filmes na TV»)
19.30 Informação Quatro
20.15 Marés Vivas
21.05 O Jogo do Ganso
00.05 Informação
00.45 Misery, O Capítulo Final
(ver «Filmes na TV»)

23.45 Último Jornal
00.05 Balada de Nova Iorque
01.20 Desporto

QUATRO

08.00 Animação
10.30 Lassie
11.00 Animação
11.30 Informação Religiosa
12.00 Vaticano em Directo
12.15 Missa
14.00 Cêus de África
15.00 Ladrões Apaixonados
(ver «Filmes na TV»)
16.40 Queridos Inimigos
18.35 Duque de Ouros
19.30 Informação
20.05 Trocado em Miúdos
20.30 Futebol: Milão-Sampdoria
22.30 Turno da Noite
01.00 Últimas Notícias
01.15 Caixa de Perguntas



«O Barroco nos Caminhos do Ouro»

Por isto e por aquilo...

Queremos a Liberdade (Quinta, 13.50, TV 2)

«Sinto-me honrado se Chaplin se inspirou em *Queremos a Liberdade*» disse, um dia, René Clair, a propósito da semelhança temática existente entre esta sua obra-prima *Tempos Modernos*, essa outra obra-prima realizada anos depois por Charles Chaplin. De facto, ambos os filmes constituem uma denúncia (ainda por cima, coincidindo na forma da sátira) ao chamado «trabalho em cadeia». Construído como que impregnado da fluidez própria, afinal, dos «filmes mudos», *Queremos a Liberdade* conta a história de dois evadidos de uma prisão, Louis e Émile, que o destino faz encontrar, anos mais tarde, em situações sociais completamente opostas - o primeiro dono de uma empresa e o segundo eterno vagabundo. Dois destaques, entre tantos outros: a cena final, magistralmente encenada, e a fabulosa partitura de George Auric que ficou como modelo no que toca à banda sonora para cinema.

Crónica dos Pobres Amantes (Quinta, 14.20, SIC)

Crónica melodramática, excelentemente posta em cena por Carlo Lizzani, um dos nomes mais destacados do cinema neo-realista italiano, o filme esteve perto de conquistar um prémio no Festival de Cannes, naturalmente porque extremamente bem conseguido, em particular por nos transmitir a imagem implacável de uma época trágica da sociedade italiana - o fascismo.

Prisioneiros do Terror (Sexta, 13.50, TV 2)

Adaptado (muito livremente) do romance de espionagem de Graham Greene, o filme está longe de figurar entre as obras inesquecíveis de Fritz Lang, embora se coloque muitos furos acima dos tradicionais melodramas da época. Com acção situada durante a guerra, em Londres, *Prisioneiros do Terror* é a história de um homem (Ray Milland) que sai de uma clínica para doentes mentais, para onde fora após o assassinato da mulher, e é apanhado nas malhas de um bando de espões nazis.



Um fotograma de «Queremos a Liberdade», de René Clair

andar (tratava-se de um retrato de três gerações de uma família de fulanos com uma invulgar tendência para o crime e seus derivados) e, nos três principais papéis, estavam à disposição outros tantos intérpretes ideais - Matthew Broderick, no filho, Dustin Hoffman, no pai, e Sean Connery, no avô. Mas o realizador Sidney Lumet tratou de fazer coexistir durante largo tempo (e sem grandes vantagens) as atmosferas de comédia e de drama - o que, se por vezes funciona muito bem, neste caso, não ajudou à construção de uma obra desigual que é mais do que apenas interessante.

A Colina Maldita (Terça, 14.05, TV 2)

Já este segundo filme realizado por Sidney Lumet é bem mais homogêneo na sua construção e pode considerar-se um dos melhores que esta semana televisiva nos oferece: estamos perante um dos mais fortes e brilhantes manifestos contra a prepotência,



Marcello Mastroianni e Sean Connery, actores com dupla presença, esta semana, na SIC e na TV 2



Faye Dunaway e Mickey Rourke, em «Barfly», de Barbet Schroeder

O Milagre de Milão (Sexta, 14.20, SIC)

Muito mais poético do que realista - ao contrário dos seus filmes anteriores - *O Milagre de Milão* permanece, naturalmente, com uma das grandes obras da fase mais criadora do realizador italiano Vittorio de Sica, contando-nos a história de Tóto, um miúdo simples capaz de renovar a esperança nos habitantes de um miserável bairro de barracas de Milão. Nas palavras de de Sica, o filme «é uma fábula, e a minha única intenção foi a de tentar narrar um conto de fadas do séc. XX».

O Dia Seguinte (Sexta, 00.05, SIC)

Trata-se de um dos mais badalados telefilmes dos anos 80, com transposição «obrigatória» para as grandes salas. Embora realizado com contida espectacularidade, o filme tem como argumento (típico de uma fase de agravamento da «guerra fria») a corrida aos armamentos; e foi construído tendo como pano de fundo o aumento das tensões entre os EUA e a URSS, que faz desencadear o lançamento de mísseis atómicos intercontinentais. Jason Roberts tem um bom papel na figura de um médico que luta para minorar a tragédia das consequências das explosões atómicas.

O Ano do Sol Tranquilo (Sábado, 23.45, TV 2)

Esta história de um amor impossível entre uma viúva polaca e um soldado norte-americano situa-se no pós-guerra e é um caminho para o cineasta polaco Zanussi dar a sua visão, sensível e poética, de uma época sombria e trágica em toda a Europa - um filme com excelentes referências, que foi produzido pela Polónia em cooperação com os EUA e a RFA.

Loja (Sábado, 00.30, SIC)

É o terceiro dos filmes pertencentes à tetralogia dedicada, por R. W. Fassbinder, à Alemanha nazi e pós-Nazi - um período reflectido e escarpado pelo realizador através das histórias de quatro mulheres. Desta vez, o pano de fundo é a especulação imobiliária em meados dos anos 50 e *Lola*, ao contrário de *Lily Marleen* ou *Maria Braun* (retratos de mulheres lutando pela sobrevivência numa Alemanha saída das ruínas), é apresentada por Fassbinder como a mulher-objeto submetida à vontade dos homens. Independentemente de algumas interpretações francamente cabotinas e do gosto por vezes duvidoso de alguns dos cenários, o filme é fabuloso do ponto de vista da encenação, da fotografia e da iluminação.

Misery, O Capítulo Final (Sábado, 00.45, Quatro)

Um escritor de sucesso fácil tem um acidente de automóvel e é salvo e recuperado por uma solícita mulher que o traz para a sua casa de campo. Mas eis que esta se depara com uma feliz coincidência: o homem que acabara de salvar é o autor dos livros da sua preferência e, absolutamente indignada com o desaparecimento do seu «herói» preferido (*Misery*), obriga o escritor (através dos métodos mais horrorosos e inquietantes) a fazer revivê-lo num romance escrito sob pressão... Um filme de desiguais situações de *suspense*, que não é dos mais conseguidos na interessante carreira de Rob Rainer, mas que vale sobretudo pela espantosa interpretação de Kathy Bates numa espectacular viragem de personalidade criada ao longo do filme.

Estão Todos Bem (Domingo, 14.30, SIC)

Prestigiado fotógrafo, largamente premiado, Giuseppe Tornatore dedicou-se ao documentário televisivo e a sua fama de realizador de ficção chegou justamente com o seu segundo filme, o notável *Cinema Paraíso*. Em *Estão Todos Bem*, Tornatore continua a explorar, com inegável talento, a atmosfera nostálgica dos seus filmes, desta vez contando-nos a história de um velho reformado que percorre a Itália de visita aos filhos, aproveitando o realizador para fazer as suas incursões nas memórias do cinema italiano. Com um excelente Marcello Mastroianni.

Um Desconhecido em Casa (Domingo, 20.30, TV 2)

Jean-Paul Belmondo, de que a TV 2 nos vem dando ultimamente alguns filmes, tem aqui um dos seus papéis mais inesperados - longe da espectacularidade dos argumentos que se acostumou a habitar - na figura de um velho advogado que vive atormentado durante anos pelo suicídio da mulher. É o recente regresso do actor ao cinema, após uma larga temporada em que representou nos palcos teatrais.

Júlio César (Segunda, 14.00, TV 2)

«Não o rodei a cores porque, com a possível excepção de *E Tudo o Vento Levou*, nunca me foi dado ver, a cores, um filme verdadeiramente bom, sério e dramático. Não se consegue atingir o dramatismo nem criar pessoas reais, a cores. Este filme é sobre os sentimentos e a violência, próprios das pessoas reais - com as suas ambições e os seus sonhos. E as pessoas sonham a preto e branco, não em *technicolor*». Estas palavras de Joseph Mankiewicz ajudam a perceber, ainda, o lado de «reportagem-quase-jornalística» que o realizador pretendeu transmitir à sua versão de *Júlio César*, transformando-a em uma das melhores adaptações de Shakespeare, em geral (e de *Júlio César*, em particular), ao cinema. Tudo se passa no ano de 44 a.C., à volta da conspiração de *Cassius e Brutus* para a eliminação de *César* - com a decisiva viragem do discurso de *Marco António* voltando o estado de espírito da população contra os assassinos. À frente de um fabuloso elenco, brilham a grande altura, como é natural, John Gielgud e James Mason, mas Marlon Brando (contra as generalizadas previsões) construiu uma das mais brilhantes composições de sempre da personagem *Marco António*.

Barfly, Amor Original (Segunda, 14.20, SIC)

Barbet Schroeder, o realizador deste filme, conhecido pelas temáticas invulgares que aborda nas suas obras, é um produtor, realizador e fotógrafo francês, colaborador dos *Cahiers du Cinéma*, que sobretudo deu que falar pela biografia filmada do ditador africano Idi Amin Dada, realizada em 1974 e geralmente considerado o seu melhor filme. Prosseguindo na senda do insólito, Schroeder aborda neste filme a biografia de Charles Bukowski, um dos mais polémicos representantes da geração *beat*, num filme que, curiosamente, leva o nome do próprio Bukowski na ficha técnica, como autor do argumento, e tem na brilhante Faye Dunaway e em Mickey Rourke (naquele que é o melhor e talvez único grande papel da sua carreira) dois intérpretes à altura.

Negócio de Família (Segunda, 22.15, SIC)

A história tinha pernas para

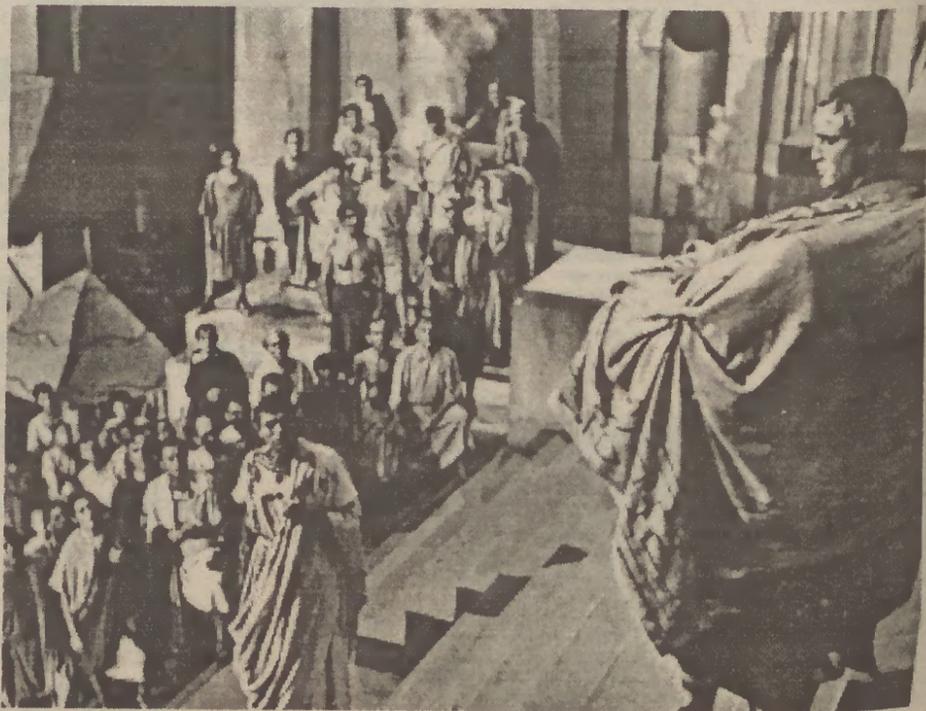
a violência gratuita e o abuso do poder que o cinema jamais nos deu, num crescendo de poderoso dramatismo que o realizador faz erguer a partir do cortejo de sofrimentos a que um punhado de homens são sujeitos num campo disciplinar na África do Norte, nos finais da II Grande Guerra. Acontece que, para desespero do espectador, o filme é transmitido a uma hora inadmissível. Aliás, refira-se que, dos dezasseis filmes que (por isto e por aquilo) aqui nos pareceu serem de destacar, nada menos do que dez são transmitidos entre as 14.00 e as 16.00 horas (!) na SIC ou na TV 2 - o que diz bem do total desrespeito dos operadores de televisão pelos espectadores, da sua estratégia de programação para o «horário nobre» e da consequente e ditatorial imposição de gostos e padrões de consumo.

O Crime não Compensa (Terça, 14.20, SIC)

História de um criminoso insensível e cruel em perseguição de uma mulher, *O Crime Não Compensa*, embora visivelmente produzido com parcos meios, é um dos melhores filmes *negros* do realizador norte-americano Anthony Mann.

Police (Quarta, 14.20, SIC)

Através de elaboradas movimentações da câmara que constantemente sugerem a busca da verdade, Maurice Pialat acaba por salvar da desgraça, com o seu brilhantismo e talento, aquilo que, nas mãos de um realizador menor, nunca passaria de um argumento ultraconvencional: o vai-e-vem das mentiras e dos embustes, numa história de inquérito sobre uma rede de traficantes de droga.



Marco António (Marlon Brando) acusa os assassinos, em «Júlio César», de John Mankiewicz

■ recolha de Francisco Costa

Figuras públicas*

Uma filosofia de vida

«Eu, em puto - quando havia jogos tipo-cowboys-índios - nunca era cowboy nem nunca era índio. Era sempre espião. Os índios pensavam que eu era espião deles e estava a espiar para os cowboys - e vice-versa. E então divertia-me muito mais que os outros todos, porque jogava a dobrar. E, no final de tudo, ainda os surpreendia a todos porque tinha estado a fazer bluff. Essa é um bocado a minha política de vida - não por opção "académica" mas porque eu sou naturalmente assim.»

«Quando eu falo em "vender-me" é só nesta perspectiva: eu cheguei aos 40 anos (pouco antes de chegar aos 40 anos), olhei para trás e ainda não se tinha passado nada, a não ser trabalho. (...) Eu "pagava" para fazer televisão na altura. Portanto, a minha vida foi uma cadeia de trabalho tão duro, tão duro, que hoje em dia - de há dois ou três anos para cá - eu tenho pela primeira vez prazer em trabalhar. (...) Não sou especialmente bem pago em relação aos outros. Produzo é muito, faço 313 programas de televisão por ano, portanto é óbvio que ganho bem. (...) Obviamente que agora estou um bocado mais "vendido" ao meu bem-estar e ao meu egoísmo do que dantes, quando estava só entregue à causa pública.»

«Eu estou "vendido" à política do *mainstream*, se quiseres, de agradar a muita gente, de ter audiências, eu considero os meus programas como mais um "canalzinho" - todos os dias analiso as audiências, todos os dias me preocupo e quero que eles sobrevivam nesta voragem da concorrência. E então estou "vendido", se quiseres, à grande corrente, aos bons *shares* - nessa perspectiva. Não me interessa fazer programas geniais para 13% de *share*. Não tenho compromissos nem políticos, nem com empresas, nem... Rigorosamente nada, sou profundamente livre.»

«Eu não preciso de fazer fretes porque eu sou naturalmente amigo de consensos. Eu gosto de gostar. Eu adoro o Sérgio Godinho, eu adoro o Quim Barreiros...»

«Gosto imenso que se diga que "aquele gajo está cheio de dinheiro, é um gajo riquíssimo", é o máximo... Porque eu acho que o espectáculo é isso mesmo! (...) A gente vai ao circo para ver lantejoulas, coisas a brilhar, e não interessa se aquilo é cozido à mão e se está roto e como é que é nas *roulottes* e nos bastidores. Não interessa! O público quer é *glamour* e eu, aí, sou mestre na arte do *marketing*. Toda a gente acha que o Balsemão e o Belmiro de Azevedo ou o Ilídio Pinho, ao pé de mim, são uns simples remediados - o que é ótimo! Mas não é verdade!»

«Eu acho que nenhuma operação de *marketing* se aguenta mais de dez anos. Depois começa a ser mentira, as pessoas desistem, vai-se embora o verniz e voltam à normalidade. E tu vês isso hoje em dia com os ex-comunistas, com os ex-hippies, com os ex-yuppies, com os ex-honestos, os ex-corruputos... Há um ciclo mágico de dez anos em que se consegue "endrominar" as pessoas - e, depois, aquilo volta ao normal.»

Brinquedos de perdição

«Não tenho uma única prestação por pagar, porque continuo a ser muito provinciano. Junto primeiro, pago ao Estado um balúrdio - e, depois, com o que fica, compro coisas.»

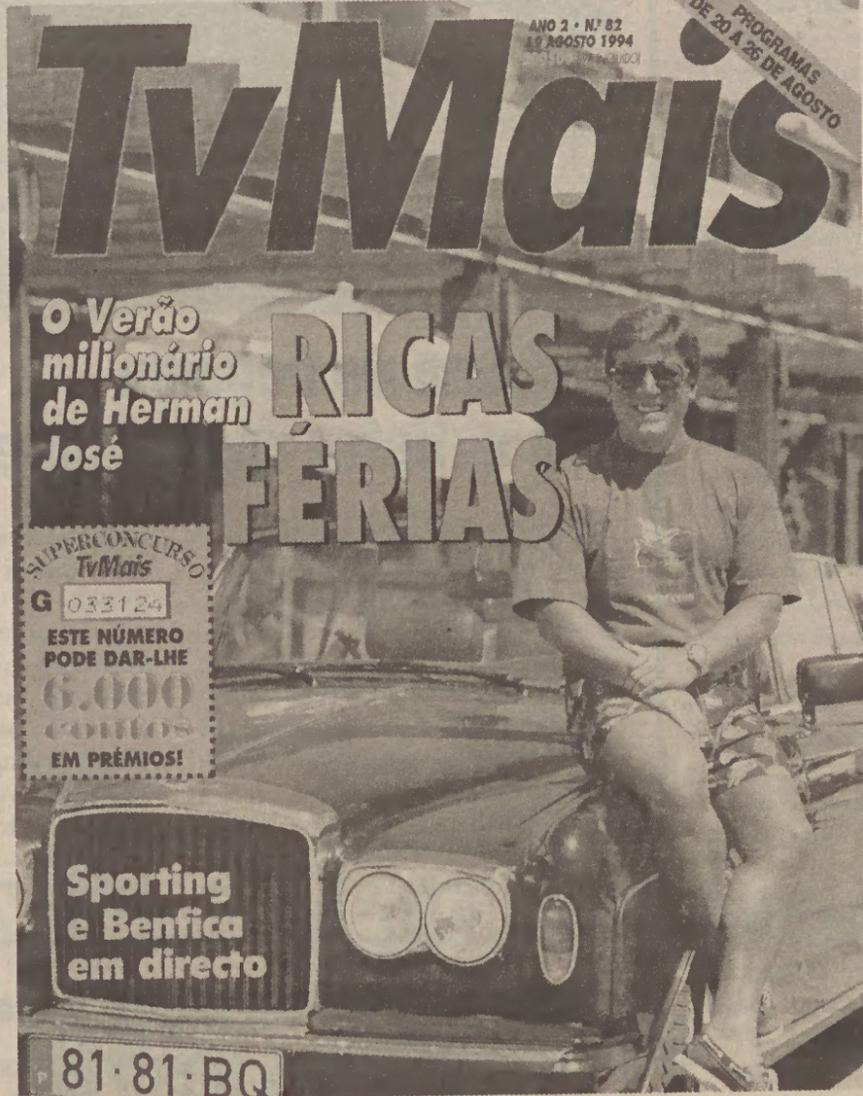
«Eu acho que a riqueza é ter capital, ter indústrias, ter o que tu quiseres - e ter alguns sinais exteriores de riqueza. Eu só tenho alguns sinais exteriores - e mais nada!»

«Eu saí do meu bem-estar de filho único de um casal da classe média-alta para ir para a rua, andar a pé durante um ano, à chuva, dar explicações a sessenta paus por hora, por causa de um carro! Portanto, vê bem o que eu não sou capaz de fazer por causa de um qualquer outro sonho material. Adoro brinquedos, desde sempre! (...) As pessoas que adoram brinquedos têm um grande desprezo pelo dinheiro, porque se um brinquedo não vem no próximo mês, vem no próximo ano...»

«A minha verdadeira casa é uma casinha campestre, pequenina, em Azeitão. E esse apartamento tem uma função quase... não diria profissional... mas é um sítio onde eu tenho de receber pessoas, é uma sala de visitas... (...) Quando tu vês os teus entrevistados Ricardo Salgado ou Jardim Gonçalves a falarem, em nome do banco, nos seus gabinetes, estão em sítios bonitos, que espelham de alguma maneira um certo ordenamento, um certo bom gosto...»

Os limites da liberdade

«Se, a troco de cada gargalhada, eu vou juntando inimizades e mal-estares, isso é muito engraçado para doze programas mas não é engraçado para... (...) Na tua camada de "bolo de bolacha", aquilo (a série "Sim, Primeiro-Ministro") é uma coisa gravíssima (subversiva);



«Eu sou o meu maior crítico. Eu tenho um instinto autocrítico devastador.»

e, porque tens uma grande informação cultural e intelectual, "apanhas todas as bolas"... (...) Mas, se tu pegares (mesmo ao nível inglês) numa série daquelas, é muito engraçado, é giro, eles representam bem, mas não tem, de todo, o impacto que tu pensas que tem!»

«A primeira liberdade do dinheiro é, profissionalmente, dizer que não! (...) É tornar-te relativamente - se não completamente - incorruptível. Não é por acaso que os italianos, numa altura tão conturbada, escolhem um milionário para primeiro-ministro. Porque tu não podes chegar ao Berlusconi com um cheque de 50 mil contos e dizer-lhe assim... "ó primeiro, veja lá se me consegue..." - porque 50 mil contos é o que ele paga de manutenção do barco, por ano, está-se a borrfar!»

«Eu não tenho o discurso miserabilista, eu não venho para os jornais queixar-me de... Eu acho que é possível a gente pegar em nós e funcionar doutra maneira... Nessa perspectiva, é o *marketing* pela positiva, pela lantejoula, pela...»

Jet set, jé-te oito, noves fora nada

«Isso era uma grande injustiça e uma grande maldade que eu lhes faria - pôr as coisas só nesses termos - quer dizer: pegar em meia dúzia de pessoas de que eu gosto muito (da chamada *beautiful people*) e dar-lhes só o sentido de um quadro ou de uma coisa que a gente pendura, de *bibelots*, não é disso que se trata. Daquela classe social e daquele estrato económico - ou estético, se quiseres - são algumas pessoas de quem eu gosto e com quem me divirto muito e que têm hábitos muito simpáticos e que têm condutas divertidas e de que gosto tanto como de outras, de outras áreas - só que, daqueles fala-se, e dos outros ninguém fala!»

«Obviamente que, não chegar de metro a uma festa, faz uma certa diferença - ou não chegar à boleia; mas isso é só um pormenor pontual e acessório.»

Olá, Herman!

«(Isso está ligado à paragem cultural até ao 25 de Abril). Como havia muito pouca importação de ideias, também o sentido do humor estagnou. Dentro da estagnação, havia pessoas geniais (...), mas havia um tipo de disparate - "anglo-saxónico", se lhe quiseres chamar - que

ainda não tinha chegado a Portugal.»

«Não tirei um curso de Direito, não tirei um curso de engenheiro, não tirei outro qualquer curso superior e a energia que eu tinha a obrigação de gastar para me profissionalizar, meti-a na minha profissão. É uma questão de seriedade.»

«Tive o privilégio, graças à pobreza do meio, de fazer muito mais horas de televisão do que todos os meus colegas juntos. Então, pegando em algum talento que tinha, sinto que já aprendi muito.»

«Uma coisa que tu digas às sete horas da tarde não tem a mesma gravidade do que uma coisa que tu digas sábado às onze da noite. (...) Às vezes falho, mas tenho muitas preocupações porque a mim interessa-me que o programa dê mais bem-estar do que mau-estar.»

«Quanto mais importância a gente tem, mais responsabilizados somos e mais ramificações e telhados de vidro e problemas temos na cabeça - é uma coisa maquiavélica!»

«Uma das minhas buscas é onde é que está esse equilíbrio entre o momento em que a gente pára e recupera e respira fundo e o momento em que inventámos energias para distribuir pelas pessoas. Porque, a partir do momento em que sentisses que apenas estava a fazer palhaçadas para "facturar", preferia então mudar de negócio. Hoje em dia, já tenho se calhar prestígio e dinheiro suficientes para mudar de negócio.»

«A amizade, com A grande, são

aquelas pessoas que vão para o pé de ti se tu estiveres com gripe, ajudar-te, e que não se importam de apanhar gripe, que vão nas alturas mais negras apoiar-te...»

«Desde puto que me habituei à ideia (e acho que ninguém me incutiu isso) de que nada está garantido, ou seja, na altura em que tu vais abrir a tua maravilhosa *sande*, ao lanche no meio do campo, vem um cão e leva-ta! E tu tens de estar sempre emocionalmente preparado - ou, de preferência, tecnicamente preparado - para esse acto. E, então, se por acaso te preparaste antes e tens outra *sande*, ótimo!»

«Estou preparado para sair amanhã, já.»

de FOICE

Negócios cómicos

Uma jornalista de escândalos - políticos e outros - ao deixar-se entrevistar por um cómico do jet-set, que usou nas perguntas a mesma pseudo-ingenuidade com que poucos dias antes respondera a uma entrevista, pôs, não um, mas vários dedos nas feridas abertas pela política praticada pela maioria laranja e pelas ajudas que esta tem recebido do Partido Socialista, nomeadamente do seu secretário-geral, António Guterres. A jornalista apontou mesmo o escândalo, mais um, de Guterres dar uma mãozinha, "todos os dias", a Cavaco Silva. Não deixa de ser curioso que, embora os comunistas venham, desde há muito, denunciando essas cumplicidades, que são mais graves do que um programa cómico pode deixar entrever, esse facto não pareça relevante a muitos comentadores, analistas e pesquisadores de factos, cujas conclusões, se as tiram, apenas apontam para um morno caos, donde não saem perspectivas senão as da perpetuação no poder do cavaquismo, com Cavaco ou sem ele.

É certo que, para este tipo de analistas, comentadores e pesquisadores, a situação actual, económica, política, social, cultural do país e do mundo não revela perigos nem precisa de urgentes mudanças. É apenas uma grande maçada que não lhes atinge os rendimentos, antes fornece motivos de descobrir mazelas, pôr a nu intrigas, agitar escândalos, vender papel usando as verdades que as comadres descobrem quando se zangam.

É certo que, para muitos, o que os comunistas afirmam e fazem não é para escrever nem para mostrar. A não ser quando sirva, na óptica do anticomunismo, para lançar mais uma acha na verdadeira campanha à alemã, que visa marginalizar a opinião e proibir a acção dos que, para além de uma postura de oposição verdadeira no seio das instituições, agem junto dos trabalhadores e do povo em defesa dos seus interesses e propõem medidas concretas para uma verdadeira alternativa.

A não ser quando um árbitro se vê sob processo disciplinar por afirmar - ao "Avante!, que medo! - que algo está podre no mundo do futebol; ou quando um - um! - elemento de uma comissão de utentes se queixa dos outros elementos da comissão, apontando-os como comunistas e conseguindo assim reunir uma conferência de imprensa inteira para os denunciar. A não ser, portanto, quando se trata de apontar a dedo - como antigamente -, como um perigo social, os que realmente fazem frente à política de Cavaco...

O resto é... "política".

É política mostrar a lista dos barões e baronetes do PSD, como o fez o "Semanário" que, em estilo "Olá", lhes descreve as finas inteligências e as gordas riquezas e demonstrando que, quanto mais espertos e mais gordos menos agradam a Cavaco.

É política mostrar como face da oposição "viável" o chefe de um partido que discorda menos de Cavaco que os baronetes deste. Por exemplo, o "Diário de Notícias" de ontem, numa abundante entrevista a Guterres, titulava que o "PS lança novo repto na reforma eleitoral". O título serve bem de manchete, anuncia novidades. Mas vai-se a ler e conclui-se que, embora denunciando as falsidades anti-regionalização do primeiro-ministro, o secretário-geral do PS está disposto a trocá-la por um novo cozinhado eleitoral. O que o preocupa são os círculos, onde poderia ir buscar deputados para uma maioria impossível. Quanto ao resto, diz: "Se o Primeiro-ministro não quer fazer a regionalização, é lá com ele!" Numa entrevista cómica, este tipo de negócios foi apontado. E a entrevistada pôs o dedo na ferida. Do que realmente se trata, porém, é de remediá-la.

■ LM

Bancários prosseguem greve às horas extraordinárias

Iniciada na passada segunda-feira, prossegue até ao próximo dia três a greve dos trabalhadores bancários às horas extraordinárias. Em causa estão as propostas das administrações relativas à revisão do acordo colectivo de trabalho, as quais, do ponto de vista das organizações sindicais, representam uma redução dos salários reais e a perda de algumas das regalias em vigor.

Sindicatos e patronato voltam hoje a sentar-se à mesa das negociações, depois de quatro semanas de contactos, prevenindo-se que os representantes dos trabalhadores continuem a bater-se por aumentos na ordem dos 6,5 por cento (a proposta inicial era de 8,4 por

cento), contra os 2,4 por cento propostos pelo grupo negociador patronal.

Com a adopção desta forma de luta - cumprir escrupulosamente o horário de trabalho, não trabalhando nem mais um minuto -, os bancários evidenciam a sua determinação em afirmar que chegou a hora de dizer basta! e que estão dispostos a prosseguir uma acção reivindicativa pela dignidade da classe, por uma tabela salarial justa e pela defesa dos seus direitos.

A anteceder a greve às horas extraordinárias, recorde-se, os eleitos nas listas unitárias nas Estruturas Representativas da Banca entregaram, faz hoje oito dias, na Associação Portuguesa de Bancos, em Lisboa,

um abaixo-assinado que recolheu o apoio de milhares de bancários, e que constituiu uma significativa expressão da sua indignação pela política sociolaboral desenvolvida na banca.

Agricultores contra traçado do gasoduto

Agricultores do Baixo Mondego, insatisfeitos com as obras da rede de gás natural, apelaram à Procuradoria-Geral da República para que intervenha no sentido de "evitar ocorrências eventualmente lamentáveis".

O porta-voz da comissão de proprietários e rendeiros

lamentou que a Transgás "nada tenha feito daquilo que prometeu", acrescentando que os proprietários e rendeiros "permanecem vigilantes e decididos a impedir a continuação dos trabalhos do gasoduto nos seus terrenos.

Na exposição, os agricultores queixam-se de um "secretismo injustificado" em redor do processo de implantação do gasoduto, facto que, em sua opinião, os impediu de "formular sugestões susceptíveis de enriquecer o suporte instrutório da decisão" tendente à definição do traçado da rede de gás natural.

Na perspectiva dos queixosos, que remeteram ainda a exposição ao ministro da Indústria e ao Provedor de Justiça, houve óviolação do direito fundamental dos administrados à participação na formação das decisões que lhes digam respeito".

No mesmo documento, para além de se queixarem de certas exposições por si enviadas à Direcção-Geral de Energia, os agricultores aludem a eventuais traçados alternativos "que assegurariam um mais justo equilíbrio entre o interesse público e os direitos fundamentais de proprietários e rendeiros".

Neste contexto, os agricultores entenderam pedir à Procuradoria-Geral da República que ópromova urgentemente os mecanismos contenciosos preventivos que permitam evitar ocorrências eventualmente lamentáveis".



Sistema de regadio não satisfaz agricultores

Promovido pela Associação Distrital dos Agricultores de Coimbra (ADACO), com o apoio da CNA, realiza-se no próximo dia 17 de Setembro, em Sobreiro (Condeixa-a-Nova), um plenário com vista a adoptar formas de luta que conduzam à rápida resolução do problema criado em torno do regadio que serve os agricultores das freguesias de Sebal Grande e Anobra.

Em causa estão concretamente os buracos e deficiências no trajecto do regadio do Botaréu à Melhora, que abrange uma área de 28,5 hectares,

levando a que cerca de 70 por cento da água se perca e que cerca de metade dos terrenos fique por regar.

De acordo com um comunicado da ADACO, os agricultores já obtiveram promessas de que a situação iria ser resolvida por parte da Hidráulica do Mondego, dos sucessivos presidentes da Câmara de Condeixa-a-Nova e do Governador Civil de Coimbra, mas a verdade é que, apesar de todos os compromissos, a situação mantém-se inalterada para desespero das populações.

No próximo dia 24 de Setembro Alentejo em peso em Lisboa

Sensibilizar as autoridades centrais para os graves problemas da região, tal é, em síntese, o grande objectivo que anima os organizadores de uma iniciativa que dá pelo nome de "Embaixada do Alentejo em Lisboa", a realizar no próximo dia 24 de Setembro.

A ideia partiu da Comissão Executiva do "Movimento Alentejo pela Regionalização e Desenvolvimento", criada em Março último, tendo na ocasião este movimento de opinião posto a circular por todo o Alentejo um abaixo-assinado que já recolheu muitos milhares de assinaturas de apoio.

Do programa da embaixada que se deslocará a Lisboa, constituída por todos os alentejanos que a queiram integrar,

constam as seguintes iniciativas: na parte da manhã, depois de uma largada de pombos, um grande desfile de grupos corais, bandas de música e fanfarras, com trajecto previsto entre a Casa do Alentejo (Rua das Portas de Santo Antão) até ao Parque Eduardo VII; à tarde, após um piquenique no Parque, haverá um espectáculo com artistas alentejanos, seguido de uma sessão de encerramento com intervenções de vários elementos da comissão promotora. Patente ao longo de todo o dia, no Parque Eduardo VII, estará uma mostra de artesanato e produtos regionais, estando igualmente assegurada a gastronomia e os bons vinhos da região.

